A HISTÓRIA DO MUNDO EM CINQUENTA CACHORROS

MACKENZI LEE

Ilustrações de Petra Eriksson

MACKENZI LEE
Ilustrações de Petra Eriksson

A HISTÓRIA DO MUNDO EM CINQUENTA CACHORROS

Tradução de Sofia Soter

darkside

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Prefácio

Domesticação canina: Uma rápida introdução ao notório C.Ã.O.

Fazendo a egípcia: Abuwtiyuw, o primeiro registro de nome de cão da história

Ca-xoloitzcuintli: Ela é linda, absoluta, é Xoloitzcuintli

Panhu pega geral: O ancestral original da mitologia chinesa

Argos, o cão leal da *Odisseia*: O primeiro cachorro morto da literatura ocidental

Todos os cães merecem o céu: Rei Yudhisthira e o cão do *Mahabharata*

Peritas, o Grande: O cachorro um tanto mítico de Alexandre, o Grande

Gosto muito de te ver, leãozinho chinês: O Pequinês e outros cães-leão da China

O cão rei da Noruega não sabe o que faz: A história mítica de regentes ranzinzas

São Roque, padroeiro dos cachorros: Senhor, fazei-me instrumento de vossos biscoitinhos

Donnchadh, o fiel escudeiro de Roberto I: Caçador de recompensas por acidente

Cãoquistadores! Cachorros forçados a serem cúmplices do colonialismo

O Pug que sabia demais: Como um cachorro impediu um assassinato real

Urian, o Galgo: Um cão mastiga a Igreja católica

A guerra dos ossos: Os cachorros da Guerra Civil Inglesa

A gravidade da situação: Quando o cachorro de Isaac Newton quase estragou tudo

O xógum dos cães: Protegendo os vira-latas do Japão

Quero conhaque! Barry e os cães de resgate do passo do Grande São Bernardo

“Se quiser um amigo em Washington, adote um cachorro”: Primeiros-cães na Casa Branca

O Pug Fortune: Napoleão Bonaparte é osso duro de roer

Au au oeste! Lewis, Clark e o Terra-Nova Seaman lideram a descoberta

Minha fama de mau-au: Boatswain, o cachorro de Lord Byron, e também: qual é a do Romantismo?

O caso do cachorro marrom: Ou, PLMDDS, parem de usar cachorros em experimentos científicos

Greyfriars Bobby: E outros rabinhos

fiéis

Fido-lidade: De onde veio o nome “Fido”?

Amor não se compra: Caroline Earle White e os primeiros abrigos para animais abandonados dos Estados Unidos

“Alô? Aqui é o cachorro”: Como o cachorro de Alexander Graham Bell ajudou a inventar o telefone

Vamos fugir deste lugar: Bud Nelson e a primeira viagem de carro pelos Estados Unidos

Lizzie Borden e seu machado fizeram picadinho… para o Boston Terrier almoçar

Cuidando do parcão: John Muir e Stickeen, parceiros de aventura

O Au-scar vai para… Cachorros no cinema

***My* au-au *will go on*:** Cachorros no *Titanic*

História concisa de cães terapêuticos: Como você se sente sobre isso?

Cães de guerra, parte 1: Combatentes caninos da Primeira Guerra Mundial

Os últimos cães fiéis da Rússia: O czar não sobreviveu, mas o cachorro não morreu

A Guerra do Cachorro Fugido: Ou: o estranho caso do cachorro de guerra

Lobos gigantes contra a difteria: Togo, Balto e a Corrida da Misericórdia para salvar Nome, no Alasca

Os Corgis de Sua Majestade: Como batatinhas peludas viraram um símbolo da Coroa britânica

O primeiro cão-guia dos Estados Unidos: O passeio que fez história

Cão de aluguel: A mascote de quatro patas da represa Hoover

O exército de cachorros falantes de Hitler: Não vingou

Quem desenterra osso é arqueólogo: O cachorro Robot descobre as pinturas rupestres de Lascaux

Cães de guerra, parte 2: Cães soldados da Segunda Guerra Mundial

CACHORROS! NO! ESPAAAAAÇO! Como os cães levaram a humanidade ao espaço

Martha, *my dear*! O primeiro cachorro beatlemaníaco

Igualdade racial é pedir muito? Nelson Mandela e seu cachorro, Gompo

Os resgates caninos do Onze de Setembro: Um melhor do que o outro

Virgem Maria! Como Snuppy se tornou o primeiro cão clonado do mundo

Quem quer ser um montanhista? De vira-lata abandonado a primeiro cachorro a escalar o monte Everest

Em extinção: Raças caninas perdidas

para a história

Bibliografia selecionada

Sobre a autora

Créditos

PARA TODOS OS CÃES QUE JÁ AMEI,
ESPECIALMENTE QUEENIE

PREFÁCIO

Como acontece com a maioria das pessoas, minha vida mudou completamente quando adotei um cachorro.

Eu cresci com cachorros, trabalhei como passeadora de cachorros, fui a tia divertida dos cachorros de todos os meus amigos, pulei de carros em movimento para fazer carinho em cachorros aleatórios na rua. Mas eu só fui entender mesmo o que significa ter um cachorro quando trouxe para casa uma bolinha peluda de seis quilos da raça São-Bernardo.

Isso quer dizer que tudo o que você tem de bom em casa vai acabar com marcas de mordidas, coberto de baba ou ambos. Ou… talvez não sobre nada inteiro. Você nunca mais sairá de casa sem uma camada generosa de pelo canino, e seu tempo na rua será determinado por quanto o cachorrinho aguenta. Um narigão preto às vezes vai aparecer debaixo da cortina do chuveiro no meio do seu banho. Será preciso enfiar a mão na garganta do cachorro para arrancar o passarinho morto que ele tentou comer da sarjeta num momento de distração sua. Às vezes, você acordará às quatro e meia da manhã porque a bolinha de pelo virou uma bolona e quer brincar — e é assim que acabará escrevendo o prefácio do livro antes de o sol nascer, enquanto ela se deleita estripando um bichinho de pelúcia aos seus pés.

Mas isso também quer dizer que seu coração viverá fora do peito. Sua alegria estará apegada àquele sorrisinho canino e ao rabinho abanando. Você vai querer ser a pessoa que seu cachorro acha que

você é, mas você sabe que nunca será, e que ele te amará mesmo assim. Fotos quase idênticas do cachorro dormindo lotarão o álbum do seu celular, que você abrirá para mostrar para todo mundo que conhece, quer peçam, quer não. A vida de repente transbordará de amor ilimitado em todas as direções.

No final das contas, todos os clichês sobre ter um cachorro são verdadeiros.

Diz a máxima que devemos *escrever sobre o que conhecemos*. Por isso, conforme o último ano da minha vida foi sendo consumido pela minha nova dependente peluda que agora tem 55 quilos de graça e baba, comecei a colecionar histórias de cães históricos.

Sempre amei história, mas aprendi que o que mais me fascina não são as guerras, a política, os congressos ou os eventos importantes registrados em placas. Eu me atraio por narrativas mais engraçadas e menos conhecidas, que não só comprovam que a história é profundamente estranha como também mostram a universalidade da experiência humana — e, neste caso, canina. Essas anedotas sobre cães ao longo dos tempos abrem pequenas janelas para os momentos históricos maiores nos quais elas aconteceram e para a vida dos humanos que esses cachorros acompanharam.

Este livro contém histórias de cachorros — umas verdadeiras, outras míticas e algumas que são um pouco de cada —, mas também histórias humanas. Tentei não só contar as histórias dos melhores cãezinhos da história mas também usá-las para contextualizar momentos marcantes do passado. Como uma autodeclarada viciada em história que dormiu nas aulas do colégio porque ninguém faz boas escolhas aos dezesseis anos e agora precisa fingir discretamente que entende todo o contexto da Revolução Francesa, espero que esses resumos curtos e acessíveis

ofereçam um conhecimento básico sobre certos momentos históricos cruciais para leitores que antes não faziam ideia do que tinha acontecido ali.

Dependendo de onde e quando apareceram na linha do tempo, as ideias sobre cães e seu papel na sociedade variaram muito. Cachorros já foram bichos de estimação, companheiros, caçadores, trabalhadores, protetores, pragas, cobaias; sagrados, comemorados, temidos, odiados, amados e muito mais. Para entendermos os cachorros, seu lugar no tempo e as especificidades de certo lugar *e* tempo, muitas vezes precisamos esquecer nossas ideias modernas sobre os cachorros como bichinhos/memes e tentar ver suas histórias pela ótica do mundo em que viveram.

Isso também exige aceitar que o passado nem sempre é benevolente. Embora os cachorros talvez sejam as criaturas mais puras do mundo, nem todas essas histórias são puras — pois, por mais que os cachorros sejam incríveis, seres humanos às vezes são péssimos. Como é de nosso feitio, ao longo da história fizemos dos cães cúmplices de alguns de nossos piores momentos. Eu não sabia ao certo se deveria incluir esses fatos no livro, mas acabei decidindo que sim. Senti que eram fundamentais para criar um panorama completo tanto do papel dos cachorros na história quanto da própria história. A forma como falamos sobre os cães, como os tratamos e os lembramos em geral diz mais sobre nós mesmos do que sobre eles.

Agora, com licença, tem um nariz molhado cutucando minha perna, insistindo para que eu jogue uma bolinha. Boa leitura.

DOMESTICAÇÃO CANINA

Uma rápida introdução ao notório C.Ã.O.

Antes de começarmos nossa jornada através da *historius canius,* melhor ir logo respondendo à principal pergunta: como os cachorros passaram de animais selvagens a bichos fofinhos?

Na discussão a respeito de quando os cães foram domesticados, é importante distinguir animais domésticos de animais domados. O animal domado se acostuma com a presença de pessoas e aceita a intervenção humana. Animais domados desenvolvem uma relação simbiótica pela convivência. Já a domesticação acontece ao longo das gerações e significa que um animal vive tão próximo dos humanos que se torna dependente deles para sobreviver. Ela altera os animais física e mentalmente. A maioria dos animais domesticados que conviveram com humanos por várias gerações não seria capaz de viver no mato, por conta de mudanças aprendidas e aspectos evolutivos que tiram sua capacidade de independência. Há uma diferença semelhante entre selvagem e feral — animais selvagens sobrevivem a vida inteira sem intervenção humana, enquanto animais ferais são de espécies domesticadas que aprenderam a sobreviver sozinhas.

Quando falamos de cachorros, estamos nos referindo a um animal domesticado que pode ser feral. Quando falamos de lobos, tratam-se de animais selvagens que podem ser domados.

Certo. Cachorros. Como e quando deixaram de ser lobos domados para virarem cãezinhos domesticados?

Em resumo: não sabemos.

Cachorros são a espécie mais diversa do planeta, depois dos humanos, mas todos os cães modernos são parentes dos lobos. Do Chihuahua ao Poodle, do Husky ao Corgi, todas as raças caninas têm 99% do DNA em comum com lobos; além disso, como cachorros e lobos ainda podem cruzar, são considerados a mesma espécie.

Há diversas teorias sobre quando o cachorro e o lobo se separaram na árvore evolutiva, mas é praticamente impossível responder com certeza, em parte porque isso aconteceu há bastante tempo, em parte porque é provável que tenha ocorrido diversas vezes em vários lugares do mundo. Lobos e cachorros devem ter divergido entre 15 mil e 40 mil anos atrás, o que pode parecer um intervalo enorme, mas isso é pouquíssimo tempo em termos de Pré-História.

Para alguns cientistas, os lobos foram domesticados na Europa; para outros, foi no Oriente Médio; e tem quem diga que isso se deu no Leste Asiático. De forma muito simplificada, a árvore genealógica canina parece se dividir em dois troncos principais: cães da Eurásia Oriental e cães da Eurásia Ocidental. O problema é que há provas sustentando a ideia de que cães migraram do Oriente para o Ocidente, mas também do Ocidente ao Oriente. Uma teoria para explicar esse fato é que, milhares de anos atrás, em algum lugar do oeste da Eurásia, seres humanos domesticaram o lobo-cinzento. O mesmo aconteceu, de forma independente, no leste. Por volta da Idade do Bronze, alguns dos cães do leste migraram para o oeste com seus parceiros humanos e, no meio do caminho, encontraram os cães do oeste, cruzaram com eles e os substituíram.

Mas… outros cientistas acham isso tudo uma besteira.

Em 2013, uma equipe de cientistas comparou o genoma mitocondrial (anéis menores de DNA fora do pedaço central) de 126 cachorros e lobos modernos e dezoito fósseis, concluindo que os cachorros foram domesticados na Europa ou no oeste da Sibéria. Já outra equipe comparou o genoma total de 58 lobos e cachorros modernos e concluiu que os cachorros são originários do sul da China, tendo migrado para o oeste.

Claro, todos esses cientistas acham que estão certos e que os outros estão errados. E, claro, há muitas outras teorias, então meu cérebro explodiu antes de eu acabar de ler a respeito, até porque ciência não é a minha praia.

Ou seja: de onde vieram os cachorros? Vai saber…

Quando? Também não faço a menor ideia.

A próxima pergunta, naturalmente, é: por quê?

Mesma coisa: não sabemos.

Fazer o quê? Ciência não é uma ciência.

Alguns cientistas acreditam que os primeiros caçadores-coletores humanos deliberadamente domaram e cruzaram lobos. Outra teoria completamente diferente afirma que os cachorros se domesticaram sozinhos — talvez um cachorro por aí esteja escrevendo *A história do mundo em cinquenta humanos*, propondo que os cachorros domesticaram os seres humanos. Afinal, humanos eram rivais na busca por comida, então os lobos decidiram que a melhor estratégia era cooperar. Os cachorros que sobreviveram e se integraram de forma mais eficiente aos humanos foram aqueles com pelagem macia, olhos brilhantes, orelhas caídas e, no geral, os mais fofos — uma fofura que tem até nome: neotenia. Os filhotes de lobo que sabiam interpretar melhor as dinâmicas sociais humanas (algo que

eu preciso trabalhar melhor) tinham maior probabilidade de se tornar, digamos, um dos humanos, e assim cruzar entre si e criar mais cachorros nascidos domesticados. Essa teoria tem o nome (fofíssimo) de Sobrevivência do Mais Amigável.

De qualquer forma, a verdade quanto à domesticação canina é que não temos respostas. Não sabemos exatamente como, por quê, quando ou onde.

O que sabemos é que, independentemente de qual fenômeno natural nos aproximou, cachorros e humanos se tornaram inseparáveis.

FAZENDO A EGÍPCIA

Abuwtiyuw, o primeiro registro de nome de cão da história

TESEM · EGITO · SÉCULO XVI A XI A.C.

Antes de ser um império conhecido por túmulos geométricos e reis de nome Tut, o Egito foi uma coleção de cidades-Estado não unificadas e tranquilas ao longo do Nilo. Elas eram divididas em duas regiões: o sul era chamado de Alto Egito, e o norte, de Baixo Egito. Se olhar para um mapa bidimensional, você verá tudo ao contrário, mas esses reinos, assim como tudo no Egito, seguiam o fluxo do Nilo.

Para quem planejasse um império antigo, o Nilo seria a região perfeita. Era uma fonte de água calma, navegável e previsível, o que facilitava muito os negócios ao longo dos seus mais de 6 mil quilômetros. Todo ano enchia na mesma época, sem precisar de sistemas de irrigação, criando terras tão férteis que os egípcios basicamente jogavam sementes como se fosse confete, e elas germinavam mesmo assim. Isso liberava muito tempo para que eles passassem delineador, inventassem o papiro e mimassem os cachorros.

Já vou falar mais sobre isso, prometo.

Por volta de 3100 a.C., os reinos Alto e Baixo se unificaram, inaugurando o império sensacional no qual pensamos hoje. O Egito antigo pode ser dividido em três períodos, cujos nomes, nada criativos, são Império Antigo, Império Médio e Império Novo. Juntos, eles ocuparam surpreendentes trinta séculos, fazendo do Egito um dos maiores sucessos entre as civilizações antigas.

Provavelmente nos lembramos mais do Egito antigo não pelo que foi feito em vida, mas sim em morte. Estruturas como as pirâmides

de Gizé foram erigidas como túmulos elaborados para os faraós, pois acreditava-se que eles eram literalmente deuses. Quando um faraó morria, era acrescentado ao panteão de deuses egípcios e idolatrado. Afinal, se alguém disser que, ao morrer, vai virar um deus, eis uma boa motivação para fazer o melhor velório possível. Ao contrário do que diz o ditado, os egípcios acreditavam que, *sim*, da vida se leva alguma coisa, por isso enchiam o túmulo com tudo o que mais importava na vida da pessoa. Coisas sem as quais ela não podia viver — ou melhor, morrer.

Em alguns casos, era o cachorro.

Quando um rei, cujo nome ironicamente não sabemos, perdeu o querido cão, quis garantir que a *ka*, ou alma, do cachorro encontrasse a vida após a morte e o esperasse quando seu próprio dia chegasse. Por isso, fez um velório de rei para o animal e escreveu seu nome em hieróglifos nas paredes do túmulo. Abuwtiyuw, às vezes transcrito como Abutiu, é um dos primeiros cachorros domesticados de que se tem conhecimento, e o primeiro a ter seu nome registrado. Traduzida, a placa de pedra descoberta no túmulo diz: “O cão que guardou Sua Majestade. Abuwtiyuw é seu nome. Sua Majestade ordenou que fosse enterrado [com cerimônia] em um caixão do tesouro real, com enorme quantidade do melhor linho, [e] incenso. Sua Majestade [também] forneceu unguentos perfumados, e [ordenou] que seu túmulo fosse construído por equipes de pedreiros”.

Por isso, na próxima vez que estiver meticulosamente arrumando a pose de seu cachorro para a foto perfeita no Instagram e se sentir um pouco exagerado, lembre-se de que pelo menos não contratou

pedreiros para ele. Depois, poste essa belezura, porque eu vivo por fotos de cachorrinho no Instagram.

Qual era a raça do Abuwtiyuw? Com base nas orelhas eretas e no rabo curvado descritos na placa, ele provavelmente era o que os egípcios chamavam de *Tesem* — não uma raça específica, mas o nome dado para todos os cães de caça. A raça em si lembraria as modernas Podengo Ibicenco, Galgo Inglês e Basenji. Sua imagem também foi entalhada ao lado do nome nas paredes do túmulo.

Abuwtiyuw foi um dos muitos cachorros mumificados encontrados em escavações no Egito, enterrados com os donos ou em gloriosos túmulos próprios. Na cidade de Abidos, parte do cemitério era dedicada especialmente aos cachorros, e o cemitério de Ascalão, no que hoje é Israel, mas que já fez parte do Egito, é o cemitério canino mais bem preservado da Antiguidade. Cachorros são representados em muitos entalhes tumulares dos três períodos da história egípcia, incluindo imagens de homens levando-os para passear na correia. Embora coleiras e correias de cachorro provavelmente sejam originárias da Suméria, antes do Egito, isso mostra que os cães não eram parte da vida dos egípcios somente após a morte — eram parte do cotidiano.

O Egito costuma ser mais associado a gatos, mas há provas esculpidas em pedra: os cachorros eram encontrados pelo reino inteiro. Muitos eram usados para caça e proteção, mas isso não os impedia de serem também companheiros queridos, como o Abuwtiyuw.

Tinha um monte de catioros no Egito — uma quantidade fenomeNilo.

sai de fininho

Cãoplemento

O amor do Egito pelo cachorro foi imortalizado pela personificação do deus Anúbis, que é representado com uma cabeça de chacal. Egípcios também idolatravam a divindade canina Upuaut, nome que significa "abridor de caminhos". A função de Upuaut era definir um trajeto para o exército e ajudar a levar os mortos ao submundo. O deus Set às vezes também era representado como um animal fictício chamado Sha, que se parecia muito com um cachorro.

CA-XOLOITZCUINTLI

Ela é linda, absoluta, é Xoloitzcuintli

XOLOITZCUINTLI · MÉXICO · A.C.

Xoloitzcuintli não é o tipo de raça que ganha concursos de beleza. A primeira coisa que se repara nesse cãozinho é que ele é inteiramente pelado. Exceto por um tufinho moicano no topo da cabeça, o Xoloitzcuintli é só um saco de pele preta-azulada e enrugada. Outras características marcantes incluem orelhas de satélite, um rabinho de rato e os dentes tortos ou ausentes.

Mas dê outra olhada.

Certo, talvez mais uma. Com um pouco de concentração. Ignore o fato de eles serem frequentemente confundidos com chupa-cabras, a criatura mitológica que ganha a competição de Criaturas Mitológicas Com As Quais Você Nunca Quer Ser Confundido.

Prometo, a personalidade deles é ótima.

Apesar de não serem, digamos, os cães mais tradicionalmente bonitos do planeta, os Xoloitzcuintlis têm um passado longo e complexo e são conhecidos como uma das primeiras raças domesticadas da América do Norte.

Primeiro, vamos combinar: a pronúncia é cho-lô-its-cuín-tli. Pode chamar de Xolo, ou cho-lô, para ser mais prático. O nome do Xolo vem de duas palavras da língua asteca: Xolotl, o deus do trovão e da morte, e “itzcuintli”, que significa “cachorro”.

O Xolo era sagrado para muitos povos indígenas das Américas, incluindo colimas, maias, toltecas, zapotecas e astecas. Alguns pesquisadores acreditam que ele acompanhou os primeiros migrantes da Ásia há mais de 3 mil anos. A falta de pelo típica do Xolo, considerada por muitos, inclusive esta autora que vos fala,

esquisita e perturbadora porque meio que lembra um testículo, foi resultado de mutações genéticas antigas, mas acabou mostrando-se um traço vantajoso, pois ajudou o Xolo a sobreviver ao clima tropical da América Central. A mesma mutação também causa em muitos deles uma situação dentária horrorosa. Pelo menos — olhando pelo lado bom! — seus dentes peculiares (ou, melhor dizendo, a falta deles) ajudam arqueólogos a identificar os restos mortais escavados.

De acordo com a mitologia asteca, o deus Xolotl criou o Xoloitzcuintli a partir de um pedaço do Osso da Vida, o mesmo que deu origem a toda a humanidade. Xolotl deu aos humanos esse presente com a instrução de que ele deveria ser guardado e protegido. Em troca, o Xolo guiaria os astecas através dos perigos do Mictlan, o submundo. Esculturas do Xolo muitas vezes eram incluídas em túmulos para representar como ele guiaria a pessoa até a outra vida. Em alguns estados mexicanos, quase 75% dos túmulos antigos continham algum tipo de representação do Xolo. Infelizmente, o trabalho de primeiro cão-guia costumava envolver seu sacrifício para acompanhar os humanos mortos. Pior ainda: ocasionalmente, o Xolo servia de iguaria em cerimônias de casamento ou velório. Mas vamos em frente.

O NOME DO XOLO VEM DE DUAS PALAVRAS DA LÍNGUA ASTECA: “XOLOTL”, O DEUS DO TROVÃO E DA MORTE, E “ITZCUINTLI”, QUE SIGNIFICA “CACHORRO”

Além das responsabilidades do Xolo no pós-vida, os astecas acreditavam que ele tinha poderes de cura — e era meio verdade.

Quem já acordou no meio da noite suando porque o cachorro deitou em cima da sua barriga sabe que cães ficam bem quentes. Já que não têm pelo, Xolos são basicamente bolsas de água quente caninas. Portanto, com frequência eram deixados na cama com pessoas doentes para ajudar a regular a temperatura corporal, o que auxiliava no processo de cura. O carinho do Xolo era lendário e idolatrado.

Esses esquisitinhos sem pelo foram documentados para o público europeu pela primeira vez pelo missionário espanhol do século XVI Bernardino de Sahagún, que descreve como os astecas embrulhavam os Xolos em cobertores durante a noite para mantê-los aquecidos. O cão também chamou a atenção de Cristóvão Colombo — que, não sabendo se controlar, acabou levando vários espécimes de volta para a Europa (ele e seus homens também quase os levaram à extinção de tanto comê-los, porque para ele não havia genocídio suficiente; Cristóvão Colombo *não* era um bom menino).

Apesar do passado lendário e de ter donos famosos em outros momentos históricos, como Diego Rivera e Frida Kahlo, o Xolo quase desapareceu no século XX. Graças à restauração da cultura indígena no México (um esforço para preservar a cultura perdida quando os europeus chegaram e destruíram tudo), assim como a algumas aparições marcantes do cão na cultura popular (lembra o Dante, o *bueno perro* no filme *Viva: A vida é uma festa*, da Pixar? É um Xolo!), o Xolo se tornou uma raça oficialmente registrada pelo American Kennel Club (AKC) em 2011.

Quem disse que beleza é tudo?

PANHU PEGA GERAL

O ancestral original da mitologia chinesa

CHINA

Cachorros são parte importante da mitologia e da tradição de várias culturas ao redor do mundo: do cão de guarda de Hades, Cérbero, ao Inis Fáil da Irlanda — um cachorro que nunca perdeu uma presa e também transformava toda água em que se banhava em vinho, o que eu também #quero — e ao Amaguq, o trapaceiro deus lobo inuíte. Para contar essas histórias todas seria preciso outro livro.

Por isso, vamos falar de uma só: a história de Panhu, um dos cães folclóricos mais fascinantes que encontrei na minha pesquisa. Esta história é muito conhecida no sul da China, e alguns grupos indígenas, incluindo os miao, os yao e os she, consideram Panhu seu ancestral original.

Como a maioria dos mitos, esse possui muitas variantes, mas as origens de Panhu são sempre lindamente estranhas: era uma vez uma velha no palácio do imperador Ku. Ela achava estar sofrendo de zumbido no ouvido, mas, ao consultar um médico, ele tirou um inseto do seu canal auditivo, o que acabou com o barulho. A velha guardou o inseto numa cabaça e a cobriu com uma bandeja: virou seu bicho de estimação (o tipo de coisa que minha mãe também faria). Graças a um pouco de magia mitológica, o inseto se transformou em um cachorro de cinco cores que o imperador Ku chamou de Panhu: “hu” significa “cabaça”, e “pan”, “bandeja”. Se eu fosse um deus canino, não escolheria me chamar Cabaça Bandeja, mas vai nessa, Cabaça Bandeja.

O reino do imperador Ku foi definido pelo conflito com invasores bárbaros, comandados por um general vil e abominável, designado

em alguns relatos como general Wu. O imperador Ku, cansado de perder para o general Wu, declarou que quem trouxesse a cabeça do invasor receberia a mão de sua filha em casamento.

Pouco depois, Panhu apareceu na corte, com a cabeça do general Wu na boca.

Como qualquer bom cachorro, ele tinha ido pegar a bola.

Ao que o imperador Ku respondeu: “Eu cometi um grande erro”.

Por motivos óbvios, ele não queria que a filha se casasse com um cachorro. No entanto, a princesa argumentou que era importante manter a promessa e convenceu o pai a deixá-la se casar com Panhu. Honestamente, posso dizer que entendo, porque, sério, amar e respeitar um cachorro na saúde e na doença até que a morte nos separe é meu maior sonho. O problema é a logística em relação à, digamos, intimidade conjugal. Especialmente se a princesa e seu noivo precisarem produzir herdeiros para o reino.

Mas, então, eis que a mágica resolve tudo. O imperador soube que Panhu poderia se transformar em ser humano se fosse deixado debaixo de um enorme sino de ouro por sete dias e sete noites, mas o feitiço só funcionaria se ninguém olhasse para ele durante esse tempo. Infelizmente, a princesa se preocupou com seu cachorro/ marido/ enfim, é complicado, e, no sexto dia, deu uma olhada por debaixo do sino. O feitiço se rompeu e a transfiguração de Panhu foi interrompida. Ele ficou com corpo de homem, mas cabeça de cachorro.

A princesa olhou e disse: “Já serve”. E, caro leitor, eles se casaram.

O povo yao honra Panhu como seu primeiro ancestral e, por causa disso, é muito cuidadoso para nunca ofender cachorros.

Também não comem carne canina. Aliás, vamos falar disso por um instante.

Alguns grupos étnicos na China, assim como em outros países asiáticos, usam carne de cachorro como fonte de alimentação desde aproximadamente 500 a.C. Alguns cientistas acreditam que, originalmente, os cachorros foram domesticados na China para fornecer carne. Hoje, o consumo de carne canina na China varia de acordo com a região, assim como a atitude ao redor da prática. Em Hong Kong, um decreto sobre cães e gatos foi instaurado pelo governo britânico em 6 de janeiro de 1950, proibindo que esses animais sejam mortos para fins alimentícios. Taiwan, Índia e Cingapura têm leis parecidas. Entretanto, alguns festivais gastronômicos culturais continuam a servir esse tipo de carne.

O POVO YAO HONRA PANHU COMO SEU PRIMEIRO ANCESTRAL E, POR CAUSA DISSO, É MUITO CUIDADOSO PARA NUNCA OFENDER CACHORROS

Pois é, isso acontece. E, assim como tudo que acontece, é complicado e muita gente tem muita opinião a respeito.

Deixando de lado o tabu contra comer carne de cachorro em certas regiões, a história de Panhu ainda é uma parte importante da vida de muitos grupos étnicos do sul da China. Muitos têm altares dedicados a cachorros em casa e usam a iconografia associada a Panhu em trajes tradicionais.

ARGOS, O CÃO LEAL DA ODISSEIA

O primeiro cachorro morto da literatura ocidental

GRÉCIA · 750 A.C.

A *Ilíada* e a *Odisseia*, duas das obras mais antigas da literatura ocidental, foram escritas por volta do século VIII. Entretanto, sua autoria continua em debate: alguns pesquisadores atribuem o texto somente a Homero, enquanto outros acreditam serem colaborações entre vários autores. De qualquer forma, Homero não foi a primeira pessoa a contar a história. As narrativas sobre Odisseu e a Guerra de Troia já eram passadas de geração em geração pela tradição oral muito antes de Homero sequer encostar a caneta no papel. Ou a pena no papiro. Ou o cinzel na pedra — enfim, o que quer que ele tenha usado para escrever. Deu para entender, certo?

A *Ilíada* se passa durante a Guerra de Troia, o cerco de dez anos à cidade de Troia, que pode ou não ser fictícia e na qual, de acordo com o que aprendi com Hollywood, ninguém usava uma quantidade apropriada de roupas para guerrear e todo mundo era sarado e coberto de óleo. Segundo a lenda, o conflito começou quando a esposa do rei Menelau foi sequestrada por Páris, príncipe de Troia. Menelau respondeu enviando mil navios à cidade, o que talvez ele tenha imaginado como sendo um grande gesto romântico, mas acabou interpretado como uma declaração de guerra, e que a *Ilíada* narra. A *Ilíada* não só é a primeira obra épica da literatura ocidental como fez tanto sucesso que teve até continuação: *Ilíada 2: Desafio em Tóquio*. Não, não, é só brincadeira — esse não foi o título, mas até no século VIII a demanda popular era importante, então Homero lançou logo a *Odisseia*, que entrou para a história como uma das melhores continuações de todos os tempos, assim como *Toy Story 2*

e *Guerra nas estrelas: O Império contra-ataca*. A *Odisseia* transforma em protagonista um dos personagens secundários da *Ilíada*, Odisseu, rei do reino grego de Ítaca, e documenta sua jornada incrivelmente complexa de volta para casa. De acordo com a *Odisseia*, ele levou dois anos viajando, apesar de seu destino não ser nada distante, pois foi distraído constantemente por seres como ciclopes e ninfas. Quando Odisseu finalmente chegou em casa, descobriu que todo mundo achava que ele estava morto (e como não achariam, se ele levou esse tempo todo para atravessar uns dois quarteirões?), que seu palácio estava destruído e que uns caras aleatórios estavam dando em cima da sua esposa, Penélope, que, apesar de tudo, ainda esperava pela volta do marido. Para entrar no próprio palácio e retomar o trono, Odisseu precisa se disfarçar de pedinte.

É onde entra o cachorro. Antes de partir, Odisseu tinha um cão chamado Argos. É assim que sabemos que a história é fictícia: em primeiro lugar, ele não levou o cachorro junto; em segundo, quando ele voltou, vinte anos depois, o cachorro ainda estava vivo. Tudo bem — é uma liberdade poética usada para nos emocionar.

Quando Odisseu se aproxima de casa, encontra Argos, que um dia foi um cão de caça ágil e elegante, abandonado em uma pilha de esterco de vaca e com o pelo infestado de pulgas e piolhos. Ao contrário de todo mundo na ilha, Argos reconhece Odisseu na mesma hora, apesar do disfarce do dono, e abana o rabo. No entanto, Odisseu não pode ir até Argos, pois assim revelaria quem é. Então é obrigado a passar direto por ele e entrar no palácio em vez de se reunir com o cachorro — um momento que seria digno de

vídeo viral —, mesmo depois de tantos anos de distância. É de partir o coração.

Mas não se preocupe — ainda piora. Argos, finalmente tendo visto o mestre uma última vez, ou talvez devastado por ter sido ignorado, já pode seguir em frente. E morre. A sua é a primeira de uma longa tradição de mortes de cachorros na literatura ocidental narradas para causar emoção; e, olha, ela me pega de jeito toda vez.

AO CONTRÁRIO DE TODO MUNDO NA ILHA, ARGOS RECONHECE ODISSEU NA MESMA HORA, APESAR DO DISFARCE DO DONO, E ABANA O RABO

A *Ilíada* e a *Odisseia* ainda são lidas, e com razão. Apesar do debate quanto à veracidade da Guerra de Troia, o que importa não é se ela aconteceu ou não. Sabemos que uma guerra aconteceu ao redor de uma cidade que provavelmente era Troia e que ela foi destruída. Fictício ou não, esse conflito se tornou um momento definitivo para a identidade cultural grega, pois, pela primeira vez, os reinos gregos se juntaram em uma frente unificada. Os gregos antigos eram obcecados pelos eventos daquela grande guerra e contavam as histórias sem parar. Conforme a ideia grega de identidade cultural foi mudando com o tempo, as histórias também mudaram. Os gregos ganharam uma identidade coletiva com a Guerra de Troia, e essa identidade foi personificada nos poemas épicos de Homero.

Nenhum texto trouxe mais informações sobre a vida na Grécia antiga do que a *Ilíada*. E nenhum cachorro se provou tão leal quanto o coitadinho do Argos.

Cãoplemento

O termo em inglês “dog days”, literalmente traduzido como “dias de cão”, tem origem grega. Era usado para se referir aos dias em que Sírio, a estrela canina, parecia nascer antes do sol, no fim de julho. Eram os dias mais quentes do ano e, até hoje, a expressão é usada para se referir a essa época.

TODOS OS CÃES MERECEM O CÉU

Rei Yudhisthira e o cão do Mahabharata

VIRA-LATA · ÍNDIA · SÉCULO III A.C.

O *Mahabharata* é um dos dois maiores épicos em sânscrito da Índia antiga. Conta a história da Guerra de Kurukshetra, que envolveu principalmente duas famílias brigando pelo trono do reino de Hastinapura — os Kaurava e os Pandava —, além de brigas internas em cada família para decidir quem seria o herdeiro legítimo. Eu tenho uma teoria de que toda cultura e época têm sua própria versão de *Guerra dos tronos* e que essa foi a da Índia antiga.

Mas vamos direto ao ponto: o cachorro.

O *Mahabharata* termina com uma sequência de batalhas no campo de Kurukshetra. Todos os Kaurava são mortos e, apesar da vitória, só cinco irmãos Pandava sobrevivem. Yudhisthira, o mais velho, vira rei e governa por trinta anos, antes de fazer uma peregrinação com os irmãos até seu descanso final no Himalaia. Ao longo da jornada, todos os irmãos morrem, assim como suas esposas, até que só resta Yudhisthira.

Yudhisthira e, mais importante, um cachorro.

No início da jornada, um vira-lata começou a acompanhá-lo e continuou ao seu lado no último trecho da subida.

Finalmente, quando atingiram o topo da montanha, Indra, rei dos deuses e dos céus, ascendeu em sua carruagem para encontrar o rei Yudhisthira e convidá-lo ao paraíso.

“Claro”, disse o rei Yudhisthira. “Desde que meu cachorro vá junto.”

Indra, no entanto, não entendeu que todos os cães merecem o céu e recusou sua entrada.

Como resposta, o rei Yudhisthira deu meia-volta e um beijinho no ombro.

Ele se recusou a entrar sem o cachorro. Os prazeres do paraíso de nada valiam diante da perda do companheiro fiel que viajara a seu lado por todo aquele tempo.

Para ser honesta, eu concordo. Se não há cães no paraíso, também não quero ir para lá. Na verdade, não quero estar em nenhum lugar sem cachorros.

Mas então Indra deu um golpe clássico.

No fim, o cachorro era a divindade Yama disfarçada. Era tudo um último teste para Yudhisthira, e Indra provavelmente riu e falou: “Fala sério, achou mesmo que cachorros não podiam entrar no céu? Eles são os seres mais fofos, puros e incríveis de todos!”.

OS PRAZERES DO PARAÍSO DE NADA VALIAM DIANTE DA PERDA DO COMPANHEIRO FIEL QUE VIAJARA A SEU LADO POR TODO AQUELE TEMPO

O *Mahabharata* é uma fonte importante de informação sobre o desenvolvimento do hinduísmo. Hindus o veem como um texto sobre a história e também sobre o dharma, a lei moral hindu. O poema cobre uma vasta gama de mitos e lendas — tanto que o enredo das famílias rivais só ocupa aproximadamente um quinto dos 100 mil dísticos que o compõem. Ele contém cerca de 1,8 milhão de palavras e chegou a ser considerado o maior poema já escrito. Legal, legal — parece mais um pesadelo, mas legal.

A história do *Mahabharata* foi contada e recontada por séculos, ao longo do sul e do sudeste da Ásia. Elementos e trechos do poema

inspiraram de tudo, de séries de televisão modernas aos relevos esculpidos de Angkor Wat, no Camboja.

E, ainda mais importante: a história definitivamente abriu caminho para milhares de bons cachorrinhos atravessarem a ponte colorida que leva ao céu canino.

PERITAS, O GRANDE

O cachorro um tanto mítico de Alexandre, o Grande

MOLOSSUS (MASTIM) · MESOPOTÂMIA · 336-323 A.C.

Muito antes de ser grande, Alexandre nasceu em 356 a.C., filho do rei macedônio Filipe II e de uma de suas esposas, Olímpia (de acordo com algumas lendas, Alexandre foi, na verdade, o resultado da união entre Olímpia e uma serpente que era um deus). Na época, a Macedônia era um reino no canto nordeste da península grega, considerado um lugar brutal e bárbaro, especialmente em comparação com os reinos próximos de Atenas e Esparta. Portanto, quando Filipe levou Aristóteles para ser professor do jovem Alexandre, foi o equivalente a levar Stephen Hawking para dar aula no BBB. Mas Filipe era um militar genial com planos de conquistar a Grécia e queria que o filho um dia o sucedesse, o que exigia o melhor ensino disponível. Depois que o filho domou um corcel indomável aos treze anos, Filipe teve certeza de que o herdeiro estava destinado a ser… enfim, grande.

Enquanto Alexandre aprendia aos pés do filósofo mais famoso de todos os tempos, seu pai ia, aos poucos, conquistando a Grécia, que não andava lá muito bem das pernas. A Marinha grega estava enfraquecida e o foco principal do povo tinha mudado do exército para a cultura, o que é ótimo, mas poemas não ganham guerras, a não ser que sejam bem afiados. A Grécia era o equivalente imperial antigo de dar PT e desmaiar no sofá de uma festona, implorando que rabisquem na sua cara. O pai de Alexandre, Filipe, era o dono da canetinha.

Na mais tenra idade, aos dezoito anos, Alexandre ajudou o pai a invadir a Grécia, o que inspirou uma paixão pela conquista que o

acompanharia por toda a vida. Depois da morte de Filipe, Alexandre assumiu o trono macedônio e o legado do pai: entrar onde não era convidado, tomar tudo para si e matar quem estivesse no caminho. Ao longo da década seguinte, ele expandiu o império através da excelente estratégia de ganhar todas as batalhas. O pai tinha conquistado a Grécia inteira, mas Alexandre ainda desmantelou o império persa e tomou terras do Egito à Índia.

Porém, nada disso teria sido possível sem a intervenção de Peritas, seu cachorro.

Apesar de sua raça não ter sido registrada, com base em representações artísticas, Peritas provavelmente era um Molossus, um cão cuja raça foi criada para lutar na guerra. Hoje extintos, eles se pareciam com Mastins e são um ancestral comum importante a raças modernas como Mastim Inglês, São-Bernardo, Cão de Montanha dos Pireneus, Rottweiler, Dogue Alemão, Terra Nova e Boiadeiro-Bernês.

Peritas se destacou durante a Batalha de Gaugamela contra os persas. Durante a luta, Alexandre acabou separado de seus homens e foi atacado por um elefante de guerra, mas Peritas, seu companheiro na campanha, pulou (provavelmente em câmara lenta, talvez de um helicóptero) na frente do seu humano. Ele cravou os dentes na boca do elefante e se agarrou bem, causando hemorragia suficiente para enfraquecer o animal e dar a Alexandre tempo para escapar.

A história soa ridícula e provavelmente não é verdadeira — Plutarco, o único historiador antigo a mencionar Peritas, só diz que Alexandre tinha um cão com esse nome, que ele amou tanto a ponto de dar seu nome a uma cidade. Por outro lado, lembre-se de

que Molossus é uma raça criada para guerras e que exércitos naquela época costumavam usar elefantes e leões na batalha, então um cachorro em ação estaria preparado para enfrentar animais selvagens.

Quer dizer, dizem também que a mãe de Alexandre foi para a cama com um deus-serpente. Então não leve nada disso tão a sério.

Ao salvar a vida de Alexandre, Peritas permitiu que seu dono tomasse a Pérsia, um feito antes inatingível, o que cimentou a reputação de fodão de Alexandre e abriu caminho para ele conquistar todos os outros lugares. Ao longo de seu império, Alexandre rebatizava cidades ou criava novas sempre com seu nome (a maioria se chamava Alexandria, mas tem uma Alexandrópolis no meio, que sempre me faz rir). No entanto, uma das cidades conquistadas recebeu o nome de Peritas e um monumento ao cachorro na praça central como agradecimento por ele ter salvado sua vida no campo de batalha.

Alexandre era um grande criador de impérios, mas sua capacidade de mantê-los era pequena. Depois de destroçar uma cidade, ele não tinha interesse em investir muito tempo para reconstruí-la. Por isso, quando ele morreu em 323 a.C., seu império foi imediatamente repartido em três, conhecidos como reinos helenísticos, cada um governado por um general. Todos os três reinos duraram mais que o império de Alexandre.

Se Alexandre foi ou não grandioso é discutível — tanto em termos de sua mente brilhante para assuntos militares quanto em relação ao que ele estava fazendo, já que conquistar impérios costuma envolver muito genocídio —, mas seu impacto no mundo é inegável. Ele introduziu a ideia de monarquia absolutista no mundo greco-

romano. Deu uma língua comum à região — o grego —, facilitando o comércio. Seu alcance era tão amplo que os arqueólogos modernos já encontraram moedas com inscrições gregas no que hoje é o Afeganistão. Ele fundou vinte cidades e foi a inspiração de outros conquistadores questionáveis, como Júlio César e Napoleão. Alexandre não fez nada disso acontecer, mas isso não teria acontecido sem ele.

E nada disso teria ocorrido sem a intervenção do cachorro Peritas.

GOSTO MUITO DE TE VER, LEÃOZINHO CHINÊS

O Pequinês e outros cães-leão da China

PEQUINÊS · CHINA · 220-280

Os Pequineses existem desde a dinastia Shu na China, há mais de 2 mil anos, o que faz deles uma das raças caninas mais antigas ainda entre nós. Shu, ou Shu Han, era um dos três principais Estados competindo pela supremacia na China entre 220 e 280, período apropriadamente conhecido como o dos Três Reinos. Apesar da palavra “reinos”, nenhum dos Estados era governado por reis — na verdade, eram governados por imperadores, cada um deles convencido de que controlava a China inteira.

Durante essa época, a China se tornou um país budista, mas a conversão enfrentou um obstáculo significativo: o leão, símbolo importante do budismo, não habitava a China. Acreditava-se que Buda tinha domado o leão, que se tornara seu protetor, portanto o animal era necessário para várias cerimônias.

Já que não havia leão por perto, os monges budistas decidiram improvisar.

Usaram cachorros.

enfia uma peruca no cachorro; posta no Instagram

Para tornarem o cachorro um substituto adequado do leão de Buda, os monges começaram um programa de cruzamento seletivo. No início, os cães foram cruzados com foco no tamanho e na pelagem: o objetivo era parecerem o máximo possível com um leão. Ao longo de vários séculos, eles diminuíram a escala, até criar um cachorrinho tão parecido com um leãozinho que, assim pensavam os monges, Buda não se importaria que fosse usado em cerimônias

religiosas em vez de um leão de verdade. Chamaram esse cão de Pequinês.

OS PEQUINESES EXISTEM DESDE A DINASTIA SHU NA CHINA, HÁ MAIS DE 2 MIL ANOS, O QUE FAZ DELES UMA DAS RAÇAS CANINAS MAIS ANTIGAS AINDA ENTRE NÓS

O Pequinês se tornou um símbolo sagrado do budismo chinês, mas era fofo demais para ficar restrito às cerimônias, então logo passou a ser adotado como animal de estimação na corte imperial. Mas *só* na corte imperial. As pessoas comuns eram proibidas de adotar e criar Pequineses e precisavam curvar-se diante deles quando os encontravam. O castigo para quem fosse cruel com os Pequineses ou tirasse um deles do palácio real era a morte.

A variedade menor e mais feroz era conhecida como “cão de manga”, porque imperadores e cortesãos tinham a mania de carregá-los nas mangas volumosas das roupas. Se o dono se sentisse ameaçado ou se visse no meio de uma tentativa de assassinato, ele tirava o Pequinês da manga, assustando o atacante (e provavelmente deixando-o com algumas cicatrizes). Era o spray de pimenta da China antiga — ao contrário do que diz o ditado, eis um cão que ladra e morde.

Pequineses continuaram a ser uma raça inteiramente chinesa até 1860. O Palácio de Verão de Pequim foi invadido pelas tropas inglesas na Segunda Guerra do Ópio, um conflito entre a China e o Império Britânico sobre quem deveria ser dono da China — como era de esperar, a Inglaterra não achava que devia ser a própria China — e do comércio britânico de ópio. Basicamente, a eterna

saga de Gente Branca Sendo Horrível. Para impedir que os cachorros sagrados caíssem nas mãos dos invasores, a família real chinesa matou todos os seus cães. No entanto, cinco Pequineses sobreviveram e foram levados à Inglaterra. Um deles foi dado à rainha Vitória, que já amava cachorros. A chegada do Pequinês deu a largada para a nova moda da Inglaterra vitoriana: cachorros de colo. Ter um cachorrinho pequeno logo se tornou o maior símbolo de status. Era uma forma de ostentar que você não só tinha dinheiro para sustentar a família como também um cachorro inteiramente decorativo cuja única função prática era ser fofo e brincar.

Como resultado da Revolução Industrial, uma nova classe média endinheirada e cheia de tempo livre emergiu na Europa. Por isso, criar cachorros e cuidar deles logo se tornou o hobby da vez. Embora a maioria não tivesse acesso ao raro Pequinês puro, muitos conseguiram produzir a própria versão falsificada do acessório canino essencial da elite. Essa tentativa de criar cachorrinhos parecidos deu o pontapé no desenvolvimento de muitas das raças pequenas que ainda adotamos hoje.

Ainda que a maioria de nós não tenha mangas grandes o suficiente para guardá-los.

Cãoplemento

O Pequinês, o Lhasa Apso e o Mastim Tibetano foram todos criados na China para se assemelharem a leões budistas. Além disso, o Pug e o Shih Tzu se originaram na mesma época como companheiros e protetores da corte imperial, apesar de terem o nariz

arrebitado demais e a cara muito achatada para se passarem por leões.

O imperador Lingdi, da dinastia Han, que governou a China de 168 a 189, amava tanto seus cães que tornou seu Pequinês preferido um membro da casta nobre, com status acima da maioria das pessoas do país. Curvem-se!

O CÃO REI DA NORUEGA NÃO SABE O QUE FAZ

A história mítica de regentes ranzinzas

NORUEGUÊS CINZA · ESCANDINÁVIA · SÉCULO VI

Não, esta não é a sinopse de um filme da Disney — embora não haja nenhuma regra dizendo que um cachorro *não pode* ser rei. O cão rei é uma parte lendária da mitologia escandinava e muitas versões dessa história aparecem no folclore regional. O mais famoso dos mitos, comumente apresentado como fato histórico, apesar de ser muito improvável, vem da Noruega.

A história começa com o rei Eystein, o Terrível, nome que vai direto ao ponto. Eystein, o Óbvio, era rei do norte da Noruega e, quando conquistou a cidade de Trondheim, um dos maiores centros do país, fez o papel de pai benevolente e instaurou o filho como rei. O povo de Trondheim não ficou muito animado com a conquista, muito menos com a ideia de obedecer às regras do filho do invasor, então fez o que qualquer população irritada faria: se rebelou e o assassinou. Eystein, o Furioso, conseguiu controlar a rebelião e retomar Trondheim, mas, para punir as pessoas pela desobediência, ele lhes ofereceu uma escolha: como substituto para o filho, poderia instaurar no trono um de seus homens escravizados — ou seu cachorro. (Era a pior das humilhações, porque, né, as pessoas são ótimas em desumanizar as outras ao compará-las com animais.)

O povo escolheu o cachorro, provavelmente por supor que seria mais fácil se livrar dele.

Corta para três anos depois, e Sua Alteza Real o Rei Saur — que, não esqueçamos, é um cachorro — ainda estava no trono. Saur em islandês significa… Bem, como minha mãe vai ler este livro,

digamos “cocô”. Eystein, o Bobo, colocou um cachorro chamado Rei Cocô no trono.

Na história do reino do rei Saur contada pelo poeta islandês Snorri Sturluson (que, por sinal, é um nome ótimo para um cachorro, ou talvez para um rei gnomo), diz-se que Saur tinha a “sabedoria de três homens” e sabia falar uma palavra a cada dois latidos (claro que essa é a parte da história que pende para a lenda). Sturluson escreveu que Saur tinha seus próprios mantos régios (certamente com um buraquinho para o rabo), assim como correntes de ouro e prata para usar no pescoço, e que os cortesãos o carregavam nos ombros “quando o tempo e o dia estavam ruins”. Apesar de eu não encontrar prova alguma de que ele tivesse uma coroazinha, se não tivesse, vou retroativamente arranjar uma para ele, porque nada é tão fofo quanto um cachorrão de chapeuzinho. Como qualquer déspota que se respeite, rei Saur também tinha um trono e um palácio na ilha que ganhou o nome de Saurshog, o que significa (oi, mãe!) “montinho de cocô”. Quer tenha havido um cão rei, quer não, Saurshog definitivamente existiu — Sturluson comentou que o nome ainda era usado para a região na época dele, séculos depois.

DIZ-SE QUE SAUR TINHA A “SABEDORIA DE TRÊS HOMENS” E SABIA FALAR UMA PALAVRA A CADA DOIS LATIDOS

Rei Saur bateu as botas quando lobos invadiram o curral das vacas reais e ele correu para defender seus súditos bovinos, mas a lenda continua viva. Além dos escritos de Sturluson, Saur aparece no *Heimskringla*, uma coleção de sagas dos reis noruegueses, assim como em várias histórias semimíticas da Noruega e da

Suécia. Os dinamarqueses têm sua própria história de monarca canino. Ele se chamava Rakke, a palavra para “cachorro” no dinamarquês antigo, e foi escolhido para o trono da Dinamarca pelo rei sueco Adils, em uma tentativa semelhante de humilhar os súditos conquistados. Essa história também acaba com o cachorro perdendo a briga para defender as vacas dos lobos.

Dá todo um novo sentido para “cachorro rainha, o resto nadinha”, né?

Cãoplemento

Embora não saibamos ao certo a raça desses cães reis, a raça mais famosa da Escandinávia é o Norueguês Cinza. Com aparência semelhante à do Akita Inu e à do Malamute do Alasca, o Norueguês Cinza veio da terra do gelo e da neve por volta de 5000 a.C. e existe até hoje, com todos os traços nórdicos intactos. Ele aparece em sagas épicas antigas e muitos deles foram enterrados com seus mestres vikings. Noruegueses Cinza eram companheiros navais de vikings e caçadores terrestres, especializados em seguir o rastro olfativo da presa (às vezes alces, mas também texugos, linces, renas, ursos, lobos e coelhos) por distâncias longas e em mantê-la por perto até os caçadores chegarem. Eles não se parecem em nada com os Sabujos Farejadores de orelha caída e pelo lustroso que conhecemos hoje, mas ainda são classificados como cães de caça por causa de sua função.

Em época de guerra, o ministro da Defesa da Noruega tem autoridade para mobilizar todos os Noruegueses Cinza particulares para proteger o país.

SÃO ROQUE, PADROEIRO DOS CACHORROS

Senhor, fazei-me instrumento de vossos biscoitinhos

EUROPA · SÉCULO XIV

Os relatos a respeito da vida de são Roque, assim como os da maioria dos santos católicos, são uma mistura de mito, fé, simbolismo e fato. E é difícil separá-los.

No entanto, por maior que seja a pulga atrás da sua orelha ao ler esta história, são Roque é uma figura importante tanto para os católicos quanto para todos que amam cachorros: afinal, é o padroeiro dos cães.

São Roque viveu de aproximadamente 1295 a 1327 e seu trabalho se estendeu de sua terra natal até a Espanha e a Itália. Ele nasceu em Montpellier, na França, com uma mancha em forma de cruz no peito, um sinal bastante óbvio de que era destinado às coisas sagradas. Mesmo assim, aos vinte anos, quando perdeu os pais, ainda não tinha feito nada realmente santo. Temendo que a morte dos pais fosse um castigo divino por não se dedicar ao trabalho profetizado pela mancha (já volto, vou ver se tenho alguma pinta dizendo que eu deveria namorar o Tom Hiddleston), ele doou todas as terras e o dinheiro que herdara aos pobres. Ele até abriu mão do governo de Montpellier, que seu pai lhe concedera no leito de morte (seus pais eram podres de ricos, caso não esteja óbvio), e partiu em peregrinação até Roma.

A única coisa que levou junto foi o cão da família.

Roque chegou à Itália em meio a um surto de peste. Passando pelas cidadezinhas de Acquapendente, Cesena, Rimini e Novara, observou centenas de pessoas doentes, com feridas abertas que causavam uma dor debilitante, muitas das quais eram jogadas à rua

ou isoladas em quarentena em áreas pequenas e abandonadas da cidade. Como todo mundo, Roque tinha medo de se aproximar e ser contaminado pela peste.

O cachorro, no entanto, pensava diferente. Roque notou que, ao passar por vítimas da peste, o cachorro lambia as feridas. O poder curativo dos cães não era uma superstição nova. No Egito antigo, a cidade de Hardai usava cães na medicina, contribuindo para seu apelido de Cidade dos Cães. Muitos egípcios acreditavam que lambidas de cachorro aceleravam o processo de cura. No templo de Esculápio, os gregos antigos usavam cachorros sagrados para lamber as feridas dos suplicantes doentes. Hoje sabemos que a saliva do cão *pode* ajudar a limpar feridas, pois solta os detritos da superfície machucada e contém proteínas simples, chamadas de histatinas, que podem prevenir infecções e cicatrizar. Ou seja, por mais chocante que seja, a história acertou.

Roque se inspirou no cuidado dispensado por seu cachorro e decidiu seguir o exemplo. Entretanto, por mais incrível e esquisita que teria sido a visão de um santo andando por aí lambendo vítimas da peste, são Roque se decidiu por um conceito menos literal: começou a fazer o sinal da cruz com os dedos no corpo das vítimas de peste enquanto rezava. Ele *tocava* as vítimas da peste! Com os *dedos*! Depois provavelmente encostava em um monte de coisa, como maçanetas, interruptores e iPhones, espalhando germes da peste por todo canto, mesmo que esses dois últimos objetos não existissem e ninguém soubesse o que eram germes!

Milagrosamente — literalmente, foi o primeiro milagre do santo —, as feridas dessas vítimas da peste começaram a se curar. É questionável, entretanto, se a cura se devia a um ato divino ou se

Roque apenas atribuiu a si próprio o mérito da ciência. Em todas as cidades que visitaram no caminho para Roma, Roque e o cachorro ofereceram toques, orações e lambidas aos doentes.

Por mais milagrosos que fossem, os poderes de cura de Roque não o protegeram do efeito costumeiro de passar muito tempo em contato com pessoas afligidas por doenças infecciosas: adoecer também. Roque logo desenvolveu a peste e se isolou nas florestas ao redor de Roma. Ele construiu uma cabaninha para se instalar, na qual planejava morrer lentamente ou se curar milagrosamente. Enquanto Roque dormia bastante para melhorar (isso funciona, né?), o cachorro se dedicou a salvar sua vida.

O cão encontrou um castelo próximo que pertencia a um aristocrata chamado Gothard. No meio de um banquete enorme, ele apareceu de repente, subiu com as patas na mesa e pegou um pão. Diferente de todos os outros cachorros do mundo, ele não comeu o que tirara da mesa — em vez disso, carregou o pão na boca. Gothard achou engraçado, e então ficou chocado quando o Jean Valjean canino começou a voltar todo dia para roubar um pão, levando-o embora sem comer. Finalmente, Gothard o seguiu até a cabana de Roque na floresta, onde viu o cachorro largar a comida no colo do mestre, deitar a seu lado e lamber suas feridas de peste.

Emocionado, Gothard começou a cuidar de são Roque, que acabou recuperando-se sem cicatriz nenhuma — mais um sinal de sua santidade. Quando Roque rezou para agradecer a Deus por poupá-lo, suas preces incluíram o cachorro.

Roque acabou voltando para casa, em Montpellier, mas a França estava bem no meio de uma guerra civil e ele foi confundido com um espião. Tanto Roque quanto o cachorro passaram cinco anos na

prisão, até a morte do futuro santo. Na cadeia, ele continuou a espalhar a palavra de Deus e a pregar para os outros prisioneiros.

Hoje, Roque é lembrado pelos católicos como padroeiro de muitas coisas: dos solteiros, dos cirurgiões, das pessoas equivocadamente acusadas de crimes. Mas, mais importante, ele é o padroeiro dos cachorros. Apesar de nenhuma informação quanto ao nome ou à raça do cachorro ter sido preservada, na maioria das representações de são Roque ele está acompanhado por um vira-latinha fiel lambendo feridas ou carregando pão na boca.

Se eu ficar para a história, tomara que sempre me representem com um cachorro.

DONNCHADH, O FIEL ESCUDEIRO DE ROBERTO I

Caçador de recompensas por acidente

CÃO-DE-SANTO-HUMBERTO · ESCÓCIA · SÉCULO XIV

Não é fácil se dar bem com vizinhos. Especialmente quando um vizinho rouba toda a sua terra, e ainda o obriga a jurar lealdade ao rei dele e a lhe pagar impostos.

Por isso, a Inglaterra e a Escócia tiveram um relacionamento meio complicado.

Desde 1066, a Escócia e a Inglaterra tinham reis diferentes, mas o rei da Inglaterra era o rei supremo, enquanto os reis escoceses eram obrigados a jurar que fariam o que a Inglaterra quisesse. Parte dessa promessa de lealdade era que a Escócia não podia declarar um novo rei sem aprovação inglesa, o que se tornou um problema quando o rei Alexandre III morreu sem deixar herdeiros. O rei Eduardo I da Inglaterra considerou os dois pretendentes ao trono e selecionou John Balliol, que reconheceu Eduardo como seu mestre legítimo.

Com sua marionete no trono, Eduardo I mandou a Escócia ajudá-lo a financiar a guerra da Inglaterra contra a França, além de enviar tropas. Em resposta, o governo escocês decidiu dar um golpe: o rei John assinou um tratado de aliança com a França e renunciou à lealdade com a Inglaterra. Eduardo ficou, digamos, chateado. Chateado o suficiente para invadir a Escócia.

Depois de várias derrotas violentas, o Exército escocês capitulou. O rei John abdicou e Eduardo passou a comandar a Escócia, alegando que todas as terras eram suas.

No entanto, o braço da lei, por mais comprido que seja, tem seus limites. O norte da Escócia fica muito longe da Inglaterra, além de

ser muito frio e cheio de montanhas, portanto o controle inglês sobre o território era fraco. Era o lugar perfeito para o início de uma rebelião. Os esforços rebeldes foram suficientes para expulsar a Inglaterra da Escócia, e William Wallace, líder dos rebeldes no centro da Escócia, foi designado guardião do reino.

Eduardo ficou, para ser sutil, furioso. Deve dar para adivinhar o que veio depois.

REINVASÃO.

William Wallace foi capturado e executado. A Inglaterra enfiou a mão na Escócia outra vez e a declarou território oficial. A Escócia ainda tinha bastante certeza de que pertencia a si mesma. Dois novos rivais pelo trono escocês surgiram: Roberto de Bruce e John Comyn. Eles não se bicavam. Roberto logo encontrou um jeito simples e esperto de se livrar da competição: assassinou Comyn.

Em 1306, Roberto I foi coroado rei da Escócia e passou a focar na recuperação das terras do sul, ainda dominadas pelos ingleses. Aos olhos de Eduardo, isso seria traição, portanto ele mandou seus homens caçarem Roberto I.

A companhia da esposa de Roberto I já tinha sido capturada pelos britânicos, incluindo o cachorro preferido dele, Donnchadh. Donnchadh era um Talbot (um ancestral do Cão-de-Santo-Humberto moderno) e o nome se pronuncia DON-nu-chu. É um nome gaélico antigo que mistura os termos para “marrom” e “nobre”, sendo apropriado para cachorros por alguns motivos. Esse nome acabaria evoluindo para “Duncan”, em inglês.

Quando o principal *minion* de Eduardo, John de Loren, foi mandado para encontrar Roberto, ele teve uma ideia genial para

usar o cachorro. John ordenou que os homens soltassem o cão, acreditando que Donnchadh os levaria diretamente até Roberto.

Porque era um cachorro e só entendia aproximadamente 20% do que estava acontecendo, Donnchadh imediatamente localizou o cheiro do mestre e saiu correndo, levando os soldados ingleses exatamente aonde Roberto estava escondido com seus homens.

Entretanto, uma coisa deu errado nessa genial trama inglesa: um cão fiel o bastante para encontrar seu mestre também é fiel o suficiente para lutar por ele. Quando os soldados cercaram Roberto, Donnchadh se virou contra eles e atacou. Roberto e o cachorro escaparam da emboscada juntos, e o rei continuou a comandar sua guerra de guerrilha contra os ingleses.

Eventualmente, os dois exércitos acabaram se encontrando na Batalha de Bannockburn e, por mais que a vitória inglesa parecesse óbvia, não foi o que aconteceu. Nessa época, Eduardo já tinha morrido, e seu filho Eduardo II (porque todos os reis precisam do mesmo nome, para a história ser o mais confusa possível) tomara o poder. Ele não estava muito interessado numa guerra contra a Escócia, especialmente porque seus próprios nobres estavam à beira de uma guerra civil e essa crise doméstica o ocupava. Deve ter sido por isso que os ingleses não se esforçaram muito em Bannockburn.

QUANDO OS SOLDADOS CERCARAM ROBERTO, DONNCHADH SE VIROU CONTRA ELES E ATACOU. ROBERTO E O CACHORRO ESCAPARAM DA EMBOSCADA JUNTOS, E O REI CONTINUOU A COMANDAR SUA GUERRA DE GUERRILHA CONTRA OS INGLESES

Em 1320, nobres escoceses enviaram a Declaração de Arbroath ao papa. O documento registrava que a Escócia era um reino independente, que Roberto I era o rei legítimo e os ingleses podiam ir catar coquinho.

Depois de mais uma tentativa fracassada da Inglaterra de conquistar a Escócia, os dois lados assinaram o Tratado de Edimburgo-Northampton, declarando que a Escócia era seu próprio reino e que a família de Roberto I era legítima herdeira do trono escocês, além de redesenhar a fronteira, exatamente como ela era antes da guerra.

Claro, isso não durou muito. A Escócia e a Inglaterra continuaram a brigar por muitos anos antes do Tratado de União de 1707, que as unificou. No entanto, a reivindicação de Roberto I ao trono acabou tendo um efeito muito maior no nascimento de outra nação. Ele mandou a filha se casar com um representante da Casa de Stuart, uma linhagem nobre que acabaria governando a Inglaterra. Um dos membros mais famosos da família, descendente direto de Roberto I, é o próprio rei Jorge III, que, durante seu reinado, conseguiu perturbar tantos zé-ninguéns que eles instauraram uma revolução contra seu governo nas treze colônias do outro lado do Atlântico.

Mas essa já é outra história.

Cãoplemento

Cães-de-Santo-Humberto, como os conhecemos hoje, foram trazidos de Constantinopla e aperfeiçoados na Europa Ocidental uns mil anos atrás. Muitas igrejas mantinham matilhas desses cães nos

monastérios da Inglaterra e da França, financiadas por lordes nobres. Os monges eram responsáveis pelo programa de cruzamento, garantindo que os cães dos lordes só cruzassem com cães de lordes.

Departamentos de polícia no mundo inteiro aproveitam a habilidade incrível dos Cães-de-Santo-Humberto de seguirem o faro. A trilha de um Cão-de-Santo-Humberto é aceita como testemunha em quase qualquer tribunal.

A pele solta e as orelhas compridas do Cão-de-Santo-Humberto não são só adoravelmente caídas; elas são usadas para aproximar melhor os cheiros do nariz. A dobra de pele debaixo do pescoço é chamada de barbela e pode ser vista em outras raças, como São-Bernardo, Mastim e Basset Hound. Normalmente aparecem em cachorros de climas mais frios porque a camada adicional de pele e gordura protege a traqueia quando o ar está muito gelado e ajuda a aquecer o ar que o cachorro respira até uma temperatura razoável, evitando danos a seu tecido pulmonar.

CÃOQUISTADORES!

Cachorros forçados a serem cúmplices do colonialismo

MOLOSSUS (MASTIM) · AMÉRICA · SÉCULOS XIV-XV

Não é à toa que Shakespeare escreveu sobre “soltar os cães da guerra” em *Júlio César*. Cachorros foram usados como involuntárias ferramentas de guerra ao longo de toda a história (lembra do Peritas, sobre quem você acabou de ler? Se pulou o capítulo, volte e leia, porque é incrível). Na Europa, durante a Idade Média e o Renascimento, era raro ver um campo de batalha sem uma legião de soldados caninos. Uma carta do reinado da rainha Elizabeth I declara que trezentos Mastins foram usados contra os irlandeses, e dizem que o rei Henrique VIII mandou centenas de cães ao auxílio do imperador Carlos V da Espanha na guerra contra a França.

Portanto, os conquistadores que “descobriram” as já descobertas Américas fizeram parte de um longo legado de uso de cães para lutar por próprias causas.

É difícil discutir a América pré-Colombo porque a maior parte da história sobrevivente é eurocêntrica, generalizada e muito parcial. O que sabemos é que, antes de os espanhóis fincarem bandeiras colonialistas em solo americano, havia entre 2 milhões e 10 milhões de indivíduos indígenas somente no que hoje é a porção continental dos Estados Unidos. É uma variação muito ampla, mas fica claro, de qualquer forma, que já havia muita gente por lá. A maioria desses nativos era organizada em tribos comandadas por chefes e unidas em confederações. Não havia civilizações de estilo clássico como os incas e os astecas, tampouco metal, pólvora, linguagem escrita, roda, cavalos ou animais domésticos — exceto por cachorrinhos pequenos e geralmente sem pelo, como o Xolo (aquele esquisitão,

lembra? Falamos dele uns capítulos atrás). O que havia era agricultura, estruturas sociais e políticas e redes de comércio. Esses povos viviam dos recursos naturais disponíveis na região e consideravam a terra um recurso comum, delimitado para uso, mas não posse. Em geral, eram espiritualizados, e a maioria deles não acreditava em uma única divindade, mas em várias delas, menores, diferente dos europeus monoteístas.

Como a estrutura social era diferente, foi fácil para europeus como Colombo vê-los como povos ignorantes, selvagens e primitivos que deviam ser civilizados ou destruídos.

Mas é preciso rever algumas informações sobre Cristóvão Colombo antes de prosseguirmos: primeiro, ele não achava que a Terra era plana. Sabe-se que a Terra é redonda desde a época dos gregos e romanos antigos. Segundo, ele definitivamente não foi o primeiro europeu a pisar em terra americana. Os vikings já tinham feito isso, apesar de terem menos fama. Terceiro, Colombo não fez uma viagem única ao Novo Mundo em 1492 (além disso, esse mundo não era novo). Ele fez quatro viagens no total. Durante a primeira, que costumamos estudar na escola, ele desembarcou em San Salvador em busca de ouro, de uma rota mais rápida até o Oriente para ganhar uma graninha boa com especiarias, e de lugares por onde espalhar o cristianismo. Ele foi acompanhado por três navios e alegou ter ido em paz. Na segunda, voltou com dezessete navios, 1200 homens, cavalos e vinte cachorros de guerra, o que vai meio contra essa historinha de paz.

Invasores europeus nas Ilhas Canárias já tinham aprendido que cães de guerra eram o método mais eficiente para lutar contra populações nativas que não tinham armadura, tendo usado

cachorros para subjugar os antes inconquistáveis guanches e mouros de Granada. De acordo com relatos da época, os Mastins usados pelos espanhóis chegavam a pesar 110 quilos e a medir noventa centímetros do chão até o ombro, apesar de provavelmente haver um pouco de exagero aqui para efeito dramático. Galgos Ingleses também eram usados em batalhas devido à sua agilidade. Eram treinados para perseguir homens e estripá-los.

Os povos indígenas americanos nunca tinham visto cachorros enormes como os que foram trazidos da Europa. Achavam que os cães podiam ser uma espécie de dragão — uma impressão intensificada pelo fato de os cães espanhóis usarem armaduras de cota de malha e placas de aço como os mestres, o que os tornava praticamente invulneráveis a armas de pedra. Os cães eram deixados sem comer antes da guerra para que ficassem famintos e furiosos e, portanto, mais motivados a atacar quando soltos no campo de batalha. Também há histórias muito fáceis de acreditar sobre soldados espanhóis que costumavam soltar os cachorros contra os indígenas por diversão, ou para apostar nos resultados do ataque. Porque eles eram horrííííííííííveis.

Quando Colombo voltou ao que hoje é a Jamaica, determinado a exibir a força espanhola aos povos indígenas, o que mais os aterrorizou foram os cães de guerra. Conforme atravessou Hispaniola, obrigando os chefes a capitularem, ele levou os cães junto e os usou para causar pânico na população. Colombo deu a ideia de usar cães de guerra contra populações indígenas nas Américas. Cortés, De Soto, Pizarro, Vásquez de Coronado e Balboa também levaram cachorros em suas aventuras colonizadoras.

Olha, eu obviamente não gosto de colonização nenhuma, mas, se for acontecer, pelo amor de Deus, não usem cachorros como cúmplices dessas decisões horrorosas!

Um dos cães de guerra mais famosos era Becerrillo, termo para “bezerrinho” em espanhol. Becerrillo pertencia a Ponce de León, que chegou à atual Flórida em 1513 buscando ouro, a fonte da juventude, e construir fortalezas para proteger os galeões espanhóis dos ataques de piratas na saída do México. Ele só teve sucesso com esse terceiro item. Também levou missionários para converter os povos indígenas, uma conversão que literalmente ninguém pediu e que frequentemente se tornava agressiva. Em geral, ninguém nas Américas convidou Ponce de León nem queria sua presença. Mesmo assim, lá estava ele, com armas, cavalos e cães de guerra como Becerrillo.

Becerrillo era um Mastim enorme com uma reputação sanguinária e um corpo coberto de cicatrizes das batalhas às quais sobrevivera. Ele foi usado para aterrorizar os nativos de Porto Rico, onde Ponce de León se declarou governador, e serviu tanto no campo de batalha quanto como soldado e executor da lei espanhola em territórios conquistados. Podemos dizer que ele era um cão-çador de recompensas, e o trocadilho aqui é intencional. Em reconhecimento a seu serviço, ele era tratado como um soldado de alta patente — até recebia parte dos espólios de guerra. Entretanto, Becerrillo não estuprou e violentou mulheres indígenas — isso ficou por conta dos humanos. Até em seus piores momentos, os cachorros são mesmo muito melhores do que nós.

A história mais famosa de Becerrillo, no entanto, versa sobre sua morte e como, apesar do treinamento de guerreiro, sua adorável

natureza canina acabou vencendo.

DE ACORDO COM RELATOS DA ÉPOCA, OS MASTINS USADOS PELOS ESPANHÓIS CHEGAVAM A PESAR 110 QUILOS E A MEDIR NOVENTA CENTÍMETROS DO CHÃO ATÉ O OMBRO

Segundo se conta, Salazar, o cuidador de Becerrillo, mandou uma senhora idosa indígena que escolheu ao acaso na rua para entregar um recado ao governador; se não o fizesse, seria condenada à morte. Apavorada, a mulher começou a caminhar, mas, assim que tomou o caminho, Salazar mandou Becerrillo atacá-la — só por diversão, porque não havia mensagem nenhuma e os conquistadores espanhóis eram ESCROTOS.

Como tinha sido treinado para fazer, Becerrillo perseguiu a mulher. Quando ele a alcançou, ela caiu de joelhos e implorou por misericórdia.

Becerrillo parou.

De acordo com vários relatos, o terror dos mares espanhóis, massacrador do campo de batalha, parou, cheirou a mulher devagar e deu meia-volta sem feri-la.

Não sabemos o que aconteceu com Becerrillo em seguida, mas o gesto de misericórdia provavelmente significou seu fim. Com base em todo o conhecimento prévio da babaquice de Ponce de León e no fato de que Becerrillo não aparece em mais nenhum relato depois desse incidente, é provável que, ao saber o que acontecera, De León tenha mandado matar Becerrillo.

Até quando criados para a guerra e usados como cúmplices involuntários de assassinatos, genocídios e atrocidades contra a

humanidade em geral, cachorros continuam sendo cachorros.

O PUG QUE SABIA DEMAIS

Como um cachorro impediu um assassinato real

PUG · PAÍSES BAIXOS · SÉCULO XVI

No século XVI, os Países Baixos estavam sob o controle da família Habsburgo, especificamente Filipe II, o rei da Espanha, mas estavam exaustos desse domínio espanhol. As Dezessete Províncias, como eram conhecidos os Países Baixos, eram ricas e, portanto, obrigadas a pagar pesados impostos aos soberanos espanhóis. Também estavam sujeitas à devoção tirânica de Filipe ao catolicismo e à boa teoria cristã de conversão via assassinato. A Inquisição Espanhola tinha chegado ao norte e tanto protestantes quanto católicos que não atendiam às expectativas eram executados por heresia.

Muitos membros da nobreza eram contra a política de cristianismo por meio de assassinato, em parte por serem pessoas decentes, em parte por serem calvinistas que não queriam ser mortos. Nesse grupo se encontrava Guilherme de Orange, também conhecido como Guilherme, o Silencioso. Quando virou alvo da Inquisição, devido a sua dissidência política e sua rejeição ao governo espanhol, Guilherme conseguiu fugir para o Sacro Império Romano-Germânico, onde montou um exército para enfrentar os espanhóis e tomar o controle das Dezessete Províncias. Assim começou a Revolta Holandesa ou Guerra dos Oitenta Anos.

Guilherme comandou piratas chamados de Mendigos do Mar contra a Marinha espanhola e tomou cidades holandesas (a estratégia de se aliar a piratas logo seria adotada pela rainha Elizabeth I em sua própria guerra contra a Espanha). Inspirados pelo sucesso de Guilherme e seu bando, os holandeses correram para

se juntar à rebelião. Em 1581, as Dezessete Províncias declararam independência da Espanha e, em 1588, formaram a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, um país unificado. Isso possibilitou aos holandeses expandirem o comércio, o que levou à criação da Companhia Holandesa das Índias Orientais, e então ao estabelecimento da classe média nos Países Baixos, e logo à primeira bolha econômica registrada na história…

Mas estou passando o carro na frente dos bois. História é uma reação em cadeia — é tão legal. Mas vamos falar dos cachorros!

Como a maioria dos nobres europeus da época, Guilherme tinha muitos deles — alguns para caçar e outros, menores, como companheiros em casa. Ele frequentemente levava os cachorros ao campo de batalha e os deixava na barraca para lhe fazer companhia. Não eram cães de guerra como os Molossus dos conquistadores; a função deles era trazer conforto após a batalha. Um de seus companheiros caninos preferidos era um Pug chamado Pompey.

Certa noite, quando acampava em Hermigny durante o Cerco de Mons, um assassino espanhol se infiltrou no acampamento holandês e tentou matar Guilherme durante o sono. Enquanto Guilherme roncava, tranquilo e ignorante, Pompey ouviu o desconhecido se aproximando da barraca e começou a latir furiosamente e a pular na cara do mestre. Se ele estava latindo porque PERIGO! ou porque OBA, POSSÍVEL NOVO AMIGUINHO nunca saberemos. Mas a comoção acordou Guilherme, que conseguiu escapar do assassinato.

Entretanto, apenas dois anos depois, outro assassino pegou Guilherme de surpresa e ele foi morto em sua casa, em Delft.

Pompey ficou tão devastado que morreu três dias depois. O mausoléu de Guilherme em Nieuwe Kerk em Delft mostra Pompey deitado aos pés do dono.

SE ELE ESTAVA LATINDO PORQUE *PERIGO!* OU PORQUE *OBA, POSSÍVEL NOVO AMIGUINHO* NUNCA SABEREMOS. MAS A COMOÇÃO ACORDOU GUILHERME, QUE CONSEGUIU ESCAPAR DO ASSASSINATO

Os ancestrais de Guilherme continuaram devotos dos Pugs depois que ele morreu, e o Pug se tornou o cachorro oficial da Casa de Orange. Quando o sucessor de Guilherme, o Silencioso, Guilherme III, virou corregente da Inglaterra por meio do casamento com Maria II, os Pugs foram à coroação vestidos com fitas de veludo.

Não se escolhe a vida de cão. É a vida de cão que te escolhe.

Cãoplemento

Por volta de 1740, católicos romanos formaram um grupo secreto chamado Ordem do Pug. Era basicamente uma versão alternativa dos maçons, grupo ao qual o papa proibira os católicos de se associarem. Esperava-se que os membros provassem sua devoção beijando o Grande Pug debaixo do rabo (felizmente, o Grande Pug era uma estátua, mas, de qualquer forma, imagine os germes). Os membros também usavam coleiras, arranhavam a porta do clube para entrar e às vezes latiam.

O grupo acabou perdendo força, mas pode apostar que eu leria um romance do Dan Brown em que Robert Langdon sai em busca das relíquias da Ordem do Pug.

URIAN, O GALGO

Um cão mastiga a Igreja católica

GALGO INGLÊS · ROMA E INGLATERRA · DÉCADA DE 1520

Quase todo mundo conhece Henrique VIII por uma coisa: E-S-P-O-S-A-S.

Especificamente, esposas decapitadas.

Se souber outra coisa, provavelmente é que o hábito dele de se casar e decapitar as esposas levou a Inglaterra a romper com o catolicismo e a fundar a Igreja anglicana.

O que provavelmente não se sabe é que, sem um cachorro em particular, esse rompimento da Igreja com o Estado talvez nunca tivesse acontecido.

Primeiro, o contexto: a Guerra das Rosas havia recém-acabado. Ricardo III, malsucedido na tentativa de trocar o reino por um cavalo, foi morto na Batalha de Bosworth em 1485, dando fim à guerra mais mesquinha da história — cujo motivo era decidir quem tinha o direito legítimo ao trono inglês, a Casa de York ou a Casa de Lancaster.

E tinha uma nova casa no pedaço: a Casa de Tudor.

Henrique VII tomou o trono e imediatamente estabeleceu uma dinastia forte, com a qual ninguém iria mexer. Um dos instrumentos usados por ele foi a assinatura de um tratado com a região de Aragão, na Espanha — não confunda com o personagem Aragorn, de *Senhor dos Anéis* —, para arranjar um casamento entre Catarina de Aragão e seu filho Arthur.

Você tinha certeza de que eu ia dizer que o filho era Henrique VIII, né? Pode esperar. Ele já chega.

Logo depois do casamento, Arthur morreu, impedindo a Inglaterra para sempre de ter um rei Arthur no trono. Para preservar o tratado

com Aragão, Henrique VII começou a pedir a Catarina que se casasse de novo, com o outro filho, Henrique (pronto, é ele). Mas havia um probleminha: a Igreja tinha declarado ilegal um homem se casar com a viúva do irmão. No entanto, as regras se tornaram mais flexíveis quando Henrique VII morreu e se tornou urgente arranjar um rei e uma rainha. O filho Henrique se casou com Catarina. E eles foram coroados rei Henrique VIII e rainha Catarina de Aragão.

Henrique queria ser um rei guerreiro. Ele não tinha tempo para besteiras como se preocupar com impostos. Reis de verdade vão à guerra! Portanto, nomeou o cardeal Tomás Wolsey para governar a Inglaterra, enquanto ele próprio lutava contra a França por motivos espúrios. Wolsey se tornou tão poderoso que passou a ser conhecido como o *alter rex*, “o outro rei”.

No entanto, Wolsey não conseguia resolver todos os problemas domésticos de Henrique. Especialmente aqueles que se passavam no quarto. Catarina dera à luz cinco filhos, mas só um sobreviveu, e era uma menina — burra, inútil, incapaz de herdar o reino. Ai, história, sua filha da puta machista. Henrique se convenceu de que a falta de um herdeiro homem era a punição de Deus por seu casamento ilegítimo. E de que, como o casamento nunca fora legal, não seria preciso um divórcio, apenas sua anulação.

A decisão talvez também tenha sido influenciada pelo fato de Henrique estar tendo um *affair* com Ana Bolena, uma das damas de companhia de Catarina.

BASTOU UMA MORDIDINHA DE URIAN PARA PÔR EM AÇÃO UMA SÉRIE DE ACONTECIMENTOS QUE MUDARIAM O MUNDO

Para anular o casamento, Henrique precisava da permissão do papa. “Sem problemas, o papa me ama!”, disse Henrique. Ele mandou seu assistente real — que, convenientemente, também era o melhor amigo oficial do papa —, Wolsey, para se virar com a questão em Roma.

Wolsey levou com ele um serzinho bom pra cachorro: Urian, seu Galgo Inglês.

Galgos Ingleses são a mais antiga raça pura de cães que existe ainda hoje — datam do Egito antigo e aparecem nas mitologias gregas e romanas, além da Bíblia. Todos os lebréus de hoje — isto é, Galgos que caçam usando a visão, e não a audição — descendem do Galgo Inglês. Até o século XVIII na Europa, só os nobres, como nosso colega Wolsey, podiam ter Galgos Ingleses.

Por algum motivo, Urian não só foi levado até Roma como também convidado à audiência de Wolsey com o papa, o que me faz ter menos vergonha de ser uma moça branca boba insistindo em entrar com minha cachorra no shopping. O encontro começou com uma cerimônia simbólica, na qual o papa estendeu o pé descalço para Wolsey beijá-lo.

No entanto, Urian, crente de que seu mestre estava correndo o risco de levar um chute/cheirar o chulé horroroso do papa, foi protegê-lo. Antes que Wolsey beijasse os dedinhos pontífices, Urian deu um pulo e abocanhou o pé do papa.

A partir daí, a reunião foi de mal a pior.

Wolsey foi mandado de volta à Inglaterra sem permissão nenhuma para anular o casamento. Apesar de o comportamento difícil de Urian talvez ter sido a gota d’água, outra forte razão para o papa recusar a anulação foi o imperador romano-germânico Carlos

V. Carlos tinha tomado Roma. Por acaso, ele era sobrinho da nossa querida rainha Catarina de Aragão; portanto, estava muito interessado em mantê-la no trono da Inglaterra.

Henrique VIII imediatamente despediu Wolsey e nomeou outro Arcebispo de Canterbury depois de várias entrevistas de emprego resumidas em uma pergunta: “Você proclamaria meu casamento com Catarina nulo e sem efeito jurídico?”. Quando o novo arcebispo o declarou oficialmente solteiro aos olhos de Deus, Henrique se casou de imediato com Ana, em parte porque ela estava um pouquinho grávida, e, se fosse um menino, seria muito útil que não nascesse fora do casamento.

Como retaliação, o papa excomungou Henrique.

Como retaliação, Henrique não deu a mínima.

Bastou uma mordidinha de Urian para pôr em ação uma série de acontecimentos que mudariam o mundo. Henrique declarou que a Igreja católica não podia despedi-lo, pois ele já tinha se demitido e ia começar a própria igreja: a Igreja anglicana. O Parlamento inglês adorou a separação de Roma, em parte porque a Igreja tinha muita terra e poder que eles também queriam. A dissolução dos monastérios em 1593 passou um pedação das terras e do dinheiro da Igreja para o governo, resultando na maior grilagem da história moderna. A nobreza rural se tornou ainda mais poderosa. Vários decretos foram declarados instaurando Henrique VIII como líder da Igreja, tornando o catolicismo ilegal e determinando como traição a discordância. A única filha sobrevivente de Catarina, Maria, foi declarada ilegítima, pois só importavam seu casamento com Ana e quaisquer filhos que pudessem ter (que agouro).

É impossível alegar que o rompimento entre a Inglaterra e a Igreja católica foi causado pelo desejo de divórcio de um rei. As sementes desse término foram plantadas quase um século antes do acontecimento. Graças à invenção da imprensa, que permitia a distribuição mais ampla de textos religiosos, e aos textos de homens como Martinho Lutero e Erasmo de Roterdã, que pediam a reforma da Igreja, a Inglaterra, assim como o resto da Europa, estava em meio a enormes mudanças religiosas.

Sem a mordida poderosa de Urian, porém, sabe-se lá quanto tempo isso teria levado?

Cãoplemento

De acordo com as leis de Canuto, declaradas na Inglaterra em 1014, qualquer pessoa responsável pela morte de um Galgo Inglês poderia ser executada.

Galgos Ingleses foram criados para correr e atingem a velocidade de 72,5 quilômetros por hora.

A GUERRA DOS OSSOS

Os cachorros da Guerra Civil Inglesa

CÃES DE CAÇA · INGLATERRA · 1642-1651

Vou ser sincera: a Guerra Civil Inglesa é uma cadela, impossível de explicar (sem ofensa às fêmeas da espécie canina). Farei meu melhor para contar por meio de cachorros.

Então, era o começo do século XVII na Inglaterra. Jaime I estava no trono e tinha uns probleminhas no reinado. Primeiro era sua fé completa e absoluta no direito divino dos reis, o que significa que ele tinha bastante certeza de que era Deus. E quem se mete com Deus está pedindo para apanhar. Por isso, Jaime não era muito bom ouvinte. Especialmente em relação ao Parlamento: Jaime vinha da Escócia, cujo Parlamento era tão fraco quanto café aguado.

O outro problemão era que ele não dava a mínima para gente pobre.

Isso era óbvio na caça. A nobreza não caçava por sobrevivência, só por esporte. Jaime acreditava no inalienável direito real de caçar. Amava caçar, especialmente nas terras de fazendeiros e proprietários rurais. Então mandava os súditos ararem seus campos de forma a facilitar sua caça, não a agricultura da qual dependiam de fato para sobreviver. Ele também os fazia largar tudo para servir a ele e aos seus amigos de caça, sem pagamento. Essas demandas incluíam de acomodação a banquetes e festas de arromba.

Jaime também roubava os cachorros dos camponeses. Em 1616, ele deu ao mestre real dos cães (meu trabalho dos sonhos) a permissão para apreender qualquer cachorro e alistá-lo na equipe de caça real. Às vezes, mandava matar os cachorros dos plebeus simplesmente para evitar concorrência. Para completar sua

reputação de lixo humano, Jaime também era obcecado pelo pior esporte do mundo — a rinha de ursos — e sequestrava cãezinhos para lutar contra ursos no estilo *Jogos vorazes*, enquanto os nobres faziam suas apostas.

Eu sei que é atroz. O século XVII foi bem ruim para os pobres e os cachorros, mas foi ainda pior para os cachorros pobres.

Carlos, filho de Jaime, tinha a mesma paixão por esportes assassinos. Quando herdou o trono, decidiu que as 68 florestas reais não bastavam para caçar, então apreendeu ainda mais terrenos da plebe e ordenou que todos os cachorros vivendo ali fossem mortos ou mutilados para não interferir na caça real.

Eu sei que já estamos todos prontos para a revolução. Ela vai acontecer.

Carlos I também odiava receber ordens. Quando os membros de seu Parlamento discordavam de suas escolhas, ele os mandava embora, paralisando o governo. Por fim, o Parlamento ficou de saco cheio dessa atitude e começou a revidar, o que levou Carlos a tentar prender o próprio Parlamento, levando seus membros a literalmente fazer declarações públicas sobre como Carlos era um imbecil. Esse conflito acarretou o rompimento entre os ingleses que apoiavam o rei — chamados de Realistas ou Cavaleiros — e aqueles que apoiavam o Parlamento — conhecidos como Cabeças Redondas.

O SÉCULO XVII FOI BEM RUIM PARA OS POBRES E OS CACHORROS, MAS FOI AINDA PIOR PARA OS CACHORROS POBRES

Por causa das hostilidades entre ele e o Parlamento, Carlos fugiu para Londres e se escondeu em Nottingham, dando o pontapé

inicial à primeira parte da Guerra Civil Inglesa. Um dos principais generais do lado Realista era o príncipe Ruperto do Reno, que tinha um ajudante bem maneiro: quando foi capturado na Guerra dos Trinta Anos, ele recebeu um cachorro como companheiro — porque, assim como hoje, a prisão é muito diferente para homens brancos e ricos. O cachorro era um Poodle de caça branco — parece mentira, mas juro que é verdade — chamado Boye. Durante o cativeiro, Ruperto e Boye se aproximaram de um jeito que só um homem e um cachorro confinados juntos em uma torre de prisão relativamente luxuosa conseguiriam. Depois de solto, Ruperto nunca mais foi visto sem Boye. Eles comiam juntos, bebiam juntos, dormiam juntos, caçavam juntos. Boye provavelmente ficava de olho quando Ruperto ia ao banheiro, um hábito esquisito que eu já observei em muitos cachorros.

Naturalmente, quando Ruperto se juntou à causa Realista de destruir a insurreição parlamentar, Boye foi junto.

Ruperto logo se tornou um dos cavaleiros mais temidos e icônicos entre os Realistas. Boye se tornou tão famoso quanto o mestre. Por causa da cor muito branca e distinta, era visto do outro lado do campo de batalha, como se fosse o espectro agourento da derrota iminente. Com Ruperto e Boye na chefia do exército, os Realistas conquistaram várias vitórias fundamentais, todas iniciadas pela aparição fantasmagórica de Boye no campo.

Os Cabeças Redondas estavam perdendo a guerra e se convenceram de que o motivo era Boye. A propaganda parlamentar começou a espalhar que o Poodle tinha poderes mágicos. Panfletos sobre o cachorro sobrenatural responsável pelo sucesso realista eram literalmente distribuídos em Londres. Ele ficava invisível e

espionava o acampamento. Ele era o diabo disfarçado. Ruperto era um bruxo e Boye, seu ajudante. Alguns Cabeças Redondas até disseram aos soldados que, se vissem Boye, eles deviam largar o que estivessem fazendo — mesmo que fosse lutar contra inimigos humanos — e garantir que o cachorro caísse primeiro.

Aviso: o cachorro morre no fim da história.

Na Batalha de Marston Moor, o destino dos Realistas mudou. Foi a primeira grande perda militar deles — provavelmente não é coincidência que também tenham perdido seu melhor soldado, Boye. Apesar de estar amarrado no campo Realista, Boye fugiu para se juntar ao mestre quando começou a luta e foi morto em batalha.

Ruperto ficou devastado. Até ele tinha começado a acreditar nas histórias de que Boye era magicamente invencível e, quando o cachorro foi morto, sua estratégia militar foi afetada. Ele se tornou mais hesitante, menos decidido. O exército Realista sofreu um grande baque em seu moral. Os Cabeças Redondas comemoraram, convencidos de que os Realistas poderiam ser derrotados, agora que o diabo não estava mais ao lado deles, na forma de Boye. Na Batalha de Naseby, outra derrota central para os Realistas, os Cabeças Redondas animaram as tropas gritando: “A bruxa branca de Ruperto morreu! Vamos derrotá-los!”.

Depois da morte de Boye, Ruperto nunca mais saiu vitorioso contra os Cabeças Redondas. Os Realistas perderam a guerra e Carlos I foi executado.

Mesmo assim, a Guerra Civil Inglesa ainda estava longe de acabar.

… Mas essa é outra história.

Cãoplemento

Oliver Cromwell, o líder mais famoso dos Cabeças Redondas, depois se nomeou Lorde Protetor da Comunidade das Nações (basicamente, um rei com outro título). Ele morreu aos 59 anos, mas, dois anos depois, quando o filho de Carlos I voltou à Inglaterra para retomar o trono e se livrar desse Lorde Protetor de uma figa, o corpo de Cromwell foi exumado só para ser executado, mesmo depois de morto. É um exagero do caramba, na minha opinião.

O Poodle tem origem na Alemanha. O nome "Poodle" vem da palavra alemã "pudel", que significa "poça", referindo-se aos cachorros que pulavam em poças d'água para catar as aves aquáticas derrubadas pelos caçadores. Os primeiros Poodles eram todos maiores e pesavam de dezoito a 31 quilos.

O famoso penteado esquisito do Poodle na verdade tem propósito prático e vem do século XVII. O trabalho de catar aves aquáticas frequentemente envolvia pular em água congelante, mas o pelo úmido pesava demais. Caçadores tosavam os cachorros de forma estratégica para diminuir o peso, mas mantinham os pelos mais grossos nas áreas que precisavam de proteção contra o frio.

A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO

Quando o cachorro de Isaac Newton quase estragou tudo

LULU-DA-POMERÂNIA · INGLATERRA · 1642-1727

Todo mundo sabe que a história da maçã que caiu na cabeça de Newton e o fez gritar “Eureca!” e inventar a gravidade é um mito. No entanto, a história por trás da descoberta de um dos princípios básicos do universo por Sir Isaac é muito mais interessante que isso e, claro, envolve um cachorro.

Isaac Newton foi uma personalidade central na Revolução Científica, um período na história europeia no qual se considera que emergiram campos científicos modernos como matemática, física, astronomia, biologia, anatomia humana e química. A Revolução Científica se deu na Europa por volta do fim do período renascentista e continuou até o final do século XVIII, quando evoluiu para o movimento social intelectual que conhecemos como Iluminismo. Por mais que as datas precisas sejam debatidas, a publicação de *As revoluções dos orbes celestes*, livro no qual Nicolau Copérnico propôs um modelo heliocêntrico do universo, usando o Sol como centro, em vez da Terra, costuma ser citada como o início da Revolução Científica, em 1543.

Inicialmente, o foco era a recuperação do conhecimento dos sábios antigos, muito do qual havia sido suprimido durante a Idade Média. Em 1632, com a publicação de *Diálogo sobre os dois principais sistemas no mundo*, de Galileu Galilei, a revolução se aproximou de novas linhas de pensamento. Uma das peças-chave foi a publicação de *Principia: princípios matemáticos de filosofia natural*, de Isaac Newton, em 1687, incluindo, entre outras coisas,

nosso entendimento moderno sobre as leis da gravidade e as três leis que baseiam a física e a mecânica modernas.

Entretanto, os conceitos em *Principia* quase se perderam para sempre.

Por causa de um cachorro.

Isaac Newton tinha um Lulu-da-Pomerânia de pelagem creme chamado Diamond, que lhe fazia companhia enquanto ele trabalhava. Em diversas cartas, Newton contou a seguinte história: certa noite, à luz de velas, ele estava fazendo correções finais nos tratados com Diamond a seus pés. Alguém bateu na porta e Newton se levantou para atender; Diamond, como todo bom cachorro, enlouqueceu porque alguém tinha chegado. Newton deixou Diamond no escritório, correndo em círculos.

Em uma dessas voltas, Diamond deu de cara com o pé da escrivaninha de Newton, derrubando a vela. Bem em cima do manuscrito. Newton voltou ao escritório e encontrou vinte anos de pesquisa literalmente pegando fogo.

O manuscrito no qual Newton estava trabalhando foi completamente destruído.

No entanto, em vez de pendurar no pescoço de Diamond uma placa dizendo “Eu destruí a pesquisa científica monumental do meu humano, que moldará todo o século XX, porque sou um catiorinho feito de puro caos” e postar na versão antiga do Instagram, dizem que ele pegou o cachorro e falou: “Ah, Diamond, Diamond, você nem sabe a bagunça que fez!”.

O incêndio, entretanto, foi mais difícil de superar do que a declaração tranquila indicaria. A perda levou Newton a entrar em depressão, da qual levou meses para se recuperar. Ele ficou de

cama por várias semanas depois do acontecimento, mas relatou que Diamond não arredou pé dali, ou seja, não havia ressentimento. Um ano se passaria antes que ele pudesse reconstruir a teoria da gravidade, mas o final é feliz: Newton publicou as teorias e o resto é história.

Mais tarde, Newton se tornou cada vez mais suscetível a períodos de depressão e mania e sofreu um colapso nervoso em 1693. Um exame do cabelo de Newton feito em 1979 mostrou traços de mercúrio em seu sistema, o que provavelmente afetava sua estabilidade mental. O mercúrio era resultado de seus experimentos alquímicos e suas tentativas de criar uma pedra filosofal.

Mas isso fica para outro livro. Sobre Harry Potter.

Cãoplemento

Na época de Newton, Lulus-da-Pomerânia não eram as bolinhas de quatro quilos que conhecemos hoje. Ainda estavam evoluindo. Eles descendem dos cães de trenó do Ártico, parte de um grupo chamado Spitz, um tipo de cachorro que tem várias características semelhantes aos lobos, como pelo longo, grosso e muitas vezes branco, além de orelhas e focinhos pontudos. Outras raças que se encaixam nessa categoria são o Malamute do Alasca, o Akita Inu, o Samoieda e o Norueguês Cinza. Lulus-da-Pomerânia eram criados como cães trabalhadores e costumavam pesar em média treze quilos. No século XIX, quando os cachorros se tornaram companheiros comuns para pessoas ricas, em parte devido ao interesse da rainha

Vitória, eles foram cruzados até se tornarem convenientemente menores. Entretanto, o gene da enormidade ainda está presente na raça: às vezes, os criadores acabam com um Lulu "retrô" gigante.

Lulus-da-Pomerânia provavelmente se originaram na Islândia, mas seu nome vem de uma região do leste alemão, onde a raça começou a ganhar suas características modernas.

Além da rainha Vitória (que chegou a ter 35 deles nos canis reais), a história está cheia de fãs de Lulus. Mozart dedicou uma de suas árias a Pimperl, seu Lulu-da-Pomerânia de estimação. Chopin foi inspirado a escrever a "Valsa do cachorrinho" ao ver o Lulu de um amigo correr atrás do próprio rabo. Quando Michelangelo pintou a Capela Sistina, seu Lulu ficou lá embaixo assistindo à obra do mestre.

O XÓGUM DOS CÃES

Protegendo os vira-latas do Japão

JAPÃO · SÉCULO XVII

Se eu fosse rainha do mundo, 99% dos meus decretos beneficiariam os cachorros.

Que bom que não sou rainha, porque seria um jeito horrível de tomar conta do mundo.

Mesmo assim, eu não seria a primeira governante a concentrar todo o meu esforço nos cidadãos de quatro patas.

Eis Tokugawa Tsunayoshi, o xógum dos cachorros do Japão.

Primeiro: o que é um xógum? Xóguns eram os oficiais hereditários que governavam o Japão sob o comando do imperador. Eram ditadores militares do Japão feudal de 1185 a 1868; devido aos vastos recursos militares de que dispunham, eram governantes absolutistas.

Tsunayoshi fazia parte da dinastia Tokugawa, que tomou o poder e estabeleceu um governo na cidade de Edo (agora conhecida como Tóquio) em 1600. Por ter nascido em 1646, ano do cachorro, Tsunayoshi cresceu certo de que tinha sido um em vidas passadas. O calendário japonês, semelhante ao chinês, tem animais diferentes para representar cada ano, em ciclos de doze. As pessoas nascidas no ano do cachorro são tidas como campeões de causas morais e especialmente sensíveis à injustiça. Em 1681, Tsunayoshi se tornou o quinto xógum Tokugawa no Japão e logo o mais polêmico também.

Na época, o Japão era obcecado por classe. Os nobres samurais eram mantidos estritamente separados da classe dos agricultores. Apesar de hoje associarmos samurais a guerreiros, membros de

alto escalão, como acadêmicos, aristocratas e oficiais do governo também vinham da classe samurai. Samurai não era um tipo de soldado, mas o nome de uma camada superior da sociedade japonesa, que frequentemente usava força militar para se manter acima dos súditos. Também eram obcecados pela tradição, pois ela justificava que vivessem de forma opulenta, sem se preocupar com as pessoas comuns.

Tsunayoshi temia que as táticas brutais dos samurais tivessem acostumado a população a se submeter à violência e que o Japão sofresse de uma falta geral de bondade e tolerância. Ele estudou o neoconfucionismo, o budismo e o taoismo, filosofias que enfatizavam a compaixão e a caridade e que o levaram a promulgar uma série de decretos que podem ser resumidos pelo lema “seja uma pessoa decente”. Conhecidos pelo nome extremamente literal de Decretos de Compaixão por Seres Vivos, eram divulgados diariamente ao público de Edo. Incluíam regras como “protejam crianças abandonadas”, “deem comida a pedintes” e “tentem não abandonar seus parentes quando envelhecerem”.

Uma parte desproporcional desses decretos tinha a ver com o bem-estar animal. Tsunayoshi promulgou leis que puniam a crueldade contra animais, começando pelo exílio, mas chegando à pena de morte. Na época, Edo era tomada por cachorros. Os samurais criavam cães com pedigree para caça e companhia, mas a quantidade de cachorros da maioria dos samurais era descontrolada. Algumas terras tinham centenas de cachorros, o que inevitavelmente levava à gravidez indesejada. O resultado disso era que os cães excedentes eram mortos ou abandonados nas ruas, onde eles acabavam se tornando agressivos para sobreviver.

Edo era uma cidade de vira-latas.

Como os samurais viviam em terrenos murados, não se preocupavam com o que acontecia na cidade de fato, mas os cachorros se tornaram uma ameaça à saúde do povo comum, especialmente quando as matilhas começaram a atacar pessoas. Tsunayoshi tentou resolver o problema por meio de uma lei que proibia abandonar cachorros na rua. Ele ordenou que os cachorros fossem tratados de acordo com “os princípios fundamentais da humanidade”, ou seja, não fossem mortos por não terem um lar.

Parece ótimo e razoável. Mas…

Sem nada para controlar a superpopulação canina, Edo ficou ainda mais cheia de vira-latas vadios. Tsunayoshi, por sua vez, insistiu ainda mais nas leis de proteção. A situação chegou ao ponto de as leis do xógum ficarem tão rígidas que os donos de cães suspeitos de negligência podiam ser punidos. Virou crime dar bronca em cachorro. Simplesmente ignorar um cachorro abandonado era motivo para prisão. Os cidadãos de Edo receavam não poder se defender de ataques caninos sem encarar a cadeia, então começaram a ter medo dos cachorros da mesma forma que temiam os brutais samurais de alto escalão. Por fim, Tsunayoshi decretou que todos os cachorros deviam ser tratados por O-inu-sama, o que significa “cão mais honrado e reverenciado”. Era um título previamente reservado a divindades.

As leis tinham sido projetadas para proteger os catioros indefesos de Edo, mas acabaram dando aos cães o controle total da cidade.

TSUNAYOSHI DECRETOU QUE TODOS OS CACHORROS DEVIAM SER TRATADOS POR O-INU-SAMA, O QUE SIGNIFICA “CÃO MAIS HONRADO E

REVERENCIADO". ERA UM TÍTULO PREVIAMENTE RESERVADO A DIVINDADES

Até que Tsunayoshi desenvolveu outro plano: com o dinheiro dos impostos, ele construiu um canil público para os vira-latas abandonados da cidade. Ali, eles seriam mais bem alimentados do que a maior parte dos camponeses. Cinquenta mil cãezinhos foram mandados para suas novas e luxuosas suítes, com mais cachorros chegando todo dia. Os cidadãos de Edo financiavam o estilo de vida extravagante de 50 mil a 100 mil vira-latas. Muitos cidadãos eram despejados para que o terreno fosse usado nos 93 hectares de canil. Os samurais se irritaram, pois tinham mais terras sujeitas a imposto, então acabavam pagando mais. E os agricultores se irritaram porque já não tinham muito dinheiro, então não entendiam por que deviam sustentar cachorros que não eram deles.

Quando o sucessor de Tsunayoshi, seu sobrinho Ienobu, assumiu o posto de xógum, imediatamente aboliu os Decretos de Compaixão por Seres Vivos ligados ao bem-estar animal. Por melhores que fossem as intenções de Tsunayoshi, Ienobu reconheceu que as leis tinham saído de controle. Os canis foram destruídos, mas não há registro certo do que foi feito com os cães que lá viviam.

Apesar do descontrole de suas políticas públicas, Tsunayoshi era bem-intencionado, e seu espírito segue vivo na Tóquio moderna, no santuário Ichigaya Kamegaoka Hachimangu, onde cachorros e outros animaizinhos podem receber uma cerimônia de Shichi-Go-San, que tradicionalmente marca idades de transição na vida de crianças humanas. O santuário também oferece eventos de *hatsumōde* (o Ano-Novo japonês) para animais e tem *omamori* (amuletos japoneses) voltados para eles.

QUERO CONHAQUE!

Barry e os cães de resgate do passo do Grande São Bernardo

SÃO-BERNARDO · SUÍÇA · DÉCADA DE 1660

Vou começar este texto com uma justificativa: gosto muito desta história, porque uma cachorra da raça que comentaremos está neste instante roncando debaixo da minha cadeira de trabalho. Mesmo assim, prometo que serei o mais imparcial e objetiva possível. Afinal, sou profissional.

Pronto, agora vamos à história da melhor raça canina de todas: o São-Bernardo.

O passo do Grande São Bernardo é uma estrada de 79 quilômetros entre a Suíça e a Itália, que fica coberta de neve a maior parte do ano. Para ajudar viajantes com dificuldade na trilha, um frade agostiniano chamado são Bernardo de Menton fundou por ali um hospital e um monastério por volta de 1050 — daí o nome do passo. O hospital virou um local onde viajantes e peregrinos podiam descansar e se aquecer, ficando renovados para o resto da jornada.

São-Bernardos foram introduzidos ao monastério como cães de guarda entre 1660 e 1670, mas logo começaram a trabalhar em outras tarefas. Na época, eram chamados de Mastins Alpinos. Criados acompanhavam os viajantes entre o hospital e Bourg-Saint-Pierre, uma cidade próxima, e os cachorros costumavam ir junto. Seu peito largo e suas patas enormes ajudavam a abrir caminho para os viajantes.

Graças a seu olfato, também conseguiam encontrar pessoas soterradas pela neve. Por isso, eram treinados para cavar até liberar os viajantes presos e depois lambê-los e se deitarem sobre eles para restaurar o calor do corpo. Em pouco tempo, grupos desses

cães passaram a ser enviados para procurar por viajantes feridos sem assistência humana. Quando os encontravam, um dos cães voltava correndo ao hospital para levar os frades ao lugar de resgate. Se um cachorro estivesse sozinho, ele se deitaria sobre a vítima e latiria até os frades chegarem.

Quando não estavam trabalhando, os cachorros também eram companheiros muito necessários aos viajantes no hospital, assim como aos frades. Afinal, pode ser muito solitário viver em um monastério remoto em um passo alpino perigoso que está quase sempre congelado.

Em 1800, Barry der Menschenretter (o que significa “Barry, o Salvador de Pessoas”, porque às vezes simplesmente não somos criativos) se tornou um dos cachorros residentes. Ele era um pouco menor do que o São-Bernardo moderno — os cães de resgate originais pesavam por volta de 45 quilos, enquanto o São-Bernardo moderno costuma pesar entre sessenta e noventa quilos, graças ao cruzamento com Mastins e Terras-Novas. Barry também seria mais parecido com um Labrador atual, com pelo curto branco e avermelhado. Ironicamente, o São-Bernardo mais famoso da história não se parecia em nada com os São-Bernardos de hoje.

Durante a carreira de Barry, dizem que ele salvou mais de quarenta vidas, apesar de ser impossível confirmar o número. O resgate mais famoso de Barry foi de um menino que ele encontrou perdido em uma caverna de gelo. Depois de acordá-lo com lambidas, Barry carregou o garoto nas costas até o hospital. Prefiro nunca me perder em uma caverna de gelo, mas acordar com lambidas e ser carregada por um cachorro gigantesco seria a forma perfeita de passar um dia de inverno.

De acordo com a placa no monumento dedicado a Barry, ele morreu na ocasião do quadragésimo primeiro resgate. Não é verdade. Depois de doze anos de serviços prestados ao monastério, Barry se aposentou em Berna, na Suíça, onde dedicou o resto de sua vida ao importantíssimo trabalho de todo São-Bernardo: tomar conta do chão. O corpo empalhado de Barry está exposto no Museu de História Natural de Berna.

Os frades no passo do Grande São Bernardo ainda criam cachorros, apesar de eles não fazerem tantos resgates hoje em dia. Para honrar o parente famoso, um filhotinho de cada ninhada nascida lá recebe o nome de Barry.

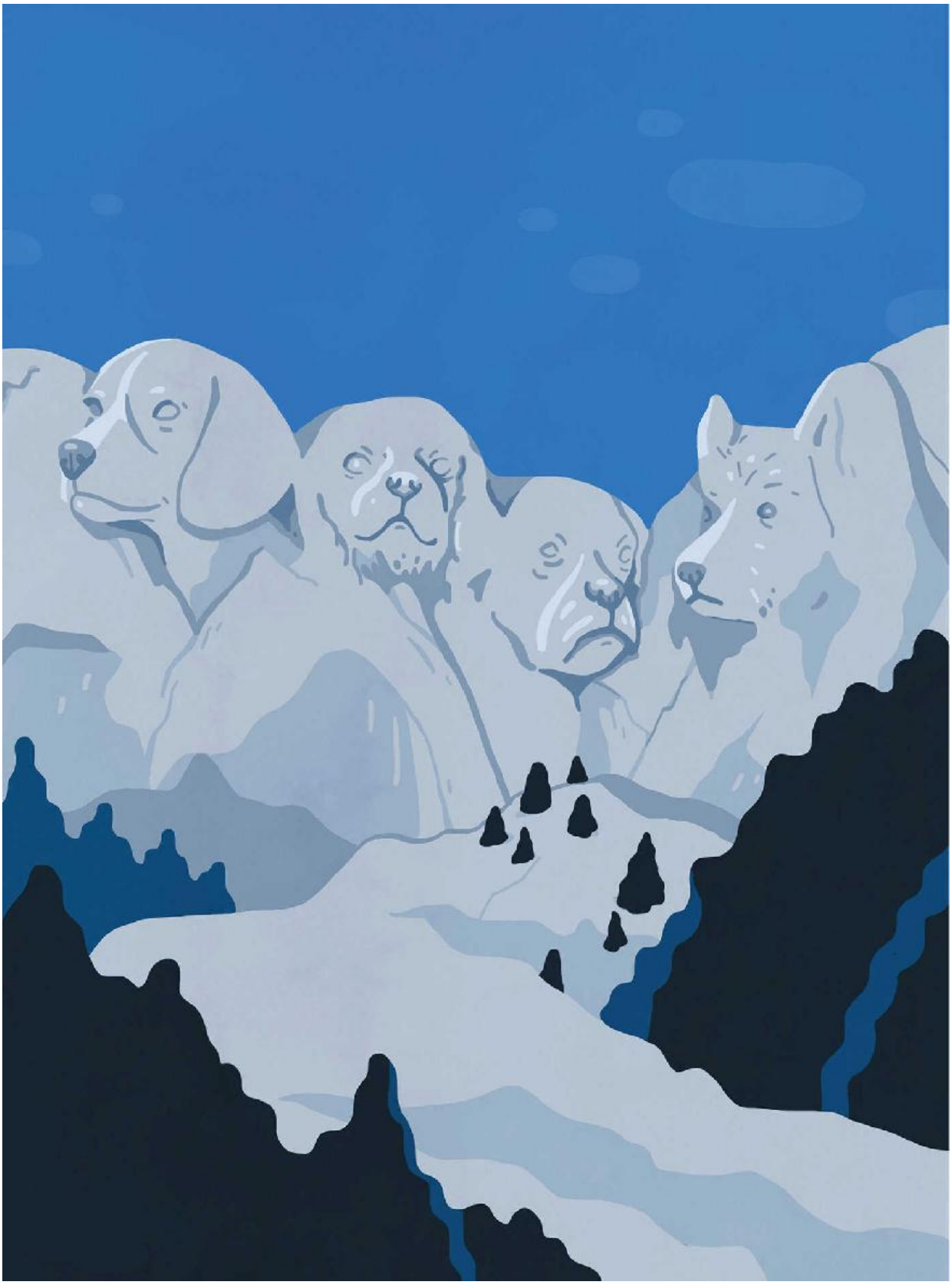
Cãoplemento

O famoso barril de conhaque pendurado no pescoço dos São-Bernardos nunca foi de fato usado em resgate. Foi uma invenção do artista Edwin Landseer na década de 1820, na pintura *Alpine Mastiffs Reanimating a Distressed Traveler* [Mastins Alpinos reanimando um viajante em perigo]. Landseer explicou que o barril pintado no pescoço de um dos cães continha conhaque para reviver o viajante. A verdade é que beber conhaque não é uma boa ideia para quem foi soterrado por uma avalanche. O álcool dilata os vasos sanguíneos, o que faz o sangue vir à flor da pele, diminuindo rapidamente a temperatura corporal.

Em 1800, os frades e seus São-Bernardos ajudaram as tropas de Napoleão a atravessar o passo.

Nenhum soldado morreu.

Em 1830, os frades começaram a cruzar os São-Bernardos com os Terras-Novas para desenvolver pelos mais longos e adaptados ao ambiente. O tiro saiu pela culatra: a pelagem ficou mais longa, mas o gelo agora grudava nos pelos, aumentando o peso dos cães e dificultando o resgate. Entretanto, esses híbridos malsucedidos, que foram doados aos moradores dos vales próximos, originaram a aparência moderna do São-Bernardo.



“SE QUISER UM AMIGO EM WASHINGTON, ADOTE UM CACHORRO”

Primeiros-cães na Casa Branca

ESTADOS UNIDOS

Quase todos os presidentes dos Estados Unidos tiveram bichos de estimação na Casa Branca. Cachorros, especialmente, foram adotados por presidentes e amados pelo público, levando a alguns momentos presidenciais memoráveis.

Eis alguns fatos para satisfazer sua *curiausidade* sobre os primeiros-cães dos Estados Unidos:

George Washington

🐾 Washington teve dezenas de cachorros ao longo da vida, todos com nomes engraçados, incluindo Sweetlips [Boca Doce] (tenho certeza de que foi o nome de drag queen de Washington), Scentwell [Cheiroso], True Love [Amor Verdadeiro] e Madame Moose [Senhora Alce], além de Taster [Degustador], Tipler [Bebum], Tipsy [Alegrinho] e Drunkard [Cachaceiro]. Talvez fossem cachorros alcoólatras.

🐾 Durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos, Washington encontrou um cachorro que pertencia ao general britânico William Howe no campo de batalha em Germantown e fez de tudo para devolvê-lo. Apesar de estarem em lados diferentes do conflito, eles tinham algo em comum: cachorros.

🐾 Washington era um criador dedicado de cães de caça e, ao tentar desenvolver um cachorro superior, rápido, sensato e inteligente, criou o Foxhound-Americano.

Theodore Roosevelt

🐾 Os Roosevelt ganham o prêmio de “Casa Branca que Mais Parece um Zoológico”. Entre seus bichos de estimação havia um monte de cachorros, porquinhos-da-índia, galinhas, pôneis, lagartos, araras, uma cobra chamada Emily Spinach [Emily Espinafre], um urso-negro, ratinhos, texugos, porcos, coelhos, uma hiena, corujas e um galo de uma perna só.

🐾 Pete, o Bull Terrier Inglês de Roosevelt, quase causou um escândalo internacional ao rasgar as calças do embaixador francês Jules Jusserand. Pouco depois, Pete deixou a Casa Branca e acabou exilado na casa da família em Long Island.

Warren G. Harding

🐾 Laddie Boy, o Airedale de Harding, foi o primeiro cachorro presidencial a receber enorme cobertura da imprensa. Ele tinha até a própria cadeira entalhada à mão, na qual se sentava durante reuniões oficiais. Harding também escrevia cartas à imprensa em nome de Laddie Boy, dando suas opiniões caninas sobre vários temas políticos, e entrevistas fictícias com o cachorro eram divulgadas na imprensa.

🐾 Depois da morte de Harding, jornaleiros do país inteiro (o primeiro trabalho de Harding foi como jornaleiro) doaram moedas para derreter e forjar uma estátua de Laddie Boy. Feita de mais de 19 mil moedas de um centavo de dólar, a estátua atualmente se encontra no museu Smithsonian.

FALA É O ÚNICO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO DE UM PRESIDENTE A FAZER PARTE DE UM MONUMENTO NACIONAL: ESTÁ IMORTALIZADO AO LADO DE FDR NO PASSEIO NACIONAL

Franklin D. Roosevelt

🐾 O cachorro mais famoso de FDR foi o Terrier Escocês Murray the Outlaw of Falahill [Murray, o Fora da Lei de Falahill], apelidado de Fala. O nome foi dado em homenagem a um ancestral escocês de FDR.

🐾 Durante a guerra, Fala doou um dólar por dia para as Forças Armadas e recebeu o título de soldado honorário do Exército.

🐾 Quando Roosevelt fez campanha pela reeleição em 1944, republicanos o acusaram de ter acidentalmente esquecido o cachorro nas Ilhas Aleútes e, então, de ter enviado um contratorpedeiro para buscá-lo, desperdiçando milhares de dólares de dinheiro público. Era mentira — o que seria óbvio a qualquer dono de cachorro, porque, honestamente, como assim esquecer o cachorro?! O presidente respondeu com uma declaração oficial que entrou para a história como o Discurso de Fala. Ele disse que não estava ofendido pelos ataques republicanos, “mas Fala, sim, está ofendido… A alma escocesa dele ficou furiosa. Desde então, ele não é mais o mesmo”. O Discurso de Fala ajudou a reanimar a campanha de Roosevelt e ele ganhou um quarto mandato na Casa Branca.

🐾 Fala é o único animal de estimação de um presidente a fazer parte de um monumento nacional: está imortalizado ao lado de FDR no Passeio Nacional.

John F. Kennedy

🐾 Durante a Guerra Fria, a família Kennedy ganhou um cachorro do primeiro-ministro da União Soviética, Nikita Khruschóv. Ela se chamava Pushinka (“fofinha” em russo) e era filha do cachorro

espacial soviético Strelka. Era uma alfinetada pelo fato de a União Soviética estar mais avançada na corrida espacial, tendo lançado *Sputnik* ao espaço em 1957. Havia também certa suspeita de que Pushinka fosse uma espiã russa e ela precisou ser devidamente examinada pelo serviço secreto antes de entrar na Casa Branca para ver se não tinha grampos de escuta. Ela se integrou bem à família Kennedy e ficou tão amiga de Charlie, o Welsh Terrier de Caroline Kennedy, que em 1963 pariu uma ninhada de filhotes que o presidente chamava pelo maravilhoso apelido de “pupniks”, misturando “pup”, a palavra em inglês para filhotes, e “sputnik”.

🐾 JFK também foi o único presidente a exigir formalmente que os cachorros o recebessem quando chegava em casa de helicóptero.

🐾 Charlie reconfortou Kennedy durante a crise dos mísseis de Cuba. Em outubro de 1962, o mundo estava à beira de uma guerra nuclear depois de a União Soviética levar vários mísseis balísticos para Cuba. Kennedy estava tentando decidir como tirar os mísseis de Cuba sem começar uma guerra nuclear, enquanto o país inteiro se escondia debaixo da mesa em posição de emergência, esperando pelo pior. Na Sala de Situação da Casa Branca, Charlie ficou no colo do presidente enquanto Kennedy tomava decisões drásticas sobre possíveis ações. Os presentes na sala disseram que a companhia do cachorro teve um notável efeito calmante em Kennedy, que foi capaz de lidar com a crise com sucesso, sem nunca parar de fazer carinho em Charlie.

Lyndon B. Johnson

🐾 Yuki, a vira-lata do presidente Johnson, era conhecida por seu canto e por ser muito próxima do dono. Eles nadavam juntos,

dormiam juntos e até dançaram juntos no casamento de Lynda, filha de Johnson. A primeira-dama teve de convencer o presidente de que a cadela não precisava estar nas fotos do casamento — “Mas por quê?”, pergunta a autora que vos escreve.

🐾 Outros cinco cachorros cumpriram mandato na Casa Branca durante o governo do presidente Johnson, dois dos quais causaram escândalo. Quando Johnson foi fotografado levantando Him, um dos Beagles, pelas orelhas no quintal da Casa Branca, protetores de animais do país inteiro ficaram horrorizados. Johnson ignorou as críticas, dizendo que aquele era o jeito certo de segurar Beagles. Não parece verdade, mas tudo bem.

Gerald Ford

🐾 Liberty, o Golden Retriever do presidente Ford, talvez seja o único cachorro presidencial a ter causado uma crise completa no serviço secreto. Certa noite, o presidente decidiu cuidar do cachorro sozinho, o que incluía um passeio noturno pelo Jardim Sul para o que eu e minha cachorra chamamos de “tirar uma aguinha do joelho” (somos muito chiques). Infelizmente, ele se esqueceu de avisar a segurança, então os dois acabaram trancados para fora da Casa Branca.

Richard Nixon

🐾 Logo que o candidato à presidência Dwight D. Eisenhower escolheu Nixon como vice, o tabloide *New York Post* publicou um artigo alegando que doadores da campanha estavam comprando a influência de Nixon por meio de um fundo secreto de dinheiro para suas despesas pessoais. Portanto, ele devia ser barrado da eleição. Nixon precisou passar por uma investigação detalhada de seus gastos e foi se defender da acusação em rede nacional. A parte mais

famosa do discurso, entretanto, foi quando Nixon admitiu que seu Cocker Spaniel, Checkers, tinha sido presente de um apoiador, mas que ele nunca abandonaria o cachorro; as filhas dele amavam Checkers demais. Aquele momento humano — e a menção ao melhor amigo do homem — pode ter mudado a opinião pública a respeito de Nixon, e ele e Eisenhower ganharam a eleição.

🐾 Depois que Checkers morreu, Nixon teve três cachorros na Casa Branca: um Setter Irlandês, um Yorkshire e um Poodle. Ele também mantinha uma gaveta de biscoitos para cachorro na mesa do Salão Oval.

Os Bush

🐾 Os cachorros de George H. W. (41º presidente) e de George W. (43º) foram celebridades durante seus mandatos na Casa Branca. O cão mais famoso do 41º presidente foi um Springer Spaniel Inglês chamado Millie, cujo livro de memórias, *Millie's Book: As Dictated to Barbara Bush* [O livro de Millie: ditado a Barbara Bush], vendeu mais do que a autobiografia da própria Barbara. O livro foi um best-seller do *New York Times* e arrecadou mais de 1 milhão de dólares para programas de alfabetização.

O CÃO MAIS FAMOSO DO 41º PRESIDENTE FOI UM SPRINGER SPANIEL INGLÊS CHAMADO MILLIE, CUJO LIVRO DE MEMÓRIAS, *MILLIE'S BOOK: AS DICTATED TO BARBARA BUSH* [O LIVRO DE MILLIE: DITADO A BARBARA BUSH], VENDEU MAIS DO QUE A AUTOBIOGRAFIA DA PRÓPRIA BARBARA

🐾 O 43º presidente não foi o único Bush de segunda geração na Casa Branca. Spot, sua Springer Spaniel Inglesa, era filha de Millie.

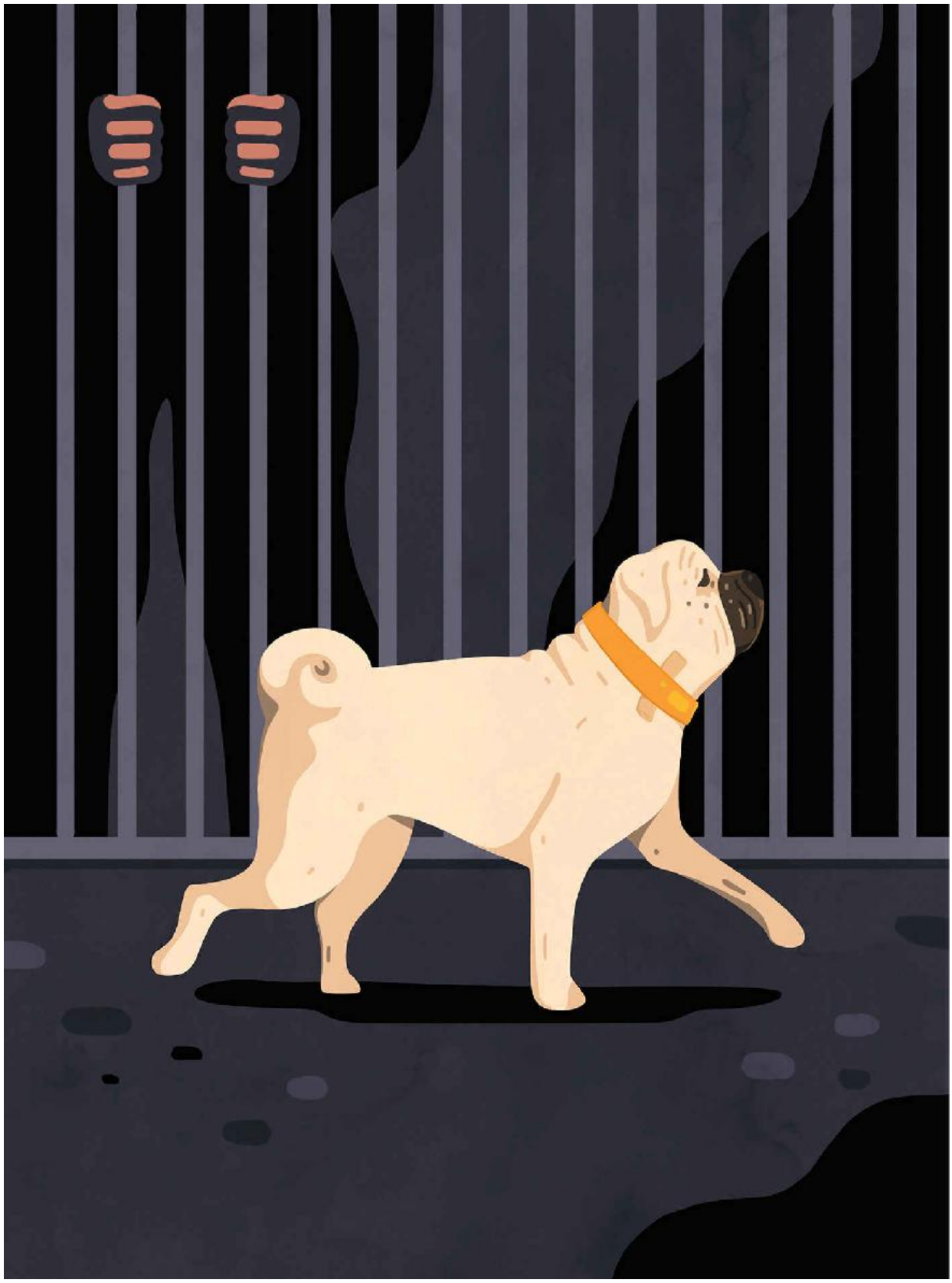
Isso significa que Spot foi o único animal de estimação de segunda geração na história da Casa Branca.

Barack Obama

🐾 Durante a campanha de 2008, o paizão dos Estados Unidos, presidente Obama, prometeu às filhas Sasha e Malia que podiam ganhar um cachorro se ele vencesse a eleição. Elas escolheram um Cão de Água Português, porque é uma raça hipoalergênica e Malia é alérgica. Depois da reeleição de Obama, Bo ganhou um companheiro, Sunny.

🐾 Sunny e Bo conheceram muitas pessoas famosas durante o tempo que passaram na Casa Branca, mas nenhum encontro foi tão comemorado quanto aquele com o papa Francisco, que recebe o nome do santo padroeiro dos animais.

🐾 Cães de Água Portugueses historicamente eram usados em viagens marítimas por causa dos dedos palmados. Eles levavam os peixes até as redes, buscavam redes perdidas ou quebradas e trabalhavam como mensageiros entre o navio e a terra. No entanto, a raça quase foi extinta depois que pescadores começaram a atualizar seus equipamentos no fim do século XIX. Um empresário português chamado Vasco Bensaude ajudou a reviver a raça na década de 1930. Depois que os Obama adotaram Bo, a demanda pela raça atingiu seu ápice nos Estados Unidos.



O PUG FORTUNE

Napoleão Bonaparte é osso duro de roer

PUG · FRANÇA · 1769-1821

Napoleão Bonaparte odiava cachorros. No entanto, isso não impediu que os cães tivessem um papel surpreendentemente significativo na vida do menor general da história. (Na verdade, isso é mito: Napoleão tinha um metro e setenta, altura média do homem francês no século XVIII.)

Antes de chegarmos aos cachorros, porém, acho melhor dar um pouco de contexto a respeito desse mundo que permitiu que Napoleão se nomeasse Líder Supremo de Qualquer Canto da Europa que Conseguisse Alcançar.

No final do século XVIII, a população francesa se dividia em três grupos: nobreza, clero e o resto. O resto estava de saco cheio da elite, que obrigava a população a pagar impostos dos quais a nobreza e o clero eram isentos. Quando o rei Luís XVI reuniu representantes de cada grupo para discutir o tema, os três grupos tiveram poder de voto igual, apesar de o resto ser muito mais populoso do que o clero e a nobreza. Além disso, óbvio que o clero e a nobreza votaram a favor de sua isenção de impostos. As pessoas comuns ficaram furiosas — e como faltava comida, deviam estar famintas também — e, em resposta, formaram a Assembleia Nacional, que declararam ser o novo governo da França. A Assembleia Nacional proclamou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que, em suma, dizia que todos temos direito intrínseco à vida, à liberdade e à propriedade.

Bum! Eis a Revolução Francesa.

Não demorou para começarem os rachas na Assembleia Natural. Quando Luís XVI foi pego na tentativa de fugir da França, os rebeldes ficaram divididos sobre o que fazer com o rei. Os mais moderados achavam que a monarquia constitucional devia ficar como estava. Os jacobinos radicais, como o infame Robespierre, queriam se livrar completamente do rei. Por fim, os jacobinos tomaram o governo e escreveram uma nova Constituição. Parecia uma boa ideia, mas os jacobinos estavam ficando paranoicos, tanto por causa de ameaças externas — a Áustria sairá em defesa de Luís, pois a rainha francesa, Maria Antonieta, era austríaca — quanto internas; então começaram a cortar a cabeça dos nobres, só por garantia. Depois disso, cortaram a cabeça de todo mundo, por garantia também. O clímax da revolução foi o Terror, período no qual 15 mil pessoas foram executadas por ordem do recém-formado Comitê de Segurança Pública, o nome mais irônico para um órgão governamental na história.

Um dos nobres executados foi Alexandre de Beauharnais, o primeiro marido da mulher que se tornaria a imperatriz Josefina Bonaparte. Josefina também foi presa e condenada à morte. Na prisão, ninguém podia se comunicar com ela. No entanto, Fortune, seu Pug de estimação, visitava sua humana todo dia. Os guardas não davam muita atenção ao cachorrinho resfolegante, então Josefina conseguia esconder mensagens debaixo da coleira dele para pessoas lá fora, que então puderam intervir contra sua execução.

Nessa época, o governo francês estava em frangalhos. Uma das únicas coisas que iam bem era a guerra contra a Áustria, em grande parte devido às táticas de Napoleão Bonaparte. Quando Josefina e

Napoleão se conheceram, em 1795, ele já era um general famoso por conter revoltas e ela era uma viúva célebre por ir pra cama com todo mundo, porque os motivos pelos quais a história se lembra de homens e mulheres são superdivertidos e machistas. Bonaparte era seis anos mais novo que ela, e a família dele era contra a união, mas quatro meses depois de se conhecerem lá estavam eles casados.

Sabe quem mais era contra o casório? Fortune, o Pug.

Fortune dormia na cama de Josefina toda noite e estava pronto para fazer o mesmo na noite de núpcias. O problema era que tinha um *homem* deitado ali. E pego em flagrante delito com sua humana. Portanto, Fortune tomou a única decisão lógica: pulou no meio da ação e mordeu Napoleão, deixando cicatrizes que marcariam o general até o fim da vida. Napoleão, furioso, disse a Josefina que o cachorro não dormiria com eles. Josefina respondeu que, se Fortune não pudesse dormir com Napoleão, ela também não poderia.

A cama ficou para Fortune.

Dois dias depois do casamento, Napoleão deixou Paris para liderar o Exército francês a caminho da Itália, em uma campanha contínua para esmagar as ameaças externas ao novo e frágil governo. A campanha teve sucesso (na Itália) e fracasso (no Egito). Enquanto estava longe, ele escreveu cartas de amor para Josefina, que estava curtindo a boa vida em Paris. Quando começou a suspeitar que a esposa o traía (e ela traía mesmo), Napoleão mandou trazê-la para a Itália, esperando que a distância a tornasse menos interessada em peguetes gostosos.

Tranquilo: Josefina levou o amante com ela. Além do seu maior amor, Fortune. Óbvio.

Tragicamente, Fortune morreu em uma briga com outro cachorro, e Josefina ficou devastada. No entanto, o namorado comprou um novo Pug para ela, que também ganhou o nome de Fortune, o que confirmou sem sombra de dúvida a suspeita de Napoleão quanto ao caso. Afinal, você só compra um Pug para uma mulher se estiver a fim de algo sério.

Napoleão realmente odiava cachorros.

Quando ele e Josefina voltaram à França, Robespierre tinha sido executado, o Terror havia acabado e um novo governo, chamado de Diretório, estava no poder. Entretanto, era tão fraco que Napoleão, com a ajuda de seus aliados, tratou de derrubá-lo, sendo empossado primeiro cônsul da França.

Napoleão fez grandes mudanças. Deu promoções baseado em mérito, não em berço. Reformou a medicina, a comunicação e a logística militares. Também declarou que nenhum cachorro poderia receber o nome de Napoleão, mas, putz, não seria um nome bom demais para um Terra-Nova gigante? Só para emputecer Napoleão.

Ah, deixa para lá, a gente ainda não chegou aos Terras-Novas. Mas, calma, essa piada é engraçada. Você vai ver.

Em 1804, Napoleão foi declarado imperador. É, eu sei, não haviam acabado de fazer uma revolução para se livrar da monarquia? Pois é, deu no que deu.

Com a coroação, as Guerras Napoleônicas começaram oficialmente e a França tentou sistematicamente derrubar todos os outros governos da Europa.

Deu meio certo.

Napoleão era um general brilhante, que teve muita sorte na conquista de terras europeias. Já na água era outra história: a derrota mais conhecida de seu Exército foi contra a Marinha britânica, na Batalha de Trafalgar. Mais humilhante ainda: os marinheiros que tomaram o navio de guerra francês eram liderados por um cachorro Terra-Nova. Dizem que, ao receber a informação, Napoleão gritou: “Cães! Precisam me derrotar tanto na guerra quanto no quarto?”.

Napoleão realmente odiava cachorros.

Em 1812, a maior parte da Europa estava sob controle da França, e a Rússia estava ficando nervosa com isso. O país tinha voltado a negociar com a Grã-Bretanha, apesar de ordens explícitas da França para não fazer isso, porque a França odiava a Grã-Bretanha, o que bastou para incitar uma invasão francesa à Rússia. Entretanto, só Napoleão não sabia que nunca se deve entrar em uma guerra terrestre na Ásia. O Exército francês estava morrendo de frio e fome antes mesmo de começar a lutar. O fracasso de Napoleão na Rússia levou as principais potências europeias a formar uma coalizão contra a França — a sexta tentativa de resistir ao país, e dessa vez funcionou. Napoleão abdicou e foi exilado na ilha de Elba, que nem o Idris. A França voltou a ser uma monarquia constitucional.

Napoleão acabou fugindo de Elba, com a intenção de tomar o poder na França mais uma vez. Ironicamente, ele nunca teria chegado ao país sem a intervenção de um Terra-Nova. Ao deixar a ilha, Napoleão foi derrubado do navio e caiu no mar. Ele vestia um uniforme pesado e não nadava bem, combinação perfeita para um afogamento. Mas o cachorro Terra-Nova da embarcação pulou atrás

dele e o resgatou. Ele levou Napoleão em segurança até o navio, e Napoleão viveu para retomar o trono francês… e perdê-lo mais uma vez na Batalha de Waterloo. Se aquele Terra-Nova não o tivesse salvado do mar, Napoleão nunca teria vivido para perder a batalha.

Napoleão odiava *quase* todos os cachorros.

Cãoplemento

Napoleão comandou a venda da Louisiana para os Estados Unidos e usou o dinheiro para financiar as Guerras Napoleônicas, em especial uma tentativa de invasão da Inglaterra. Os Estados Unidos pegaram dinheiro emprestado de bancos britânicos para pagar a compra. Ou seja, a Grã-Bretanha estava praticamente pagando a França para invadi-la. Acho hilário.

A "maldição canina" contra a família Bonaparte continuou até o último descendente de Napoleão, Jérôme Napoleão Bonaparte, morrer em 1945 devido a feridas causadas ao tropeçar no cachorro com o qual passeava no Central Park. O cachorro era um Pug. *fantasma de Fortune uiva e gargalha*

AU AU OESTE!

Lewis, Clark e o Terra-Nova Seaman lideram a descoberta

TERRA-NOVA · ESTADOS UNIDOS · 1804-1806

Em meados do século XVIII, a França controlava mais do território hoje conhecido como Estados Unidos da América do que qualquer outra potência europeia.

Isso logo mudou quando a França cedeu a Louisiana Francesa, a oeste do rio Mississippi, à Espanha na Guerra Franco-Indígena e, em 1763, transferiu quase tudo que restava de seus territórios norte-americanos para a Grã-Bretanha. Em 1801, entretanto, a Espanha assinou um tratado com a França para devolver o Território da Louisiana em troca da Toscana, para Napoleão vendê-lo aos Estados Unidos por uns trocados rápidos que financiassem a conquista da Europa.

Pronto. Louisiana: vendida. *efeito sonoro de caixa registradora*

A venda da Louisiana expandiu o território dos Estados Unidos em cerca de 2 144 520 quilômetros quadrados, praticamente dobrando o tamanho dessa nação bebê. Lembre-se: os Estados Unidos só tinham 27 anos nessa época, uma idade na qual costumamos passar pelo equivalente emocional de tentar pegar um cubo de gelo do copo com a boca e acabar derrubando todos na cara. Talvez possamos considerar a venda da Louisiana como resultado de uma crise de um-quarto-de-idade.

Como é o caso da maioria das compras feitas por impulso, os Estados Unidos não sabiam bem no que estavam se metendo.

O governo norte-americano sabia que o território da Louisiana, que tinham acabado de comprar, ia do rio Mississippi, a leste, até as montanhas Rochosas, a oeste, e do golfo do México, ao sul, até a fronteira canadense, ao norte. Além disso, o que sabiam da área podia ser resumido a isso: ¯_(ツ)_/¯. Por isso, o presidente Thomas Jefferson enviou para lá uma equipe que ficaria conhecida como o Corpo de Descobrimento para, enfim, descobrir o que havia por lá. O objetivo principal da expedição era encontrar uma via fluvial para o oceano Pacífico — a infame Passagem do Noroeste de cuja existência estavam todos certos (alerta de spoiler: ela não existe). Também se esperava que a expedição mapeasse a geografia e a vida natural da região, assim como estabelecesse relações com os povos indígenas.

O presidente Jefferson nomeou Meriwether Lewis, um líder de milícia, político, explorador e assessor presidencial, para comandar a expedição. Na época, Lewis tinha 29 anos — estaria entre os participantes mais velhos desses reality shows de namoro (aliás: que tal uma versão em que os participantes precisam se apaixonar enquanto atravessam o país a pé?). Como preparativo de viagem, Lewis estudou medicina, botânica, astronomia e zoologia. Ele também acrescentou dois membros importantes à equipe: o cocapitão William Clark e o cachorro Seaman.

Seaman era um Terra-Nova que Lewis comprara por vinte dólares em Pittsburgh enquanto esperava os navios da jornada ficarem prontos. Terras-Novas foram batizados em homenagem à região canadense de Terra Nova, onde cada barco pesqueiro tinha o seu. Conhecidos por nadarem bem, os Terras-Novas eram usados para puxar redes e buscar objetos e pessoas no mar (como foi o caso de

Napoleão!). Sua capacidade pulmonar enorme e suas patas espalmadas permitem que eles nadem por distâncias longas, até contra correntes fortes, e sua camada externa de pelos oleosos, combinada à camada interna de pelos lanosos, repele a água fria e os mantém aquecidos. Como a expedição viajaria por via aquática sempre que possível, Lewis queria um cachorro capaz de aguentar todo tipo de terreno.

A equipe partiu de St. Louis, Missouri, em maio de 1804.

Seaman aparece pouco nos diários de Lewis, que estava ocupado com o registro de flores e búfalos e, sabe como é, com o colonialismo, mas os relatos da expedição estão cheios de menções ao cão e às suas aventuras. Uma das primeiras é de antes de saírem de Pittsburgh, no dia 30 de agosto de 1803. Viajando pelo rio Ohio, Lewis escreve: “Esquilos são abundantes nas duas margens do rio. Fiz meu cachorro pegar todos os que conseguia a cada dia, pois eram gordos e os achei agradáveis de comer fritos”.

Essa foi uma das muitas ocasiões em que o talento de Seaman para a caça foi útil à expedição. Os alimentos eram escassos, sobretudo no inverno, e eles estavam bem fora da área de entrega do alcance do iFood. Apesar de a equipe ter sido obrigada a comer os cavalos para sobreviver, ninguém comeu Seaman.

No entanto, uma dessas expedições gastronômicas quase custou a vida de nosso herói. Quando foi buscar um castor no qual um membro da tripulação atirara, Seaman levou uma mordida do bicho que rompeu uma artéria em sua perna. Não se preocupe: o cachorro não morre nesta história. Lewis e Clark tomaram medidas extraordinárias para salvar Seaman.

“O MAIOR VIAJANTE DE MINHA ESPÉCIE. MEU NOME É SEAMAN, O CACHORRO DO CAPITÃO MERIWETHER LEWIS, QUE ACOMPANHEI AO OCEANO PACÍFICO PELO INTERIOR DO CONTINENTE DA AMÉRICA DO NORTE”

Dez dias depois, Seaman retribuiu a dívida e salvou o acampamento inteiro ao redirecionar a trajetória de um búfalo que estava prestes a pisotear os tripulantes adormecidos.

No dia 15 de novembro de 1805, Lewis e Clark finalmente chegaram ao oceano Pacífico. Eles tiraram umas selfies, provavelmente comemoraram com uns “toca aqui”, e voltaram para mandar o presidente Jefferson deixar para lá essa história de Passagem do Noroeste. Durante a viagem, eles tinham descoberto centenas de novas espécies de plantas e animais, estabelecido relações geralmente positivas com os povos indígenas do território — que todos os norte-americanos depois deles tentariam destruir — e produziram por volta de 140 mapas. A jornada durou dois anos, quatro meses e dez dias.

O que aconteceu com Seaman? Os historiadores não sabem ao certo. Ele apareceu pela última vez nos diários de Lewis no dia 15 de julho de 1806, mas temos bastante convicção de que sobreviveu à viagem, pois ninguém relatou sua morte. A nossa melhor pista vem de Jim Holmberg, acadêmico especializado em Lewis e Clark, que descobriu em um livro escrito em 1814 o registro da seguinte inscrição numa coleira em um museu da Virgínia: “O maior viajante de minha espécie. Meu nome é SEAMAN, o cachorro do capitão Meriwether Lewis, que acompanhei ao oceano Pacífico pelo interior do continente da América do Norte”.

Ah, Seaman. Seu passeio foi o melhor de todos.

Cãoplemento

Em seu primeiro inverno passado na região que hoje é a Dakota do Norte com os nativos do povo mandan, Lewis e Clark contrataram o pior tradutor da história: Toussaint Charbonneau, um caçador franco-canadense cujo nome parece o de um docinho. Charbonneau era um grande merda. Ele se recusava a trabalhar direito, precisava ser salvo o tempo todo e não sabia falar as línguas indígenas que tinha sido contratado para traduzir. Ele também tinha se envolvido com o que muitos artigos acadêmicos definem como um "casamento sem consentimento", mas que prefiro chamar de "sequestro e estupro" de uma mulher indígena. E ela acabou salvando a expedição toda. Seu nome era Sacagawea. Um dos momentos mais impressionantes da jornada foi quando a tripulação pediu cavalos ao povo shoshone para ajudá-los a atravessar as montanhas rochosas. O chefe relutou, até descobrir que Sacagawea era sua irmã. Ela tinha sido sequestrada e vendida para Charbonneau aos treze anos. A reunião fez o chefe mudar de ideia e a tripulação teve acesso aos cavalos necessários para chegar à costa do Pacífico.

Lewis e Clark mandaram para o presidente Jefferson um espécime de animal raro e exótico que encontraram na viagem, nunca antes visto no leste: o

extraordinário e misterioso cão-da-pradaria. Que nada tem a ver com os cachorros de hoje.

EPITÁFIO
PARA
UM
CÃO

MINHA FAMA DE MAU-AU

Boatswain, o cachorro de Lord Byron, e também: qual é a do Romantismo?

TERRA-NOVA · EUROPA · 1788-1824

Muita gente teria se oferecido para ser o grande amor da vida de Lord Byron: Lady Caroline Lamb; Claire Clairmont; Anne Isabella Milbanke; sua meia-irmã, Augusta Leigh; Percy Shelley; a maior parte da população de Londres no século XIX…

Infelizmente, ninguém se comparava ao mais verdadeiro dos amores verdadeiros de Byron: seu cachorro Boatswain.

Boatswain foi um dos muitos animais de estimação de Lord Byron — ele gostava de caprichar na imagem de roqueiro excêntrico. Ao longo da vida, Byron teve bichos de todo tipo: do urso adestrado que criava no alojamento do Trinity College (em protesto contra a regra da faculdade, que proibia cachorros) ao lobo que vagava por Newstead Abbey, o terreno da casa que ele herdara (e que uma vez rasgou os fundilhos da calça de Byron em uma cena digna de Videocassetadas). Em 1821, Percy Shelley catalogou o zoológico de Byron: “Dez cavalos, oito cachorros enormes, três macacos, cinco gatos, uma águia, um corvo e um falcão… Na escadaria central, acabo de encontrar cinco pavões, uma galinha-d’angola e um grou egípcio”. Todos esses animais podiam andar livremente pela casa.

Ele era mesmo o Keith Richards Romântico.

Romântico com R maiúsculo, por sinal. Vamos falar do que se trata.

Byron era um poeta/ celebridade profissional no ápice do Romantismo. Esse movimento artístico surgiu na Europa Ocidental em meados do século XVIII e logo se espalhou pelo mundo. Enquanto as fábricas brotavam em todo canto, o consumismo

crescia e o Iluminismo valorizava a razão acima de tudo, um grupo composto principalmente de artistas e pensadores disse: “Não, a gente quer sentir!”.

Os Românticos gostavam mesmo era de *s e n t i m e n t o.* Como se trata da Europa do século XVIII, quem sentia esses sentimentos eram principalmente homens brancos e ricos. Eles *s e n t i a m* muita coisa: Wordsworth louvava a natureza e o mundo natural como reação à industrialização. Rousseau exaltava a infância como época de pureza e inocência, sendo que até então crianças eram consideradas adultos em miniatura. Apesar de a palavra “romantismo” nesse contexto não carregar nossas conotações modernas, os Românticos acreditavam em seguir o coração em vez de se casar por motivos financeiros, de classe ou de linhagem (muitos deles usavam essa justificativa para praticar amor livre, que, no caso deles, era só traição mesmo).

Eles iam além dos limites da razão. Eles entendiam a loucura. Abaixo o progresso e a racionalidade!

Esse movimento possibilitou o sucesso de George Gordon Byron Kardashian, poeta, pensador, pegador e celebridade profissional muito antes de Paris Hilton, apesar de sua vida ser essencialmente um enorme pornô.

ELIZABETH PIGOT, AMIGA DE INFÂNCIA DE BYRON, ILUSTRAVA QUADRINHOS COM AS AVENTURAS DE BYRON E BOATSWAIN, QUE PUBLICOU EM UM LIVRO INFANTIL CHAMADO *THE WONDERFUL HISTORY OF LORD BYRON AND HIS DOG* [A MARAVILHOSA HISTÓRIA DE LORD BYRON E SEU CÃO]

Byron era conhecido tanto pelos poemas românticos quanto por incorporar os valores do Romantismo. Até hoje se usa o termo “herói byroniano” para descrever tanto Byron quanto os heróis de seus poemas, como “Don Juan”. Esse tipo de herói é idealizado, mas tem defeitos; é um homem de grande talento, paixão e privilégio. Também costuma ter desprezo pelo próprio privilégio, daquele jeito que só os privilegiados podem ter. Ele quase sempre carrega um passado trágico e quase sempre encontra um destino igualmente trágico. Em suma, era o que todo homem dedicado ao Romantismo queria ser.

Byron via tudo na vida com enorme paixão, inclusive seu relacionamento com o cachorro Boatswain.

Lord Byron herdou a propriedade da família, Newstead Abbey, quando ainda tinha dez anos, o que lhe deu o título, muitas terras, dívidas e provavelmente um ego gigantesco por ser lorde antes de poder tirar carteira de motorista. Boatswain se juntou a Byron quando este tinha quinze anos, em 1803. Apesar de ser classificado como Terra-Nova, o retrato em tamanho real em Newstead o mostra mais como uma mistura de Terra-Nova com Husky.

Desde o começo, o poeta e o cãozinho eram inseparáveis. Byron, um nadador dedicado, gostava de se jogar de barcos e fingir que se afogava só para ver se Boatswain iria resgatá-lo, provavelmente para virar meme (sério, que nem aquela moda de internet de uns anos atrás, quando as pessoas fingiam desmaiar na frente dos cachorros). É óbvio que Byron não era um dono de bicho muito responsável (ele não era muito responsável em relação a nada) e deixava Boatswain solto, brincando com o tal do urso adestrado e causando o caos pelo terreno. Em uma ocasião especialmente

notória, ele pulou por uma janela aberta e caiu em meio ao chá que estava sendo servido em Newstead. Byron também usou Boatswain para destroçar o quarto de um hóspede com quem estava brigado. Elizabeth Pigot, amiga de infância de Byron, ilustrava quadrinhos com as aventuras de Byron e Boatswain, que publicou em um livro infantil chamado *The Wonderful History of Lord Byron and His Dog* [A maravilhosa história de Lord Byron e seu cão].

Boatswain bateu as botas quando pegou raiva ao ser mordido por um cão infectado. Byron, devastado, cuidou dele por conta própria até o fim, mesmo talvez ciente do perigo de estar exposto à doença. Ele segurou a pata de Boatswain até o cachorro atravessar a ponte do arco-íris.

Byron ficou tão desolado pela morte de Boatswain que mandou construir um monumento enorme em sua homenagem no terreno de Newstead, apesar daquela dívida gigantesca que mencionei. O monumento foi construído nas ruínas do mosteiro que ocupava o lugar originalmente, perto de onde seria o altar, uma escolha que era a cara de Byron. Esse monumento foi a única construção de Byron em Newstead Abbey, porque ele tinha coisa melhor a fazer: se fingir de general, gastar dinheiro que não tinha e ser bissexual. Cinzelado no túmulo se encontra um poema escrito por Byron e seu amigo John Cam Hobhouse. Três anos depois, ainda de luto, Byron pediu em testamento que fosse enterrado ao lado de Boatswain sob o “Epitáfio para um cão”.

No fim, o túmulo de Boatswain era maior do que o de Byron.

Cãoplemento

Além de Boatswain, Byron teve muitos outros cães, incluindo um Buldogue chamado Smut, uma cruza de lobo chamado Lyon (cujo pai era o tal lobo manso que passeava por Newstead Abbey) e um Mastim feroz chamado Nelson.

Outro escritor e dono famoso de Terra-Nova foi J. M. Barrie, cujo cachorro Luath foi a inspiração para Nana, a babá canina na obra mais famosa de Barrie, *Peter Pan*.

O CASO DO CACHORRO MARROM

Ou, plmdds, parem de usar cachorros em experimentos científicos

VIRA-LATA · INGLATERRA · SÉCULO XIX

Alerta: esta história é horrorosa e inclui muitos humanos escrotos que tratam mal os animais. Também trata do começo do fim dos experimentos em animais, então a mensagem é positiva. Se não der conta de ler, tranquilo. Pule para o próximo catioro.

Resumindo: às vezes humanos são babacas com os cachorros, esses seres que não merecemos.

Nossa história começa na Inglaterra vitoriana. O que você precisa saber é que a Inglaterra vitoriana era o que havia de pior. Eis alguns motivos: cólera, só homens brancos e ricos tinham direitos, esgoto para todo lado, gente demais, roupas que literalmente matavam quem as vestia. Além disso, era melhor nunca ficar resfriado, quebrar um osso, ter um filho, perder um dente ou topar com o dedão do pé, porque dava para morrer de qualquer uma dessas coisas. Se a pessoa não morresse, os médicos podiam matá-la com os tratamentos. E ia doer bastante, porque não existia anestesia.

Muitos cientistas trabalhavam para melhorar a situação. O conhecimento sobre anatomia e o corpo humano ia se expandindo e a pesquisa médica se tornava cada vez mais complexa e precisa. O único problema era que a maioria dos cientistas acreditava que a melhor forma de conduzir suas pesquisas era por meio de vivissecção.

O que é vivissecção? É tipo uma dissecação, mas bem pior, porque o que se está cortando está vivo. E normalmente se tratava de um animal.

EU SEI! É HORRÍVEL! Aguente firme.

Mas havia gente reclamando desse absurdo total. Em 1875, a Sociedade Nacional Antivivissecção foi fundada por uma mulher fodona chamada Frances Power Cobbe, que passou a vida lutando por causas como os direitos das mulheres e o fim da crueldade contra animais. Na época, todo ano aconteciam por volta de trezentos experimentos em animais vivos em Londres, em geral em instituições profissionais. O trabalho de Frances e de outros ativistas levou à Lei Contra a Crueldade Animal de 1876, que limitou a prática de experimentação em animais e instituiu um sistema de licenças.

Não foi tão bom quanto parece. Estabelecer limites foi um passo importante, mas as experimentações não foram inteiramente proibidas. Na verdade, a lei estipulava que os experimentos só poderiam ser conduzidos em animais anestesiados, que seriam mortos logo depois. Também exigia licenças para vivissecção, mas muitas delas eram assinadas em segredo ou ignoradas mediante o pagamento de propina.

(Imaginem que estou dizendo isso sem emoção nenhuma, como o rei George no musical *Hamilton*:) Uau, que incrível...

Quando a era passou de vitoriana para eduardiana, nada melhorou. Ninguém seguia as leis impostas em 1876, nem se era castigado por isso. Vamos a dois exemplos: primeiro, Ernest Starling, professor de fisiologia no University College de Londres, e seu cunhado William Bayliss; segundo, Ivan Pavlov.

É, o famoso Pavlov! Ele era um grande babaca! Vamos começar por ele.

Lembramos que as experiências de Pavlov descobriram o reflexo condicionado, quando ele observou que seus cachorros salivavam

em resposta ao som do sino que tocava sempre que eles eram alimentados.

Vamos desenvolver essa história.

Para começo de conversa, os cachorros não eram dele. Eram cachorros de laboratório, que estavam no laboratório porque eram usados em experimentos. Mas em vez de fazer um teste e então matar o animal, como exigia a lei-que-não-era-tão-boa-assim, Pavlov mantinha os cachorros vivos e continuava a sujeitá-los a seguidos experimentos brutais até que morressem.

Além disso, de início a pesquisa não era psicológica. Os primeiros trabalhos de Pavlov analisavam como comer estimulava a produção de secreções salivares, gástricas e pancreáticas. Para isso, ele desenvolveu um sistema para "falsificar" a alimentação de cachorros. Ele removia o esôfago de cada cachorro e abria um buraco no pescoço dos bichos para que a comida caísse antes de chegar ao estômago e ele pudesse observar como isso afetava secreções. Ele ganhou o prêmio Nobel de fisiologia e medicina de 1904 por essa pesquisa NOJENTA, o que me dá vontade de quebrar a cara de alguém.

Depois, Pavlov começou mesmo a concentrar a pesquisa nas "secreções psíquicas": baba produzida por qualquer motivo que não fosse o contato direto com a comida. "Certo, é onde entra o sino!", você deve pensar. Não. O sino não fazia os cachorros salivarem. O que provocava isso era ver os jalecos que Pavlov e os assistentes usavam na hora de alimentar os cachorros cujos esôfagos haviam sido removidos.

Espera aí, preciso vomitar, abraçar bem minha cachorrinha e prometer que nunca vou deixar que nada de ruim aconteça com ela.

Agora vamos à segunda história sobre humanos terríveis. Starling e Bayliss, que mencionei antes, queriam continuar a pesquisa de Pavlov, usando vivissecção em cachorros para determinar se o sistema nervoso controlava as secreções pancreáticas. Bayliss tinha uma licença de vivissecção, mas não seguia as regras. Ele operava o mesmo Terrier Marrom várias e várias vezes. Em fevereiro de 1903, Starling abriu o abdômen do cachorro para examinar o resultado de uma operação anterior e então causou uma nova lesão no pescoço do animal a título de demonstração para os alunos. Depois da aula, o cachorro foi morto. Os professores argumentaram que o cachorro tinha sido devidamente anestesiado, mas os alunos, por outro lado, contaram que o cachorro uivara de dor o tempo todo.

Entre os espectadores estavam duas maravilhosas ativistas antivivissecção, ali disfarçadas de alunas para denunciar Bayliss e Starling. As duas mulheres, Louise “Lizzy” Lind-af-Hageby e Leisa K. Schartau, publicaram *The Shambles of Science: Extracts from the Diary of Two Students of Physiology* [A carnificina da ciência: excertos do diário de duas alunas de fisiologia], que incluía a história da crueldade que viram ser cometida contra o cachorro marrom. O livro chamou a atenção de Stephen Coleridge, secretário honorário da Sociedade Nacional Antivivissecção, que processou Bayliss e Starling por calúnia.

Coleridge perdeu o processo, mas a publicidade ao redor do julgamento bastou para atrair muitos aliados à causa da antivivissecção e fortaleceu o movimento. Com o tempo, o experimento, o julgamento e o ultraje que se seguiu passaram a ser conhecidos como o Caso do Cachorro Marrom.

Em um dos gestos mais drásticos originados por essa história, um monumento ao cachorro marrom foi erguido em Londres, financiado por um doador anônimo. A inscrição da estátua dizia o seguinte:

> *Em memória do Terrier Marrom levado à morte nos laboratórios do University College em fevereiro de 1903, depois de ter sobrevivido a mais de dois meses de vivissecções e ter sido passado de um vivissetor a outro até ser libertado pela morte. Em memória também do3s 232 cachorros vivissecados no mesmo lugar durante o ano de 1902. Homens e mulheres da Inglaterra, até quando permitiremos esse tipo de coisa?*

É basicamente uma versão muito mais maneira e menos problemática do filme *Três anúncios para um crime*, e claro que eu assistiria a *Um anúncio para um cachorro marrom*.

Quando o monumento foi erguido, a comunidade médica surtou. Alunos e professores protestaram contra essa difamação de sua pesquisa e fizeram um abaixo-assinado para remover a estátua. Alguns até tentaram derrubá-la sozinhos, mas foram impedidos pela polícia. Alunos de medicina e veterinária fizeram uma passeata da Trafalgar Square ao King's College como protesto. Ativistas antivivissecção os encontraram e começou o tumulto, conhecido como Revolta do Cachorro Marrom. O movimento continuou até dezembro de 1907.

A estátua acabou sendo removida, simplesmente por dar mais trabalho do que valia a pena, mas o ativismo antivivissecção continuou no século xx. Grupos como a Sociedade Nacional Antivivissecção Britânica mantiveram a causa viva e regras cada vez mais rígidas foram impostas a experimentos em animais, apesar de muitos sofrerem até hoje em nome da ciência humana.

Em 1985, uma nova versão da estátua do cachorro marrom foi erguida no Battersea Park. Tem a mesma inscrição da original,

apesar de a estátua em si ser diferente. O monumento homenageia o sofrimento de milhões de animais usados como cobaias ao longo da história e ainda hoje.

GREYFRIARS BOBBY

E outros rabinhos fiéis

SKYE TERRIER · ESCÓCIA · DÉCADA DE 1850

Nossa cultura é cheia de histórias de cachorros fiéis. Do filme *A incrível jornada*, que me traumatizou quando criança, às fotos de cachorros deitados ao lado de caixões de soldados que sempre me fazem chorar quando as vejo no Twitter (sempre. Literalmente.), ao aperto no coração que sentimos quando chegamos do trabalho e eles surtam completamente. Uma das melhores características dos catioros é que eles são fiéis pra caramba.

Um dos cachorros mais fiéis da história é um Skye Terrier Escocês conhecido como Greyfriars Bobby.

Poucos fatos podem ser definitivamente atribuídos à lenda de Greyfriars Bobby. Muitas fontes da época corroboram que um cachorrinho morava em um cemitério em Edimburgo, mas de quem ele era e por que estava lá são informações que variam bastante. O principal candidato para humano de Bobby, com base em registros de enterro e nos censos de Edimburgo, foi um jardineiro de nome John Gray. Quando se mudou com a família para Edimburgo em 1850, John Gray começou a trabalhar como vigia noturno da polícia para evitar a miséria. Toda noite, Bobby, o Skye Terrier, o acompanhava na função.

Skye Terrier é uma das únicas raças atuais de Terrier cuja aparência é a mesma desde que foram registrados pela primeira vez, no século XVI. Esses cachorros podem ser reconhecidos por seus pelos longos e distintos (normalmente tosados em franjas elegantes, como se fossem a Zooey Deschanel canina), suas pernas curtas e por suas orelhas fortes e empinadas. No livro *Of*

Englishe Dogges [Os cães ingleses], de Johannes Caius, um dos primeiros livros sobre cachorros, escrito em 1570, o Skye é descrito da seguinte forma: “Trazido das fronteiras bárbaras do interior mais profundo do norte… que, devido ao comprimento de [pelo], não revela rosto ou corpo”. Apesar de a maioria dos cachorros ter mudado muito com a procriação ao longo dos séculos, a descrição original ainda se aplica aos Skye Terriers de hoje.

Skye Terriers vêm da ilha de Skye, no alto das Hébridas escocesas, onde eram usados para defender os animais das fazendas de ataques de texugos, raposas e fuinhas. O pelo comprido ajudava a protegê-los de mordidas. Hoje, são considerados uma raça ameaçada pelo clube AKC — só trinta nasceram no Reino Unido em 2005 e apenas 42 foram registrados em 2012 —, mas no século XIX eram comumente criados para trabalho e companhia.

Quando John Gray morreu, em 1858, ele foi enterrado no cemitério escocês de Greyfriars Kirkyard. Depois de tantas noites de patrulha lado a lado, Bobby decidiu que seu lugar era junto ao mestre, mesmo depois da morte.

De acordo com a lenda, Bobby passou os catorze anos seguintes no cemitério onde Gray fora enterrado, dormindo sobre o túmulo do mestre. Quando soava a batida de uma da tarde no Castelo de Edimburgo, ele saía do cemitério para almoçar no café que costumava frequentar com Gray. No começo, o coveiro tentou expulsá-lo, mas acabou cedendo quando Bobby se mostrou útil: ele matava ratos, brigava com gatos e expulsava os garotos que às vezes apareciam para causar confusão no cemitério.

A história do cachorro fiel até a morte se espalhou e turistas começaram a visitar Edimburgo só para conhecer Bobby. Jornais do país inteiro escreveram sobre ele, e artistas o retrataram em pinturas.

Em 1867, uma nova lei decretou que todos os cachorros da cidade precisavam ser registrados; se não o fossem, seriam mortos. Não era boa notícia para Bobby, pois é difícil pagar o registro do seu cachorro quando você está morto. Felizmente, Sir William Chambers, o governador-geral de Edimburgo, pagou pelo registro de Bobby e pôs nele uma coleira que dizia “Greyfriars Bobby registrado pelo Governador-Geral 1867”. A coleira hoje em dia se encontra no Museu de Edimburgo.

Por catorze anos, Bobby vigiou o túmulo de Gray constantemente, até morrer em 1872. Ele foi enterrado perto de John Gray, na entrada de Greyfriars Kirkyard. A lápide de Bobby diz: “Greyfriars Bobby — falecido em 14 de janeiro de 1872 — aos dezesseis anos — Que sua devoção e lealdade nos sirva de lição”.

Quando a baronesa Angela Georgina Burdett-Coutts, presidente do Comitê Feminino da Sociedade Real de Prevenção à Crueldade Contra Animais, soube da vida e da morte de Bobby, ela se emocionou tanto que pediu permissão para erguer um monumento ao cachorro em Edimburgo. Ela contratou o escultor William Brodie para criar uma imagem em bronze de Bobby e instalá-la sobre um chafariz de granito em Candlemaker Row, em frente a Greyfriars Kirkyard. A estátua continua lá, e dizem que coçar o nariz de Bobby dá sorte — ele agora é dourado e brilhante, devido aos turistas que vêm do mundo inteiro para fazer carinho.

A HISTÓRIA DO CACHORRO FIEL ATÉ A MORTE SE ESPALHOU E TURISTAS COMEÇARAM A VISITAR EDIMBURGO SÓ PARA CONHECER BOBBY. JORNAIS DO PAÍS INTEIRO ESCREVERAM SOBRE ELE, E ARTISTAS O RETRATARAM EM PINTURAS

A lenda de Bobby é uma das muitas, muitas histórias de cachorro-no-túmulo-do-mestre que fazem parte do folclore mundial. Os gregos antigos contavam a história de Eupólide, um poeta cujo cachorro era tão apegado a ele que morreu de fome no túmulo do mestre. Os romanos tinham a lenda de Theodorus, cujo cachorro ficou de luto no caixão do mestre. No século XVIII, percorreu a Escócia a história de um Galgo que andava dezesseis quilômetros toda noite para dormir no túmulo do antigo dono. Quando Paris aprovou uma lei que proibia a presença de cachorros em cemitérios, as pessoas protestaram: isso só pioraria a situação dos inúmeros cachorros em luto cujas histórias apareciam no jornal. Estocolmo tem a história de Fidele, que morava no cemitério Maria no centro da cidade, sempre vigiando o túmulo do mestre. O cemitério Rose Hill, em Maryland, tem a estátua de Rollo, um cachorro fiel. Em Montana se conta a história de um cachorro que se recusou a deixar a ferroviária de onde o caixão do mestre saiu para o enterro. Hachikō, o cachorro mais famoso do Japão, continuou a ir à ferroviária onde encontrava seu mestre todo dia muitos anos depois da morte dele.

Em suma: se você, como eu, procurar por “histórias de cachorro no túmulo do dono” no Google, vai encontrar centenas de milhares de resultados, metade dos quais são histórias e metade dos quais são análises factuais que desmascaram as histórias.

Qualquer que seja a verdade a respeito de Greyfriars Bobby — ou sobre esses outros cachorros —, acho que está bem claro que a conexão entre humanos e cães é uma via de mão dupla.

Cãoplemento

Skye Terriers têm papel importante na história britânica. Sir Edwin Landseer, o artista conhecido sobretudo por suas esculturas de leão na Trafalgar Square, pintou muitos quadros de Skye Terriers. Eles também estavam entre os cachorros preferidos da rainha Vitória, o que aumentou enormemente sua popularidade durante a era vitoriana na Inglaterra, quando cachorrinhos eram o acessório da moda na elite.

Skye Terriers já tiveram muitos outros nomes ao longo dos anos, como Clydesdale Terrier, Fancy Skye Terrier, Silky Skye Terrier, Glasgow Terrier e Paisley Terrier.

CORREIO
ABRAHAM LINCOLN

FIDO-LIDADE

De onde veio o nome “Fido”?

VIRA-LATA · ESTADOS UNIDOS · DÉCADA DE 1850

Qual seria a palavra enorme em alemão para uma coisa que fica tão famosa que deixa de ser famosa e mesmo assim continua relevante na cultura popular?

Foi isso que aconteceu com Fido. O nome é muito conhecido entre cachorros [no Brasil, foi escolhido para batizar o cãozinho de estimação do personagem Chico Bento, da Turma da Mônica]. Hoje em dia, porém, o nome Fido não está sequer entre os cem mais populares em buscas na internet.

Mas como tudo isso começou? Quem foi o primeiro Fido?

O nome em si é uma variação da palavra “fidelis”, em latim, que significa “fidelidade”. O nome Fido é equivalente a Fiel ou Leal, o que faz sentido, já que é uma das características que mais valorizamos em nossos cachorros.

Quem foi o dono do Fido que abriu caminho para os outros Fidos?

O bom e velho Abraham Lincoln.

Antes de ser presidente dos Estados Unidos, Lincoln foi advogado em Springfield, Illinois, e sua casa era praticamente um zoológico. A família tinha vários cachorros e gatos, dentre os quais o mais famoso era Fido, um vira-lata caramelo com orelhas caídas e rabo de cotoco.

Fido era o preferido tanto dos Lincoln quanto da cidade de Springfield. Lincoln e Fido passeavam todo dia e Fido costumava esperar pacientemente na calçada enquanto seu humano cortava o cabelo no barbeiro. Quando Lincoln precisava carregar um pacote, muitas vezes o entregava para Fido levá-lo na boca. À noite, Fido

comia os restos do jantar e brincava no tapete da sala com Lincoln e seus filhos. O sócio de Lincoln, William Herndon, escreveu que, quando estava “exausto por pensar demais e por muito tempo[…] [Lincoln] brincava com um cachorrinho[…] para se recuperar”. Um perfil de Fido, publicado em 1954 na revista *Life*, o chamou de “vira-lata brincalhão”, que agora será minha nova bio no Twitter.

Enquanto Lincoln se preparava para assumir seu posto da Casa Branca, logo ficou claro que Fido podia ser o animal de um presidente, mas não era um animal presidencial. Quando a vitória de Lincoln foi anunciada com canhões e fogos de artifício, Fido ficou apavorado e se escondeu debaixo do sofá. As multidões que apareciam na casa de Lincoln para visitar e parabenizar o presidente eleito também deixavam Fido muito estressado.

Por isso, Lincoln tomou a decisão duríssima de deixar Fido em Springfield sob os cuidados de John Roll, um marceneiro que tinha dois filhos mais ou menos da idade dos seus. A adoção veio com muitas regras para o cuidado de Fido: o cão não podia ser amarrado do lado de fora. Não podia entrar em casa se arranhasse a porta. Devia poder circular livremente ao redor da mesa durante o jantar e ganhar restos de comida. Nunca podia levar bronca por andar em casa com as patas sujas. Apesar de todos os móveis da família Lincoln terem sido vendidos ou leiloados durante a mudança, Abraham Lincoln garantiu que um sofá em especial ficasse com a família Roll, pois era o preferido de Fido na hora de dormir.

Lincoln até tirou um retrato oficial de Fido para viajar com ele e a família à Casa Branca. Meios de comunicação em massa ainda estavam começando a se estabelecer no país e fotografia era uma tecnologia razoavelmente nova (só uma dúvida: como conseguiam

deixar o cachorro quieto pelo tempo necessário para tirar uma foto de antigamente e quantos biscoitos estavam envolvidos nesse feito?). O público, já obcecado pelo novo presidente eleito, ficou igualmente obcecado por Fido. A foto foi impressa em jornais pelo país todo, e foi quando o nome Fido atingiu o ápice da popularidade. Ele continuou a fazer sucesso durante o governo de Lincoln e voltou à fama durante a homenagem ao presidente assassinado. Quando eleitores em luto encheram Springfield para o velório do presidente, Fido foi levado de volta à casa de Lincoln para que eles pudessem conhecê-lo. Para muitos dos que se sentiram profundamente afetados pela morte de Lincoln, Fido era uma partezinha sobrevivente do presidente.

O NOME EM SI É UMA VARIAÇÃO DA PALAVRA "FIDELIS", EM LATIM, QUE SIGNIFICA "FIDELIDADE". O NOME FIDO É EQUIVALENTE A FIEL OU LEAL

AMOR NÃO SE COMPRA

Caroline Earle White e os primeiros abrigos para animais abandonados dos Estados Unidos

ESTADOS UNIDOS · 1833-1916

Ao que tudo indica, a maioria dos vídeos que aparecem no feed do meu Twitter são histórias emocionantes de cachorrinhos abandonados que mudaram de vida ao serem adotados. Por sinal, não estou reclamando. Vou assistir a 100% desses vídeos e 100% desses vídeos vão me fazer chorar, porque bons cachorros encontrando bons humanos em bons lares é tudo que meu coração precisa. Como cresci cercada por cachorrinhos abandonados tristes e os amei, virei fã de cães por causa da adoção.

Sem o trabalho de Caroline Earle White, meu coração seria muito menor, pois não teríamos os abrigos caninos, as sociedades de bem-estar animal e as organizações de resgate que conhecemos hoje.

Caroline Earle White nasceu na Filadélfia em 1833, filha de pai e mãe quacres. Os dois eram abolicionistas e a mãe era prima da famosa militante pelo sufrágio feminino Lucretia Mott, além de estar também envolvida no movimento. Caroline cresceu em uma família de ativos militudos.

Em 1856, Caroline se casou com Richard White, um advogado rico. E ele a apresentou a Henry Bergh, um empresário nova-iorquino que, em 1866, formou a Sociedade Americana de Prevenção à Crueldade Contra Animais. Entretanto, o foco da organização era proteger cavalos, já que cavalos eram considerados bens de valor.

Inspirada pelo trabalho de Bergh, Caroline decidiu fazer o mesmo na Filadélfia. Ela se juntou a outro ativista de bem-estar animal da

região, Coronel M. Richards Muckle, para fundar uma organização semelhante à de Bergh. Quando a Sociedade de Prevenção à Crueldade Contra Animais da Filadélfia foi instituída, Richard White, o marido de Caroline, e o Coronel Muckle faziam parte do conselho.

Caroline, a principal fundadora, não fazia.

PORQUE A HISTÓRIA É UMA FILHA DA MÃE MACHISTA. Acho que já escrevi isso neste livro…

Então Caroline fundou um subgrupo da Sociedade: a Sociedade Feminina de Prevenção à Crueldade Contra Animais da Filadélfia, mais conhecida como Sociedade Humana Feminina. Isso era comum naquela época: as mulheres contribuíam para a criação de movimentos sociais, mas acabavam alijadas das posições de liderança, então criavam subgrupos só para mulheres. Assim, podiam liderar e mandar na p*rra toda.

Caroline, com seu grupo, se responsabilizou pela causa de tirar cachorros abandonados das ruas da Filadélfia. Em meados do século XIX, gatos eram animais caseiros, usados para controlar a população de roedores. Cachorros trabalhavam na cidade — normalmente como vigias — e até cães de estimação costumavam estar livres para passear sozinhos. Isso ocasionava muita gravidez canina indesejada e contribuía para a disseminação da raiva. A Sociedade Humana Feminina angariou fundos para criar um centro de refúgio para cães desamparados, que se tornou o primeiro abrigo para animais abandonados do país. O abrigo ficava em Bensalem, na Pensilvânia, uns trinta quilômetros ao nordeste do centro da Filadélfia. Antes disso, animais indesejados, especialmente cachorros abandonados que podiam espalhar raiva, eram capturados e mortos por funcionários da prefeitura.

O abrigo de Caroline introduziu no país as ideias de cuidado humanitário e adoção; e logo começaram a surgir imitações. A Sociedade Humana Feminina se expandiu, passando a resgatar também cachorros de rinha de cães, além dos abandonados na rua. Elas arrecadaram dinheiro para instalar mais bebedouros na cidade, na esperança de que os animais se beneficiassem do acesso mais conveniente à água e que o alcance mais amplo à água encorajasse homens a beber menos álcool — boa parte dessas mulheres também era muito ativa nos movimentos de temperança, que defendiam a moderação no consumo de álcool. Elas também lutaram por leis para controlar o transporte de cavalos e contra a caça esportiva de raposas.

A causa de Caroline ganhou um novo impulso depois que um cientista entrou em contato e pediu para usar os cachorros resgatados em experimentos médicos. Ela ficou HORRORIZADA e, além de recusar, fundou a Sociedade Americana Antivivissecção (ver: “O caso do cachorro marrom”, neste livro mesmo). A sociedade foi a primeira do tipo nos Estados Unidos, mas logo surgiram outras.

A sociedade humanitária fundada por Caroline ainda funciona atualmente.

Cãoplemento

Assim como hoje em dia, a maior parte dos cachorros encontrados em abrigos naquela época era vira-lata. Mas as pessoas viam esses bichinhos de raça mista de maneira bem distinta. Quem era rico o suficiente para ter um cachorro de estimação no século XIX queria

garantir que ele tivesse pedigree. Vira-latas eram considerados uma espécie inferior. Até se falava dos perigos de ter vira-latas de estimação. Um panfleto da época incluía o seguinte conselho: “Ninguém plantaria erva daninha num canteiro de flores. Por que ter um vira-lata em casa?”.

“ALÔ? AQUI É O CACHORRO”

Como o cachorro de Alexander Graham Bell ajudou a inventar o telefone

SKYE TERRIER · ESCÓCIA · 1847-1922

Antes de inventar o telefone, o pulmão de aço, o aerobarco, os detectores de metal modernos e muitas outras coisas, Alexander Graham Bell tentou ensinar seu cachorro a falar.

Na verdade, sem o tal cachorro falante, talvez nem existisse o telefone.

Alexander nasceu em Edimburgo, na Escócia, em 1847. Quando ele tinha doze anos, sua mãe começou a perder a audição. Alexander aprendeu que a melhor forma de se comunicar com ela era falar perto da testa dela, para que ela sentisse as vibrações da sua voz. O pai de Alexander, um fonoaudiólogo de renome, também desenvolveu um sistema de transcrição de palavras e vocalizações em símbolos que representavam a forma e o movimento da boca e da língua. Essas duas coisas levaram o jovem Alex a explorar como o método da “fala visível” poderia ajudar pessoas surdas a se comunicar vocalmente, ainda que elas jamais tivessem ouvido o som das próprias palavras, simplesmente pelo movimento correto da boca.

Ele começou a experiência com Trouve, seu Skye Terrier.

A primeira tarefa era ensinar Trouve a rosnar sob comando e, em seguida, fazê-lo de pé, apoiado só nas patas traseiras, para que Alexander tivesse mais facilidade para manipular a boca do animal. Usando o treinamento do método do pai, Alexander movia a boca de Trouve para produzir o som “ma” durante o rosnado. Com o tempo, e muitos biscoitos depois, o cachorro de Alexander foi capaz de pronunciar “Mama” em sons humanos por conta própria, juntando os

rosnados e os movimentos da boca. Alexander acrescentou sílabas ao vocabulário de Trouve: *ga, ah, au* e *u*. Combinando os sons, Alexander conseguiu ensinar o cachorro a perguntar, em inglês, “How are you, Grandmama?” [Como vai, vovó?]. Provando a teoria no cachorro, ele passou a usar o método com vários alunos de seu trabalho na escola para surdos.

Em 1873, Alexander se tornou professor de fisiologia da voz na Universidade de Boston, onde conheceu sua futura esposa, Mabel Hubbard, que tinha perdido a audição inteiramente devido à escarlatina. Viver e trabalhar com pessoas com deficiência auditiva aumentou o interesse de Alex pelos princípios da acústica e por experiências de transmissão de ondas sonoras por cabos, o que o levaria a inventar o telefone. Ele também abriu sua própria escola para surdos, e os pais ricos de dois alunos que ajudou a ensinar a falar ficaram tão impressionados que decidiram apoiar financeiramente suas invenções.

ALEXANDER CONSEGUIU ENSINAR O CACHORRO A PERGUNTAR, EM INGLÊS, “HOW ARE YOU, GRANDMAMA?” [COMO VAI, VOVÓ?]

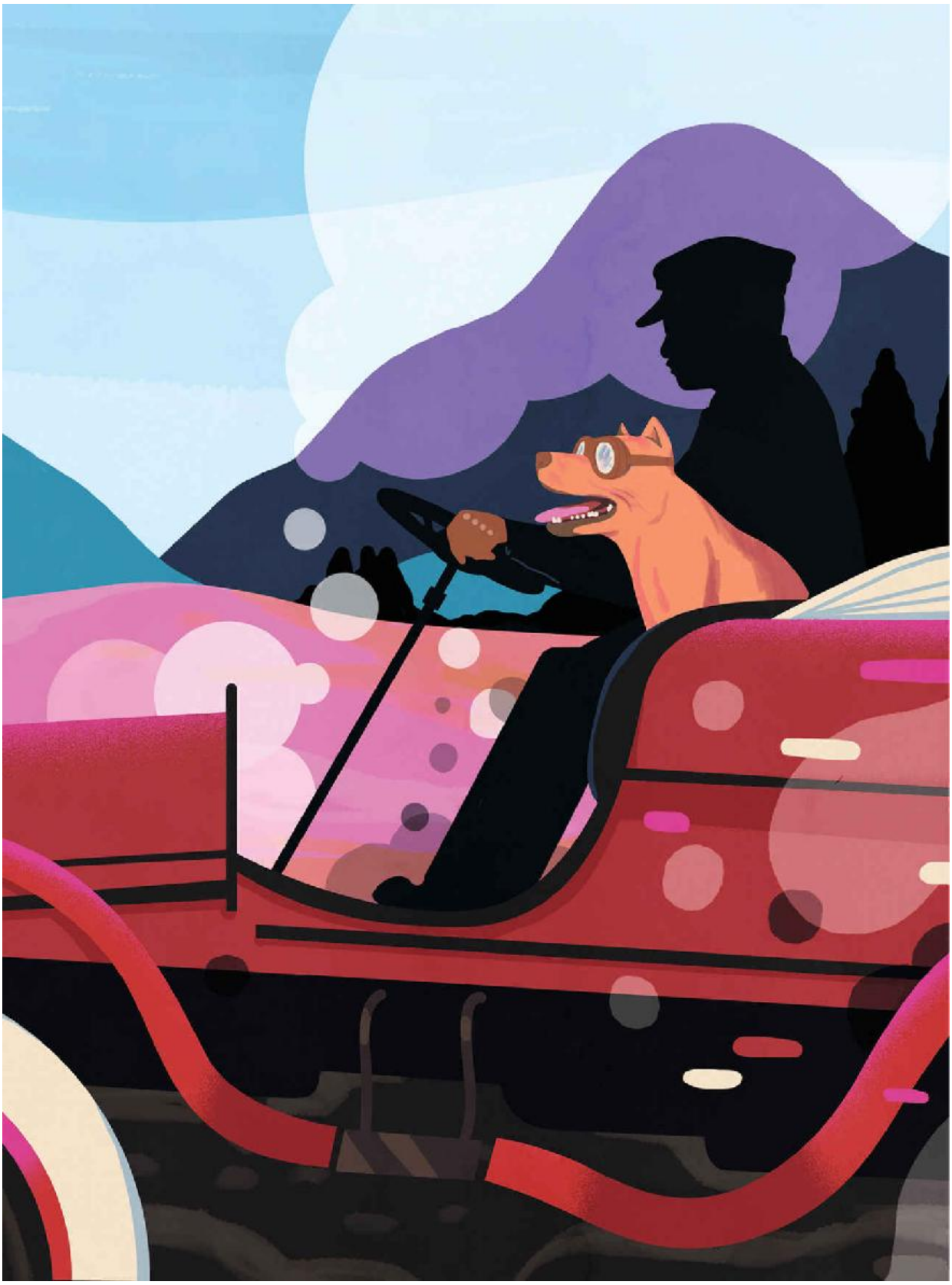
Entretanto, é tudo um pouco mais complicado do que parece (eis o resumo da história). Apesar de seu trabalho, as motivações de Alexander para desenvolver seu método de comunicação eram baseadas em um crescente movimento na época para erradicar línguas de sinais e a cultura surda. Em 1880 ocorreu uma grande convenção internacional, o Segundo Congresso Internacional da Educação de Surdos, ou Conferência de Milão. A conferência decretou diversas resoluções que confirmavam que a leitura labial

deveria ser o método preferencial para surdos se comunicarem com ouvintes e que línguas de sinais deveriam ser desencorajadas e até proibidas. Aqueles a favor da comunicação exclusivamente oral eram chamados de oralistas (é difícil evitar uma piada de mau gosto). Então, tudo bem, Alexander ajudou Helen Keller a aprender a falar e trabalhou com crianças surdas ignoradas pela sociedade, mas ele também defendia a eugenia e acreditava que surdos não deveriam poder se reproduzir. Então... né? Ele podia até ter boas intenções — como os delegados da Conferência de Milão, ele acreditava que seu trabalho era benéfico para a comunidade surda. Mas isso não quer dizer que não fosse problemático pra caramba.

Como resultado, muitas pessoas surdas que não sabiam fazer leitura labial não podiam se comunicar. Profissionais surdos perderam empregos — especialmente professores que se comunicavam com alunos por meio de línguas de sinais e as ensinavam — e a mão de obra surda diminuiu no geral devido à dificuldade de comunicação com pessoas ouvintes. Estudantes surdos apanhavam ao usar línguas de sinais na escola e ficavam com as mãos amarradas atrás das costas para não conseguirem usá-las para falar. A qualidade de vida da população surda decaiu drasticamente. Em resposta, fundou-se a Associação Nacional de Surdos nos Estados Unidos, promovendo a preservação das línguas de sinais e os direitos de surdos.

Desde a Conferência de Milão, o oralismo e as línguas de sinais começaram a coexistir de forma mais pacífica, mas línguas de sinais só foram reconhecidas como línguas oficiais em 1970.

Ainda há muito o que fazer.



VAMOS FUGIR DESTE LUGAR

Bud Nelson e a primeira viagem de carro pelos Estados Unidos

PIT BULL · ESTADOS UNIDOS · 1903

Mad Max: estrada da fúria! Vamos botar o pé na estrada de terra dos Estados Unidos da virada do século xx com Bud Nelson, o Pit Bull que colocou óculos de proteção personalizados e se tornou o copiloto na primeira viagem de carro a cruzar o país.

1903 — ainda uma novidade, os carros eram perigosos e difíceis de dirigir. Muita gente tinha dúvida se eles iam substituir mesmo os cavalos e as carruagens. Carros eram barulhentos. Levantavam muita poeira. Não eram confiáveis. Na Inglaterra, a lei ditava que alguém precisava andar na frente dos carros com uma bandeira vermelha para avisar pedestres, ciclistas e carruagens do perigo. O que, enfim, acabava sendo um pouco contraditório. No Tennessee, motoristas precisavam avisar que viajariam de carro com uma semana de antecedência. De novo: não fazia sentido.

No começo do século xx, só havia 8 mil automóveis nos Estados Unidos — em comparação, havia 14 milhões de cavalos.

Uma década depois, tudo seria diferente.

A mudança começou com uma conversa de bar no chique Clube Universitário de San Francisco: o que era melhor, carro ou carruagem? Um convidado, Horatio Nelson Jackson, era o único a favor da carruagem sem cavalos, argumentando que ela tinha vindo para ficar. O debate logo virou uma briga e, em seguida, uma aposta — numa cena tirada de *A volta ao mundo em oitenta dias*, alguém apostou que Horatio não chegaria de carro a Nova York em menos de noventa dias. O valor da aposta era de cinquenta dólares.

Horatio aceitou, apesar de não entender muito de carro. Ele era um ex-médico de 31 anos que tinha abandonado o ofício depois de ter sido diagnosticado com tuberculose. Seu interesse em automóveis era sobretudo um hobby, então decidiu buscar um profissional para ajudá-lo na viagem. Ele convidou Sewall Crocker, um ciclista e mecânico de motores a gasolina de 22 anos, para viajar. Juntos, adquiriram um carro de passeio Winton vermelho-cereja com um motor de vinte cavalos movido a gasolina, que Horatio batizou de Vermont, em homenagem ao estado onde nascera. Na época, carros não eram baratos — custavam no mínimo uns 150 mil reais, se compararmos com os valores de hoje —, nem eram fáceis de dirigir. Mas Horatio havia herdado uma bela fortuna e tinha a autoconfiança de um homem branco heterossexual nos Estados Unidos do século XX! Eles estavam prontos!

Agora só precisavam de um cachorro para botar a cabeça para fora da janela.

Quatro dias depois da aposta, em 23 de maio de 1903, Horatio e Sewall deram a partida no motor, deixando San Francisco e pegando a estrada. Eles viajariam mais de 6 mil quilômetros até Nova York, apesar de haver apenas 240 quilômetros de estradas asfaltadas em todo o território americano — a maior parte nas cidades.

No décimo nono dia, os dois chegaram a Idaho, em uma viagem que atualmente levaria cerca de treze horas. Quando pararam, um homem ofereceu um Pit Bull loiro para Horatio por quinze dólares. Ele aceitou e, quando saíram de Idaho, o cachorro Bud se tornou o Chewbacca do bando. Bud amava andar de carro. Ele se sentava no banco dianteiro e via a estrada passar. Para proteger os olhos do

cachorro da quantidade de poeira que o veículo levantava, Horatio mandou fazer óculos de proteção personalizados para Bud — que eu, pessoalmente, gosto de chamar de *áuculos*.

Horatio esperava que Bud trouxesse sorte à viagem. Não trouxe. Ele era boa companhia, mas a sorte não vinha junto. A viagem foi marcada por azar, direções erradas e péssimas decisões. Horatio acabou dizendo que Bud era o único membro da tripulação que não xingava na estrada o tempo todo. Vermont precisou ser rebocado por cavalos diversas vezes, o serviço de reboque mais irônico de todos os tempos. Eles ficaram perdidos no deserto por 36 horas. Precisaram passar cinco dias esperando uma peça nova quando uma biela quebrou. O tanque de gasolina vazou e Sewall precisou viajar quarenta quilômetros de bicicleta até a cidade mais próxima em busca de socorro. Os três foram arremessados do carro num acidente.

Mesmo assim, nosso trio intrépido continuou, inabalável, e logo a viagem caiu na boca do povo. Jornais esperavam sua chegada em todas as cidades e, quando alcançaram Omaha, foram saudados por uma multidão. Bud era de longe o mais querido e fotogênico entre eles (além de ser o mais estiloso, por causa dos *áuculos*).

Depois de 63 dias, 7 mil quilômetros e 8 mil dólares (mais ou menos 200 mil dólares atualmente, ou 1 milhão de reais no câmbio atual), Vermont, Sewall, Horatio e Bud entraram em Manhattan às quatro e meia da manhã do dia 26 de julho.

O melhor de tudo é que Horatio nunca ganhou os cinquenta dólares da aposta original.

Mesmo assim, completou a primeira grande viagem automobilística norte-americana.

Cãoplemento

A má fama dos Pit Bulls, conhecidos por serem cães briguentos e violentos, provavelmente remonta à sua origem na Inglaterra, onde foram inicialmente criados para brigar em rinhas nojentas contra ursos e touros e, depois, em um esporte chamado *ratting*, no qual jogavam um bando de ratos num poço e traziam os cachorros para competir — e ver quem matava mais ratos. Que nojo, nojo, nojo, nojo, nojo. Só que Pit Bulls não são criados para serem violentos, e sim para serem fortes e inteligentes. Sua ferocidade estereotipada é geralmente resultado de maus-tratos por parte dos humanos, não de uma falha em sua natureza. Pit Bulls, na verdade, podem ser carinhosos e ótimos cachorros de família. Em um teste de comportamento canino feito pela Sociedade Americana de Teste Temperamental, Pit Bulls ficaram em segundo lugar, com nota de 83,4, atrás apenas do Labrador.

LIZZIE BORDEN E SEU MACHADO FIZERAM PICADINHO...

… para o Boston Terrier almoçar

BOSTON TERRIER · ESTADOS UNIDOS · 1860-1927

Em 1892, na cidadezinha de Fall River, em Massachusetts, dizem que Lizzie Borden pegou um machado e desferiu quarenta golpes contra a madrasta e 41 contra o pai.

Na verdade, foram provavelmente 29 machadadas ao todo e Lizzie acabou inocentada do crime, mas assim a história tem menos graça.

Lizzie cresceu em uma família abastada, apesar de o pai não conseguir se livrar do hábito de economizar cada centavo, dada a infância pobre que teve. Portanto, embora fossem cheios da grana, os Borden não tinham saneamento em casa, nem eletricidade. E viviam de forma muito humilde por causa de sua religião rigorosa.

Depois da morte da mãe de Lizzie, Sarah, seu pai, Andrew, se casou com Abby Gray. Não é que Lizzie dissesse que ela era interesseira… mas tinha bastante certeza de que Abby só tinha se casado por dinheiro.

Dias antes dos assassinatos ocorrerem, o clima estava tenso na casa dos Borden, apesar de ninguém saber exatamente o que acontecia entre aquelas quatro paredes. Por isso, ninguém nunca soube ao certo que motivos Lizzie teria para matar os pais. Ela pode ter se incomodado com a presença da madrasta. Ou com o fato de o pai estar dando muito dinheiro à família de Abby, ainda que não se importasse em investir num banheiro dentro da própria casa. O pai também tinha recentemente matado alguns dos pombos de estimação de Lizzie — talvez isso tenha sido demais para ela. Também se especula que Lizzie fosse vítima de violência física e

talvez sexual por parte do pai ou que o estresse de ser uma mulher lésbica no armário no século XIX a levou ao limite.

Mesmo assim, só podemos tentar adivinhar. Não temos como saber.

O que sabemos é o seguinte: por volta das onze horas da manhã do dia 4 de agosto, Lizzie chamou a empregada doméstica da família, Bridget Sullivan, para dizer que encontrara o pai morto.

Com a manchete CRIME CHOCANTE! CIDADÃO DE BEM E ESPOSA IDOSA ESQUARTEJADOS NA PRÓPRIA CASA (que história é essa de esposa idosa? Kkkkk, ela tinha 64 anos e ele, 69, mas fazer o quê, né, o jornalismo adora esse tipo de machismo), o jornal *Fall River Herald* levou a cidade e o país ao frenesi. Centenas de cidadãos visitaram a cena do crime, destruindo todas as pistas.

ELA ERA MÃE DE PET DE TRÊS BOSTON TERRIERS: ROYAL NELSON, DONALD STUART E LADDIE MILLER. ELES NÃO ESTAVAM NEM AÍ SE LIZZIE ERA UMA POSSÍVEL ASSASSINA E/OU UMA DAS MULHERES MAIS DIFAMADAS DO PAÍS. CARINHO É CARINHO

Dois dias depois dos homicídios, os jornais começaram a noticiar que Lizzie talvez estivesse envolvida na morte dos pais. Um vendedor da farmácia S. R. Smith de Fall River disse à polícia que Lizzie foi à loja no dia anterior aos assassinatos e tentou comprar cianeto de hidrogênio, um veneno mortal. Nos dias que precederam o crime, a família inteira teve uma intoxicação alimentar horrorosa, mas Abby suspeitava que fosse veneno, o que é uma reviravolta estranhíssima. A polícia ficou confusa por não haver sangue em lugar nenhum, apenas nos corpos, e por não conseguir encontrar a

possível arma do crime. Ainda mais suspeito era o fato de Lizzie ter ficado em casa o tempo todo e não ter visto o assassino — a despeito de, segundo as provas forenses, Abby ter sido morta quase noventa minutos antes de Andrew. Ela também era quem mais tinha a ganhar com a morte: Andrew Borden valia quase 50 milhões de reais no dinheiro de hoje, e uma parte grande dessa grana foi herdada por Lizzie e sua irmã, Emma.

Quando foi interrogada, Lizzie se mostrou confusa e incapaz de contar uma história coerente. Ninguém levou em consideração que ela estava de luto pela morte do pai, que tinha testemunhado um acontecimento trágico e provavelmente traumatizante e estava sob o efeito de morfina para se acalmar, o que poderia afetar sua saúde mental.

Depois de um julgamento altamente sensacionalista e divulgado ao extremo, Lizzie foi absolvida por um júri de doze homens, um mais bigodudo do que o outro. Esse foi um dos primeiros julgamentos na história norte-americana a ser coberto pela grande mídia da mesma forma como casos mais modernos, como o de Amanda Knox — ou, no Brasil, o de Suzane von Richthofen — o são hoje em dia. E, como boa parte desses casos, era centrado em um suspeito que a sociedade considera improvável: uma mulher branca rica e elegante.

A vida depois do julgamento foi difícil para Lizzie. Embora pudesse comprar uma casa enorme na parte mais chique da cidade, ela foi abandonada por todos os amigos. Ninguém queria se sentar ao lado dela na igreja. Crianças apostavam quem teria coragem de tocar a campainha dela de madrugada. Desconhecidos jogavam ovos e pedras na casa. Ela também perdeu a convivência da irmã

por causa do próprio relacionamento (é, *esse* tipo de relacionamento) com a atriz Nance O'Neil.

O conforto de Lizzie vinha de cachorros.

Lizzie desenvolveu muito carinho por Boston Bull Terriers preto e branco — uma raça muito em voga na elite da Nova Inglaterra na época — e era acompanhada por eles ao passear pelo campo de carro (dirigido por um motorista). Ela era mãe de pet de três Boston Terriers: Royal Nelson, Donald Stuart e Laddie Miller. Eles não estavam nem aí se Lizzie era uma possível assassina e/ ou uma das mulheres mais difamadas do país. Carinho é carinho.

Boston Terrier era uma raça relativamente nova na época. Durante a década de 1870, criadores de Boston os desenvolveram por meio do cruzamento do Buldogue Inglês e do Terrier Branco Inglês. Originalmente, a raça era conhecida como Bull Terrier de cabeça redonda, mas em 1891 recebeu o nome de Boston Terrier devido a sua origem. Foi uma das primeiras raças norte-americanas reconhecidas pelo AKC. O Boston Terrier é considerado um cachorro "moderno" por ter sido criado exclusivamente para companhia.

Em 1913, Lizzie ajudou a financiar um centro de resgate em Fall River para cuidar de cavalos de tração que sofriam abusos e, em 1917, ajudou de novo quando o centro expandiu a missão para cães e gatos. No testamento redigido logo antes de sua morte em 1927, Lizzie escreveu: "À Liga de Resgate Animal da já mencionada Fall River, o valor de 30 mil dólares, além de minhas ações na empresa Stevens Manufacturing. Amo animais e eles são muito necessitados e tão poucas pessoas cuidam deles".

A organização recebe financiamento da herança de Lizzie até hoje.

Cãoplemento

Círculos de pelo preto no alto da cabeça de um Boston Terrier são conhecidos como manchas de Haggerty. Os cachorros que têm essa marca são descendentes de uma das linhagens originais de Boston Terriers, que pertencia à família Haggerty no começo do século xx, de acordo com o Clube Americano de Boston Terriers.

Em 1728, Boston proibiu cachorros mais altos do que 25 centímetros, pois vira-latas estavam roubando carne da feira. Hahahaha, fala sério, não sabiam que os pequenininhos são os mais astutos?

CUIDANDO DO PARCÃO

John Muir e Stickeen, parceiros de aventura

VIRA-LATA PRETO PEQUENO · ALASCA · 1909

John Muir era muitas coisas. Naturalista. Aventureiro. Escritor. Fundador da associação ecologista Sierra Club. Vagabundo profissional. Preservador de parque nacional. Dono de uma puta barba.

John nasceu na Escócia em 1838, mas foi criado em Wisconsin, nos Estados Unidos. A vida dele mudou quando, aos 31 anos, quase ficou cego em um acidente industrial na fábrica de rodas ferroviárias na qual trabalhava. Depois de quatro semanas de recuperação, ele decidiu mudar de vida e se dedicar a aprender tudo que podia sobre o mundo natural. Ele se demitiu e virou um vagabundo profissional declarado, vagando pelo país — até que se apaixonou pelo parque nacional Yosemite, na Califórnia. Os textos evocativos e arrebatadores de Muir sobre o Yosemite inspiraram mais visitantes a conhecer o parque e lhe deram uma plataforma para defender sua conservação. Um de seus artigos mais famosos, “In God’s First Temples: How Shall We Preserve Our Forests?” [Nos primeiros templos de Deus: como preservar nossas florestas?], pedia que legisladores californianos se posicionassem contra o esgotamento de Yosemite, causado pela pecuária e pelo desmatamento. Em 1890, o Yosemite foi oficialmente declarado parque nacional e, portanto, área protegida.

Vamos voltar uns dez anos: em 1880, John Muir se juntou ao reverendo S. H. Young numa exploração da região sudeste gelada do Alasca, especialmente Glacier Bay. No mesmo barco (literalmente, pois viajavam de canoa) estava Stickeen, o cachorro

do reverendo. John não gostou muito de Stickeen fazer parte da equipe. No geral, John não gostou muito de Stickeen, o que me faz não gostar muito de John. Stickeen era pequeno e John disse ao reverendo que a viagem seria demais para ele. No entanto, o reverendo se recusou a deixar o cachorro e Stickeen foi oficialmente incluído na tripulação.

Diferente de outros cachorros aventureiros, como o Terra-Nova Seaman que já mencionei, Stickeen não tinha tarefas na viagem. Ele não era um cachorro trabalhador. Ele não puxava trenó, nem protegia os humanos ou ajudava a caçar. O que ele mais gostava de fazer era ficar deitadinho e quieto no fundo da canoa até chegarem perto da encosta, quando se jogava na água gelada e nadava até a beirada. Só para se divertir com independência. Todo dia, quando eles desmontavam o acampamento e preparavam as canoas, Stickeen se recusava a aparecer quando chamado — provavelmente porque sabia que nunca seria deixado para trás e queria se aproveitar da situação o quanto podia. Até quando fingiam remar para longe, ele ia com calma. Muir escreveu: “Ele parecia lidar com perigo e dificuldade sem um pingo de razão, insistia em fazer o que desse na telha, nunca obedecia a uma ordem, e o caçador nunca conseguia mandá-lo atacar ou buscar os pássaros derrubados”.

Era um cachorro de atitude, adoro.

QUANDO STICKEEN CRUZOU A PONTE, JOHN SE ABAIXOU PARA LEVANTÁ-LO E LEVÁ-LO NO COLO PELO RESTO DO CAMINHO, MAS STICKEEN ESTAVA TÃO ORGULHOSO QUE SE JOGOU NA GELEIRA E COMEÇOU A DANÇAR E COMEMORAR A SOBREVIVÊNCIA. JOHN ESCREVEU: “NUNCA

ANTES OU DEPOIS VI UMA TRANSFORMAÇÃO TÃO INTENSA DO DESESPERO MAIS PROFUNDO À ALEGRIA EXULTANTE, TRIUNFANTE E DESCONTROLADA”

Certa manhã, quando John saiu sozinho para explorar uma geleira em meio a uma nevasca (claro, John, que ideia maravilhosa), Stickeen decidiu acompanhá-lo. Eles caminharam juntos até se depararem com uma fenda larga demais para pular por cima. Para atravessar, precisariam descer, cruzar um pedacinho de gelo que servia de ponte improvisada e escalar de volta.

Isso assustou Stickeen. O cachorro, que antes não se abalava com nada, de repente se abalou muito e se recusou inteiramente a continuar.

Pela primeira vez, John sentiu um pouco de afeto pelo cão. Mais tarde, ele escreveu: “O olhar e o tom de voz quando começou a reclamar e expressar seu medo eram tão humanos que inconscientemente falei com ele com pena, como faria com um menininho amedrontado”. John foi na frente, mas levou muito tempo para convencer Stickeen a segui-lo. John tentou de tudo: atraí-lo para o caminho já traçado, encorajá-lo, até fingir que ia embora e Stickeen só tinha mais uma oportunidade de continuar. Nada funcionou. A neve não parava de cair, a luz estava baixando e a dupla não tinha muito tempo para voltar ao acampamento.

John estava prestes a ir embora sozinho.

Finalmente, Stickeen pulou para a liberdade. Ele juntou as duas patas da frente e desceu ao primeiro apoio feito por John, até chegar à ponte. Quando Stickeen cruzou a ponte, John se abaixou para levantá-lo e levá-lo no colo pelo resto do caminho, mas

Stickeen estava tão orgulhoso que se jogou na geleira e começou a dançar e comemorar a sobrevivência. John escreveu: “Nunca antes ou depois vi uma transformação tão intensa do desespero mais profundo à alegria exultante, triunfante e descontrolada”.

Os dois voltaram ao acampamento em segurança e o cachorrinho, antes teimoso e independente, não quis se afastar de John até o fim da viagem. O trauma os uniu, e John sentia que, toda vez que cruzava o olhar de Stickeen, o cachorro dizia: “Cara, lembra quando a gente quase MORREU na geleira? Foi maneiro”.

“Já conheci muitos cães”, escreveu John, “e posso contar muitas histórias de sabedoria e devoção; mas não devo a nenhum tudo que devo a Stickeen”.

Todas essas citações vêm do texto “Stickeen: The Story of a Dog” [Stickeen: A história de um cachorro], escrito por John e originalmente publicado na revista *Century Illustrated Monthly Magazine*. Desde então, a história foi adaptada e reimpressa várias vezes, tornando-se uma das obras mais conhecidas de John, considerada um clássico literário norte-americano sobre o tema canino.

Depois dessa aventura, John Muir seguiu com seu importante trabalho de conservação, incluindo uma parceria com o presidente Teddy Roosevelt, meu namorado histórico, e a fundação do Clube Sierra, que lutou e continua a lutar pela proteção do mundo natural, mas nunca esqueceu Stickeen, mesmo depois de o cãozinho cruzar a ponte gelada do arco-íris que leva ao paraíso canino, onde todas as geleiras são navegáveis e não há fendas a atravessar.

ARD
of OZ"

O AU-SCAR VAI PARA...

Cachorros no cinema

ESTADOS UNIDOS · SÉCULO XX

Desde a invenção do cinema, os cachorros têm salvado bebês, viajado longas distâncias para encontrar alguém, babado no Tom Hanks e resolvido crimes.

Ainda se debate quem foi o primeiro cachorro a aparecer no cinema, já que tantos filmes mudos se perderam com o tempo. Um dos primeiros foi Blair, um Collie de Pelo Longo que apareceu em um filme de seis minutos e meio lançado em 1905 e chamado *O resgate de Rover*. O filme, no qual um Collie heroico salva um bebê, foi dirigido pelo dono de Blair e estrelava sua própria filha como bebê resgatado, mostrando que o nepotismo é uma tradição. O filme ficou famoso e foi reimpresso tantas vezes que os negativos gastaram, levando o diretor a regravar tudo duas vezes para atender à demanda. Logo fizeram uma continuação e Blair, cujo nome artístico era Rover, se tornou um verdadeiro astro. (É por isso que Rover se tornou um nome comum para cães nos Estados Unidos!)

Em 1910, Laurence Trimble, um aspirante a escritor e ator, visitou a produtora Vitagraph Studios como pesquisa para um texto sobre cinema. Ele foi acompanhado pela Collie Jean. No set do filme mais recente, o diretor precisava de um ator canino. Já que estava por ali, Laurence sugeriu Jean. Que sorte, garota: hora certa, lugar certo. Ela tinha talento natural e estrelou dezenas de filmes, muitos dirigidos pelo próprio Laurence. Jean não só foi o primeiro cachorro a ter o papel principal em um filme norte-americano como também o primeiro a ter o próprio nome no título dos filmes.

Conforme mais filmes foram realizados e mais cachorros, contratados, surgiu uma indústria secundária de treinadores de atores animais. Carl Spitz era um dos mais bem-sucedidos, com sua escola de treinamento Hollywood Dog Training School. A aluna de mais prestígio foi Terry, uma Cairn Terrier com pedigree, cujos donos a levaram para uma aula e nunca voltaram para buscar (talvez o motivo tenha sido a Crise de 1929 e o fato de cachorros serem caros, mas é só um palpite). Carl acabou ficando com Terry, que acabou fazendo parte do elenco de *Olhos encantadores*, um filme de 1934 com Shirley Temple. A própria Shirley escolhia o cachorro para o papel e se decidiu por Terry, já que esta se deu bem com Ching-Ching, seu Lulu-da-Pomerânia.

Outra atriz que gostou de cara de Terry foi Judy Garland. Então Terry fez o papel de Totó em *O mágico de Oz*.

O trabalho era difícil para um cachorro. Terry precisava ficar numa cestinha, aguentar máquinas de vento que imitavam tornados e pular sobre uma ponte levadiça em movimento. Ela deu conta de tudo. Sua única falha? De acordo com a filha de Judy, Lorna Luft, Judy contou que Terry tinha um bafo horrível, então era difícil sorrir quando a cachorra ofegava perto demais. Terry recebia 125 dólares por semana, mais do que muitos dos atores humanos do filme. Judy se apaixonou tanto por Terry que pediu para comprá-la de Carl Spitz depois das filmagens.

O mágico de Oz fez história no cinema devido ao uso de Technicolor. Terry se tornou uma estrela instantânea quando apareceu no tapete vermelho da pré-estreia do filme, no Grauman's Chinese Theatre em 1939. Como era chamada de Totó por todos os fãs, Spitz achou de bom-tom mudar seu nome oficialmente.

Outros cães astros tiveram origem mais humilde do que a escola canina de elite de Hollywood. Higgins, um vira-lata nascido em 1957, foi adotado no abrigo de Burbank pelo treinador Frank Inn. Inn contou a repórteres que Higgins era o cachorro mais esperto com o qual já tinha trabalhado. Era expressivo e conseguia demonstrar várias emoções, além de ser capaz de fazer truques como bocejar e espirrar quando lhe pediam. Higgins trabalhou bastante na televisão e no cinema antes de entrar para o elenco do filme que definiria sua carreira: *Benji*. Quando se espalhou que o amado astro de *Benji* tinha sido resgatado de um abrigo, as adoções de animais da Sociedade Humana Americana dispararam. Quando Higgins morreu, aos dezoito anos, sua filha Benjean interpretou Benji por mais três filmes.

Outro astro canino tem origem ainda mais inusitada: um campo de batalha na Primeira Guerra Mundial. Em 1918, o cabo norte-americano Leland Duncan, em serviço na França, descobriu um Pastor-Alemão com cinco filhotinhos em um acampamento alemão bombardeado. Duncan os levou de volta para a própria barraca, onde todos foram adotados pelos outros soldados do pelotão. Duncan ficou com um dos filhotes, que chamou de Rin Tin Tin.

Quando a guerra acabou, Duncan levou Rinty (que apelido foférrimo) de volta aos Estados Unidos e começou a treiná-lo para fazer vários truques, inclusive pular um obstáculo de quase quatro metros. Quando Rinty estava treinado, Duncan o levou à área de Hollywood conhecida como Poverty Row, ou Rua da Pobreza, onde ficavam as produtoras pequenas de filmes B, e começou a tocar campainhas. Foi assim que arranjou um papel secundário para Rinty no melodrama *The Man from Hell's River* [O homem do rio do

inferno] e, logo depois, o papel principal em *Where the North Begins* [Onde começa o norte]. O filme fez muito sucesso e Rin Tin Tin virou uma celebridade. Ele fez 23 filmes.

A Warner Bros. recebeu milhares de cartas de fãs de Rinty, e todas foram respondidas com fotos de Rin Tin Tin autografadas com uma pegada. Os filmes de Rinty davam tanto lucro que ele ganhava quase oito vezes mais do que atores humanos na Warner Bros. Ele era conhecido como o salvador de dívidas, porque, sempre que a produtora entrava em apuros financeiros, era só lançar um filme do Rin Tin Tin para o caixa sair do vermelho. Dizem em Hollywood que Rin Tin Tin foi o ator mais votado para a categoria de Melhor Ator na primeira premiação do Oscar, em 1929. Ele foi tirado da competição porque a Academia achou mais apropriado dar a primeira estatueta a um ator humano.

Outro dos cachorros famosos de Hollywood foi Pal. Quando Pal tinha dois anos, seu treinador, Rudd Weatherwax, foi com ele até a MGM fazer um teste para o novo filme *Lassie*, *a força do coração.* Baseado no popular romance de Eric Knight, publicado em 1940, *Lassie* era a história de uma Collie que atravessa centenas de quilômetros no interior da Inglaterra para reencontrar o menino que ama.

REVIRAVOLTA! Pal não passou no teste! O papel foi para outro cachorro ator e Pal ficou de substituto.

Mas, numa história tipicamente hollywoodiana, Pal foi chamado para filmar uma cena que o outro cachorro não conseguia fazer — envolvia atravessar um rio — e arrasou. O diretor Fred Wilcox declarou que Pal era a verdadeira Lassie e demitiu o outro cão na hora. Ele até refilmou as cenas das primeiras seis semanas de

trabalho, que agora estrelariam Pal. O filme, lançado em 1943, se tornou um sucesso esmagador. Pal estrelou mais seis filmes, assim como episódios piloto para a série de televisão *Lassie*. Quando a série foi encomendada, Pal já estava velho demais para atuar, mas Lassie Junior, o filho e substituto de Pal, foi contratado em seu lugar. O programa durou dezenove anos e todos os cachorros que interpretaram Lassie eram descendentes de Pal.

Em 1960, Lassie/ Pal/ todos os Pal e Rin Tin Tin foram homenageados com estrelas na Calçada da Fama de Hollywood. O outro memorial urbano de prestígio para atores, palmas na calçada em frente ao Grauman's Chinese Theatre, só inclui um cachorro: Uggie, o Jack Russell Terrier que apareceu no filme *O artista*, vencedor do Oscar de melhor filme em 2011. Uggie chegou ao teatro em um caminhão de bombeiro e, depois de marcar as patas no cimento, ganhou um bolo no formato de hidrante (o que poderia ter sido a receita de uma confusão desastrosa).

Cães têm uma história longa e complexa em Hollywood. Esse vislumbre não é nem de longe completo, mas os personagens fictícios que interpretaram estão entre os mais conhecidos do mundo.

Como dizem por aí: quem late aqui late em qualquer lugar.

Cãoplemento

Como é sempre o caso em Hollywood, há um lado sombrio na atuação animal. Muitos animais, inclusive cachorros, foram feridos, postos em perigo e até mortos para que filmes fossem feitos. Foi tamanho o

escândalo quando um cavalo quebrou a coluna ao ser obrigado a pular de um penhasco de vinte metros na gravação de *Jesse James* em 1939 que a Sociedade Humana Americana recebeu a tarefa de supervisionar como os animais eram tratados em Hollywood. Hoje, a sociedade trabalha com a indústria de cinema e da televisão norte-americana para garantir o bem-estar de atores animais no trabalho, e dá um selo confirmando que nenhum animal foi ferido aos filmes que cumprem as exigências. Entretanto, ainda é difícil monitorar as condições de vida e os horários dos astros animais. Melhoramos muito, mas há muito a melhorar.

MY AU-AU WILL GO ON

Cachorros no Titanic

OCEANO ATLÂNTICO · 1912

Sabemos que havia doze cachorros a bordo do *Titanic*.

Também sabemos que talvez fossem mais.

Os cachorros a bordo do *Titanic* foram listados como carga nos registros do navio e muito desses detalhes específicos se perdeu, porque, né, estamos falando do *Titanic*.

Os cachorros levados na viagem do transatlântico de luxo eram bichos de estimação de homens como John Jacob Astor, o homem branco mais privilegiado num navio de gente branca privilegiada. O *Titanic* era ótimo para cachorros: o marceneiro do navio, John Hutchinson, era responsável por cuidar dos cães no canil enorme do convés F. Vários cachorrinhos menores ficavam nas cabines de primeira classe com os humanos, apesar de isso tecnicamente ser contra as regras — parece que regras não importam para quem é rico pra caramba no *Titanic*. Os cachorros do canil faziam exercícios diários no convés do tombadilho (o que tombava mesmo era o cocô dos cachorros), acompanhados por um funcionário. Havia até um desfile de cachorros programado para o dia 15 de abril.

Que, claro, não aconteceu.

Todos vimos o filme. Todos tínhamos uma fascinação estranha por desastres estranhos na infância. Todos sabemos que, às duas e vinte da madrugada de 15 de abril de 1912, o *Titanic*, o transatlântico que nunca afundaria, bateu em um iceberg e afundou.

Por que consideravam o *Titanic* imune a acidentes? Ele media 270 metros de popa a proa, e o casco era dividido em dezesseis compartimentos supostamente impermeáveis. Já que quatro desses

compartimentos podiam alagar sem que o navio parasse de flutuar, o *Titanic* recebeu esse título irônico e infame.

Quando o *Titanic* bateu no iceberg, cinco dos compartimentos se romperam. Parece que ninguém tinha pensado nisso.

O *Titanic* era uma maravilha tecnológica da virada do século. Tinha elevadores! Comunicação sem fio! Telefones! Não dava para ligar para a terra, mas mesmo assim! Telefones! Foi construído numa época em que o objetivo era que tudo fosse mais rápido, maior e mais forte. Agora, mais regulamentação não estava na lista de prioridades, por isso havia menos botes salva-vidas do que passageiros. Depois do naufrágio, regras foram estabelecidas para que todo navio tivesse espaço de bote salva-vidas para todas as pessoas a bordo, assim como treinamento de simulação com os botes. Também foi criada a Patrulha Internacional do Gelo para monitorar icebergs nas vias navegáveis do norte do Atlântico, obrigando os navios a manterem contato por rádio 24 horas por dia.

O naufrágio do *Titanic* foi um dos primeiros desastres dessa escala causados por erro humano e, como aconteceu com um monte de gente rica, todo mundo se preocupou bem mais com isso do que com as enormes quantidades de pessoas pobres morrendo nas fábricas na mesma época. O efeito se espalhou pelo mundo. Só 700 dos 2200 passageiros sobreviveram e morreu gente de todos os continentes (exceto a Antártida, óbvio).

CABIA AO MENOS MAIS UM CACHORRO NAQUELA PORTA

Os três cachorros que sobreviveram à destruição do navio indestrutível tinham algo em comum: eram pequenos o suficiente para caber tranquilamente no colo de alguém no bote salva-vidas. Claro, minha São-Bernardo acha que cabe tranquilamente no meu colo, mas esses cachorros eram todos pequenos: um Pequinês e dois Lulus-da-Pomerânia, duas raças cujo peso médio é de menos de sete quilos. Lady, um dos Lulus, estava na cabine com a dona, Margaret Hays, quando foi dada a ordem de evacuação. A srta. Hays embrulhou Lady em um cobertor e a carregou junto para o bote. O segundo Lulu pertencia à família Rothschild, uma das famílias mais ricas do mundo à época.

O Pequinês se chamava Sun Yat-Sen. Ele pertencia a Henry e Myra Harper, herdeiros da empresa que um dia se tornaria a editora HarperCollins. Eles também levaram Sun Yat-Sen no bote e, quando questionado sobre a decisão, Henry declarou que “parecia ter muito espaço e ninguém reclamou”. Aham, Claudia, senta lá.

Entre os cachorros que não sobreviveram ao acidente estavam um Cavalier King Charles Spaniel, um Airedale Terrier chamado Kitty (que pertencia a J. J. Astor), um Poodle Toy, um Fox Terrier, um Buldogue Francês (um campeão de nome Gamin de Pycombe, que tinha acabado de ser comprado pelo valor mais ou menos equivalente a 75 mil reais atuais) e um Dogue Alemão. Ann Elizabeth Isham, a dona do Dogue Alemão, recusou o espaço no bote salva-vidas ao saber que teria de deixar o cachorro para trás e morreu com ele (eu faria o mesmo no *Titanic*).

Além da tendência humana a se fascinar por desastres, por que *ainda* somos obcecados pelo *Titanic*? Por que não pelo navio francês *Mont-Blanc*, que explodiu no porto de Halifax em 1917? Ou

pelo *Eastland*, que emborcou no rio Chicago tão rápido que ninguém conseguiu pegar os botes salva-vidas excessivos que o desequilibraram? Ou mesmo pelo *Lusitania*, que foi torpedeado na Primeira Guerra Mundial e é em parte responsável pelo envolvimento norte-americano na guerra? Há muitas teorias e muitos fatores envolvidos. Primeiro, porque o acidente aconteceu com gente rica e celebridades, e todo mundo sabe que o interesse é maior quando essas coisas acontecem com gente rica. Mas também aconteceu com uma variedade grande de pessoas, formando uma espécie de microssociedade com os mais de 2 mil passageiros. A mistura de pessoas no desastre foi sinal da quebra do sistema tradicional de classe norte-americano no pós-Primeira Guerra.

Segundo, porque aconteceu da forma perfeita, o que não deixa de ser um comentário estranho a se fazer sobre um desastre. Ele se deu em um período concentrado, em vez de se arrastar de forma nebulosa por vários dias, como o grande incêndio de Chicago uns anos antes, ou de ser rápido demais, como o acidente do *Eastland*. E porque aconteceu com tanta gente em uma escala que não foi grande nem pequena demais, permitiu experiências e escolhas individuais ao longo do próprio desastre, o que intensifica o drama. Também é cheio de ironia dramática: a maior conquista tecnológica da época, derrubada por um iceberg. Por mais que avancemos, a humanidade se dobra à natureza.

De qualquer forma, acho que todos concordamos: cabia ao menos mais um cachorro naquela porta.

Cãoplemento

O passageiro Charles Moore planejava transportar cem Foxhounds Ingleses no *Titanic*, mas mudou de ideia no último segundo, GRAÇAS A DEUS.

Fala-se muito do Terra-Nova Rigel, pertencente ao imediato William Murdoch, que estaria a bordo do *Titanic*. Quando o barco de resgate *Carpathia* se aproximou, ele conseguiu latir até o capitão localizar os botes. FALSO! É boato. Nenhum registro indica que William Murdoch levara um cachorro a bordo e até um cachorro aquático insulado como o Terra-Nova teria dificuldade para sobreviver tanto tempo na água congelante.

James Cameron não chegou nem perto de ser o primeiro a usar a tragédia para fazer sucesso no cinema. Semanas depois do naufrágio, a atriz Dorothy Gibson, que sobreviveu ao desastre, estrelou um filme a respeito, gabando-se com orgulho de vestir no filme o mesmo casaco que estava usando na noite do acidente. O naufrágio também inspirou poemas, livros e canções — 112 composições musicais inspiradas pelo desastre foram registradas nos Estados Unidos só em 1912.

HISTÓRIA CONCISA DE CÃES TERAPÊUTICOS

Como você se sente sobre isso?

CHOW CHOW E YORKSHIRE · SÉCULO XX

As terapias assistidas por animais têm raízes lá na Grécia antiga, onde cavalos eram usados para melhorar o humor de pessoas gravemente doentes. No século IX, uma fazenda hospitalar em Gheel, na Bélgica, incluía o trabalho com animais da fazenda nos tratamentos de pacientes. No final do século XVIII, o York Retreat, um asilo na Inglaterra, foi o primeiro hospital a documentar o uso de animais para tratar transtornos e deficiências mentais, encorajando residentes a trabalhar na fazenda da propriedade. Florence Nightingale observou que animaizinhos de estimação reduziam os níveis de ansiedade e estresse dos pacientes psiquiátricos, o que deu origem a uma onda de experiências informais envolvendo a interação entre animais e humanos para produzir efeitos calmantes.

O cachorro terapêutico mais famoso pertenceu, claro, ao terapeuta mais famoso da história: Sigmund Freud. Freud demorou para aderir à moda: já tinha setenta anos quando sua filha Anna levou para casa um Pastor-Alemão chamado Wolf, e Freud se apaixonou — tanto que ela parou de comprar presentes de aniversário para ele, pois só precisava dar fotos de Wolf. Quando Freud adotou o próprio cachorro, uma Chow Chow chamada Jofi, o pai da psicanálise ganhou não só uma companheira como também uma assistente.

O primeiro paciente reconfortado por Jofi foi o próprio Freud. Nessa época, Freud tinha câncer no maxilar, o que resultava em cirurgias doloridas, próteses e dificuldade de mastigar e falar. Durante uma série de operações e internações, ele escreveu a um

amigo: “Queria que você pudesse ver também o cuidado de Jofi comigo nesses dias infernais, como se ela entendesse tudo”.

Não demorou para Jofi começar a se juntar às sessões de Freud com seus pacientes, e ele logo notou uma mudança. Freud observou não só o efeito tranquilizante de Jofi nos pacientes como também a atenção que ela dava às emoções humanas, e começou a identificar melhor o estado mental dos pacientes com ajuda dela. Ela se deitava perto de pacientes deprimidos que precisavam de conforto, mas se afastava de pacientes ansiosos. Freud também notou que as crianças, em especial, pareciam mais capazes de contar informações doloridas quando perto de um cachorro, mas muitos adultos agiam da mesma forma. A presença de Jofi diminuía as barreiras que os seres humanos criam para evitar falar de temas difíceis.

Jofi também tinha um relógio interno preciso para identificar quando a sessão acabava — um sinal que os pacientes nem sempre entendiam quando vinha de Freud. Devido às dores do câncer, sessões de mais de uma hora eram difíceis para ele. Então, passados exatamente cinquenta minutos, Jofi se levantava, se espreguiçava e andava até a porta, indicando ao paciente que era hora de parar.

Depois de Jofi, o primeiro cachorro terapêutico oficial foi uma Yorkshire Terrier de 1,8 quilo encontrada por soldados norte-americanos na Nova Guiné durante a Segunda Guerra Mundial. Ela foi comprada por Bill Wynne, um cabo de 22 anos de Ohio, de um colega soldado que a encontrara faminta em uma trincheira. Seu preço: 6,44 dólares. Wynne a batizou de Smoky e, nos muitos anos

seguintes, o par sobreviveu a ataques aéreos, tufões e doze missões de combate juntos.

A habilidade de Smoky como cachorra terapêutica se manifestou quando Wynne pegou dengue e foi mandado ao hospital. Os amigos levaram Smoky para vê-lo e as enfermeiras gostaram tanto dela que perguntaram a Wynne se ela podia visitar outros soldados feridos. Durante os cinco dias que Wynne passou no hospital, Smoky dormia à noite em sua cama e, de manhã, ia com as enfermeiras fazer visitas aos outros soldados.

A ideia de levar um cachorro para passar algum tempo com os pacientes incentivou Elaine Smith, uma enfermeira norte-americana, a começar, em 1976, um programa que permitia a visita de cachorros em hospitais. Sua organização, a Therapy Dogs International (TDI), começou com seis cães: cinco Pastores-Alemães e um Collie. Em 2012, quando foram divulgados os dados mais recentes, a TDI já tinha registrado mais de 24 mil “equipes” formadas por um cachorro e um cuidador. E essa é só uma de muitas organizações de cachorros terapêuticos pelo mundo. O clube AKC até oferece certificados de cachorro terapêutico. Mesmo que Elaine tivesse começado a usar seus cachorros somente em hospitais, cachorros terapêuticos agora são vistos em casas de repouso, escolas de ensino básico, áreas de ajuda humanitária, unidades de cuidados paliativos, bibliotecas, abrigos para pessoas em situação de rua, tribunais e funerárias. Até sem o certificado exigido para cachorros terapêuticos oficiais, estudos indicam que qualquer interação com cachorro pode diminuir a pressão sanguínea. Fazer carinho em cachorros libera oxitocina, hormônio redutor do estresse, e diminui a produção do cortisol, hormônio causador do estresse. O

contato canino também foi associado à redução de colesterol e de níveis de triglicerídeos, o que contribui para a melhora da saúde cardíaca.

Então vá logo brincar com um cachorro — faz bem para a saúde.

Cãoplemento

Qual é a diferença entre um cão terapêutico e um cão de serviço? Os cães de serviço, como cães-guia, são treinados para fazer tarefas que auxiliam seus cuidadores com deficiência. Nos Estados Unidos, cães terapêuticos também são treinados, mas sua responsabilidade é de oferecer cuidados terapêuticos psicológicos e fisiológicos a indivíduos além do cuidador. No Brasil, esses cachorros não recebem treinamento específico, mas devem ter vacinas em dia e um comportamento amigável. Cães terapêuticos, porém, não têm o mesmo status legal e profissional dos cães de serviço. Cuidadores de cães terapêuticos não têm os mesmos direitos de acompanhamento canino em lugares que proíbem animais. E é muito antiético tentar fingir que seu cachorro é um cão de serviço (ou um cão que provê suporte emocional) para conseguir privilégios. Não torne seu bichinho um cúmplice do seu crime!

CÃES DE GUERRA, PARTE 1

Combatentes caninos da Primeira Guerra Mundial

EUROPA · 1914-1918

Guerra de trincheira é uma merda.

Sejamos honestos: toda guerra é definitivamente uma merda. Mas é ainda pior se você estiver lutando mergulhado até o joelho em uma mistura nojenta de água parada, cadáveres podres e dejetos humanos. Sem falar que todo mundo fica encarando o inimigo em um impasse perpétuo numa terra de ninguém traiçoeira e inóspita, só esperando para ver quem vai tentar a primeira missão suicida.

Mesmo assim, foi desse jeito que os seres humanos travaram muitas guerras.

O local mais famoso por uma guerra de trincheira provavelmente foi a Frente Ocidental da Primeira Guerra Mundial, uma faixa de terra de mais de seiscentos quilômetros atravessando a França e a Bélgica que viu algumas das batalhas mais cruciais e violentas da guerra. Apesar de a Primeira Guerra ter sido um conflito internacional, as trincheiras da Frente Ocidental estão entre os campos de batalha mais lembrados, não só daquela guerra, mas também de toda a história.

A guerra de trincheira também não era conhecida por uma comunicação muito eficiente entre batalhões. Ao longo da Frente Ocidental, os cachorros foram fundamentais para transmitir mensagens entre companhias quando outros meios de comunicação não funcionavam. Mensageiros humanos eram alvos fáceis, mas cachorros são pequenos, difíceis de localizar e muito mais difíceis de abater.

Um dos mensageiros caninos mais lendários da Primeira Guerra foi um vira-lata preto chamado Satan, que teve um impacto enorme no resultado da Batalha de Verdun, um dos conflitos mais longos e ferozes da guerra. Com quase onze meses de duração, foi a batalha mais duradoura da história moderna. Para os alemães, o propósito principal

era aniquilar o maior número possível de tropas francesas antes de os britânicos chegarem. Verdun era uma cidade historicamente importante para os franceses. Por isso os alemães a escolheram: sabiam que perdê-la destruiria o ânimo do povo e dos soldados da França.

As tropas francesas estavam com dificuldade para manter Verdun. Não havia comunicação, nenhuma forma de saber onde estavam os reforços — ou se viriam. A comida e a munição estavam chegando ao fim. No QG, os comandantes franceses estavam desesperados, tentando avisar aos soldados entrincheirados que o reforço estava a caminho se eles aguentassem mais um pouquinho e se esforçando para mandar coordenadas para planejar o ataque. Sete homens foram mortos tentando transmitir o recado, e pombos-correio não conseguiam passar pelos atiradores alemães.

Finalmente, Satan foi escolhido — em parte por ser rápido, intrépido e preto, o que ajudava a se esconder na noite, em parte porque seu cuidador, um homem chamado Duvalle, estava entre os soldados nas trincheiras em Verdun, então sabiam que Satan o encontraria. Com uma máscara de gás, uma mensagem presa na coleira e dois pombos-correio em cestinhas ao lado, Satan partiu para Verdun.

Os soldados franceses viram o salvador de nome irônico chegar. No entanto, assim que criaram esperança, os alemães também notaram Satan e o atingiram na perna. Satan tropeçou e caiu. Duvalle, porém, já tinha reconhecido o cachorro e, quando o viu cair, saiu da trincheira e, pelo que dizem, gritou: “Satan, meu amigo!”. (Que ironia.) “Coragem!”

Duvalle foi imediatamente morto a tiros, mas Satan só precisou ouvir sua voz — milagrosamente, ele conseguiu se erguer sobre as patas e correu até a trincheira, onde entregou o bilhete escondido no tubo de metal da coleira: “Pelo amor de Deus, aguentem firme. Amanhã chega o reforço”. Em resposta, o capitão escreveu as coordenadas da bateria de artilharia alemã em dois bilhetes, enviados pelos pombos-correio

trazidos por Satan. Um foi derrubado, mas o outro chegou ao QG. Poucas horas depois, o reforço francês conseguiu não só contra-atacar como também manter o controle de Verdun, no que seria o começo do fim dos alemães.

Além da função de mensageiros, os cachorros eram usados para transportar equipamentos, como sentinela e como mascotes de companhia nos dois lados do conflito. Mais do que parte essencial dos esforços de guerra, eram também uma fonte de apoio e conforto psicológico fundamental para os soldados, e ajudavam a distribuir um dos calmantes mais importantes dos homens nas trincheiras: cigarros. Servir nas trincheiras deixava a guerra, que já não é fácil, ainda mais estressante, e uma forma de autocuidado importante, que ajudava os soldados a se acalmarem, era fumar. Lembre-se: isso foi na época em que se acreditava que tabaco fazia bem. Deixando a saúde de lado, o tabaco era uma forma eficiente de se lidar com a tensão no campo de batalha, e cigarros eram formas eficientes de consumi-lo, pois ficavam acesos e eram mais leves que cachimbos e charutos.

OS CACHORROS ERAM USADOS PARA TRANSPORTAR EQUIPAMENTOS, COMO SENTINELA E COMO MASCOTES DE COMPANHIA NOS DOIS LADOS DO CONFLITO. MAIS DO QUE PARTE ESSENCIAL DOS ESFORÇOS DE GUERRA, ERAM TAMBÉM UMA FONTE DE APOIO E CONFORTO PSICOLÓGICO FUNDAMENTAL PARA OS SOLDADOS

A Associação Cristã de Moços, o Exército da Salvação e a Cruz Vermelha (o que mostra bem o quanto não se sabia nada sobre o perigo de fumar) distribuíam cigarros para as tropas nas trincheiras e logo descobriram que a forma mais eficaz de fazer essa entrega era amarrar os maços nas costas de cachorros. Os cachorros corriam pelas

trincheiras, entregando cigarros aos soldados e provavelmente ganhando um pouco de carinho. Normalmente eram Terriers pequenos, mas também podiam ser Buldogues Franceses e Boston Terriers. Os Terriers também ajudavam a controlar a população de ratos. As condições insalubres das trincheiras atraíam roedores (que chegavam ao tamanho de gatos, um pesadelo total) e outros bichos do lixo portadores de doença, mas os Terriers os caçavam e matavam.

Cachorros também eram treinados para encontrar homens feridos nos campos de batalha depois das trocas de tiros. Eles faziam essas buscas sozinhos, à noite. Quando encontravam um soldado ferido, eram treinados para não latir, já que isso atrairia o fogo inimigo. Em vez disso, eles rasgavam um pedaço do uniforme do soldado e o levavam ao cuidador, que então prenderia o cachorro na coleira e despacharia uma tentativa de resgate do soldado ferido. Eles também carregavam kits de primeiros socorros, para que os soldados pudessem se tratar sozinhos. Alguns cachorros até faziam companhia aos soldados à beira da morte, para reconfortá-los. Airedale Terriers e Cães-de-Santo-Humberto eram ideais para esse tipo de trabalho.

Cerca de 10 mil desses cães da Cruz Vermelha foram usados na Primeira Guerra Mundial. Eles salvaram milhares de vidas. Nota mil para todos.

Cãoplemento

Não posso deixar de mencionar um dos cachorros mais famosos da Primeira Guerra Mundial, o Sargento Stubby, um vira-lata resgatado no campus da Universidade Yale pelo 102º Regimento de Infantaria e levado escondido para a frente de batalha quando eles foram servir. Ele se tornou a mascote oficial da companhia, serviu por dezoito meses e

participou de dezessete batalhas na Frente Ocidental. Ele avisou o regimento de ataques de gás mostarda, encontrou soldados feridos e cuidou deles e até pegou um soldado alemão pelo fundilho e o sequestrou. Stubby foi um dos cachorros mais condecorados da Primeira Guerra Mundial e o único cachorro a receber o título de sargento por combate — apesar de provavelmente ser só um título simbólico. De qualquer forma, ele ficou lindo com todas aquelas medalhas.

A palavra "Terrier" vem do latim "terra", porque Terriers se enfiavam nas tocas de animais para capturá-los.

OS ÚLTIMOS CÃES FIÉIS DA RÚSSIA

O czar não sobreviveu, mas o cachorro não morreu

SPANIEL · RÚSSIA · 1918

Apesar do que diz um certo filme de animação cuja trilha sonora estou ouvindo agora mesmo, a princesa Anastásia não sobreviveu à execução da família real Románov.

No entanto, outro membro da casa real sobreviveu.

Os Románov foram a segunda dinastia a governar a Rússia. Estabelecidos no século XVII, depois de cinco gerações no poder, eles tinham bastante certeza de serem abençoados por Deus. Os Románov governaram como monarcas absolutistas, o que significa que se acreditavam escolhidos pelo próprio papai do céu e que, portanto, podiam fazer o que quisessem, sem ter de lidar com limites ou consequências.

O czar Nicolau II não só foi o último czar da dinastia Románov *e* o último da Rússia; também foi o pior de todos. Não necessariamente por ser uma pessoa ruim — só não estava nada preparado para comandar um dos maiores países do mundo. Seria de se supor que o próximo candidato na linha de sucessão tivesse sido minimamente treinado para dirigir um império. No entanto, o pai de Nicolau tinha certeza de que viveria para sempre. Ou pelo menos mais do que viveu. Portanto, quando ele morreu de forma inesperada, Nicolau tinha 24 anos, um diploma de direito, uma barba estilosa e nenhum preparo para ser czar. Também não tinha vontade nenhuma de governar: quando criança, viveu o trauma de ver o avô, que era czar na época, ser assassinado na frente de toda a família.

E agora o trabalho era dele! Não, valeu.

Nicolau era superconservador e antiprogressista ao extremo, e isso numa época em que a Rússia precisava desesperadamente de progresso. Não havia Parlamento, Constituição ou qualquer infraestrutura que permitisse uma rápida industrialização. E havia falta de comida e uma população enorme, em sua maioria pobre, cada vez mais infeliz com a vida luxuosa ostentada pela elite enquanto eles próprios literalmente comiam terra.

O que tinham, isso sim, era uma polícia secreta brutal. *arminha com o dedo*

A industrialização rápida era o terreno fértil perfeito para o comunismo, uma escola de pensamento político baseada nos escritos de Karl Marx que acredita que os meios de produção devem pertencer ao coletivo e que classes sociais devem ser abolidas.

A primeira indicação de que a Rússia estava desesperada por novos líderes foi quando perdeu a Guerra Russo-Japonesa em 1904. A Rússia, cujo tamanho é 45 vezes o do Japão, não devia ter perdido a guerra. Quando o povo se revoltou, em protesto contra aquela perda constrangedora, Nicolau entrou em pânico e assassinou todo mundo. O dia ficou conhecido como Domingo Sangrento. Por volta de cem pessoas foram mortas e milhares ficaram feridas.

Tudo piorou quando começou a Primeira Guerra Mundial. Devido à aliança forte com a França, Nicolau foi à guerra contra a Alemanha (apesar de o kaiser ser seu primo — incesto real, que diversão!). Além de não ter o que comer, a população da Rússia estava sendo obrigada a lutar em uma guerra que não tinha nada a ver com ela.

Foi aí que Nicolau teve uma ótima ideia. E se… presta atenção… apesar de não saber nada de liderança militar… e se… *ele* comandasse o Exército? Porque a falta total e absoluta de preparo para um posto nunca o impedira antes.

Todo mundo: “Não, Nicolau”.

Nicolau: “SIM, NICOLAU!”.

Não sei bem por que ele achou a ideia boa — já que literalmente todo mundo foi contra —, mas o czar tomou o comando do Exército russo. Isso significa que todas as derrotas agora eram culpa direta de Nicolau. E foram muitas derrotas.

Para piorar, Nicolau deixou a esposa cuidando do governo em casa. Olha, vocês me conhecem, eu nunca diria que mulheres são incapazes de governar, mas essa mulher era. A czarina Alexandra comandava a Rússia tão bem quanto o marido comandava o Exército. Ela desestabilizou o governo até ele se desmantelar. O racionamento de comida piorou, a quantidade de mortes na Frente Ocidental continuou a aumentar, e a reação de Alexandra foi reforçar o controle governamental, insistir em posições muito conservadoras e contratar e demitir ministros sem aviso ou motivo (parece alguém que você conhece? A história só se repete, gente). O principal assessor de Alexandra era Rasputin, um autodeclarado curandeiro analfabeto e folgado que “curou” Alexei, filho dos Románov. Rasputin deu conselhos horrorosos para Alexandra e acabou sendo assassinado em 1916 (várias vezes — todo mundo conhece a história, né? Se não conhecer, deixe este livro de lado e pesquise agora mesmo. É uma loucura).

Aproveitando a deixa… vamos falar das crianças dos Románov!

Nicolau e Alexandra tinham quatro filhas e muito pânico, porque todo mundo sabe que meninas não podem herdar impérios! Se for para classificar em categorias, elas eram Olga, a romântica, Tatiana, a chefona, Maria, a ingênua, e Anastásia, a ousada.

Finalmente, em 1904, o czar e a czarina deram as boas-vindas a um czaréviche, o futuro herdeiro do trono: Alexei Románov! Arrasou! Pênis é uma parte essencial do imperador! Só tinha um problema: Alexei tinha hemofilia, uma doença que impedia seu sangue de coagular, então qualquer cortezinho podia levar a uma hemorragia. Alexandra e Nicolau fizeram o que puderam para ajudar o filho, mas a prioridade foi esconder a doença do público russo para que não houvesse mais motivos para duvidar dos líderes. (Atenção: eles já tinham muitos motivos.)

Todos os cinco filhos amavam animais e tinham gatos e cachorros no palácio. Os três cachorros de quem falaremos mais são Ortipo, o Buldogue Francês de Tatiana; Jimmy, o Cavalier King Charles Spaniel de Anastásia; e Joy, o Cocker Spaniel de Alexei.

Joy era descendente de um Cocker Spaniel trazido da Grã-Bretanha e virou um companheiro inseparável de Alexei, indo com ele em viagens e passeios. Nicolau às vezes levava o filho à linha de frente da Primeira Guerra Mundial para animar as tropas e reforçar o patriotismo de Alexei, porque campos de batalha não devem ser nada traumatizantes para crianças, e Alexei sempre levava Joy. Ótimo, certo, que programa tranquilo para um filho pré-adolescente e um cachorro.

A Primeira Guerra Mundial estava dando muito errado. A Rússia queria vazar, mas o czar Nicolau, que, lembre-se, era o líder supremo nomeado por Deus e entregava um documento dizendo

“Eu faço o que quiser” para quem o desafiasse, se recusou a admitir derrota. A escassez de comida no país levou a mais protestos, que Nicolau tentou controlar com o Exército. Só que o Exército também estava faminto, então acabou se juntando ao protesto.

Só havia uma solução: em 1917, Nicolau abdicou do trono e foi preso com toda a família.

O afastamento de Nicolau possibilitou que comunistas exilados, como nosso velho conhecido Lênin, voltassem à Rússia. Lênin imediatamente começou o trabalho de enfraquecer o governo temporário estabelecido depois da abdicação de Nicolau e formar seu próprio governo rival, conhecido como Soviete de Petrogrado, composto de homens de sua facção comunista, os bolcheviques.

Depois que pacíficos protestos bolcheviques se tornaram violentos quando o Exército abriu fogo contra eles, Lênin decidiu que era a hora de uma revolução e, dessa vez, era pessoal. Violenta, também. Os bolcheviques se apossaram do Palácio de Inverno, sede do governo russo. Inicialmente, pareceu que tudo seria ótimo: Lênin anunciou várias coisas boas, como o fim do envolvimento russo na Primeira Guerra Mundial, a abolição de terras particulares, o início do salário mínimo, mais direitos para mulheres, saúde pública universal e eleições diretas. Foi este último que deu errado, porque o problema das eleições diretas é que, ao deixar o povo escolher, nem sempre te escolhem. Em 1917, os bolcheviques perderam a eleição. Lênin imediatamente mandou que seus homens derrubassem a assembleia eleita e tomou o poder. Bom, bom, bom… o que poderia dar errado?

A Rússia finalmente conseguiu sair da guerra em 1918, mas, como consequência, muito de seu território foi cedido para a

Alemanha e para o Império Austro-Húngaro. Nem todo mundo ficou feliz com isso e muitas facções inimigas dos bolcheviques se juntaram para derrubá-los, começando a Guerra Civil Russa. Os bolcheviques eram conhecidos como Vermelhos. Todos que se opunham a eles eram Brancos. Os Brancos incluíam apoiadores do czar, liberais, conservadores, apoiadores dos poderes Aliados — literalmente todo mundo que não era bolchevique. Sabemos bem que apenas um Sith usa valores absolutos.

Inicialmente, a revolução deu muito certo para os Brancos. Eles tinham o apoio dos Aliados e conseguiram controlar a maior parte do antigo Império Russo e matar milhões de Vermelhos. Entretanto, a maior parte da área capturada era formada por terras geladas na Sibéria, fazendas e deserto. Enquanto isso, os bolcheviques tinham todas as cidades industrializadas e cheias de gente, com muita infraestrutura, muito mais úteis para uma revolução militante.

No entanto, quando a captura da cidade de Ecaterimburgo pelos Brancos começou a parecer iminente, os bolcheviques ficaram nervosos. Ecaterimburgo era importante porque o czar Nicolau e sua família estavam exilados lá, na Casa Ipatiev, e havia membros suficientes dos Brancos a favor do czar para, ao resgatá-lo, torná-lo líder de novo. E viu no que deu da outra vez.

Em vez de entregar o antigo czar aos Brancos, os Vermelhos decidiram que a melhor estratégia era assassiná-lo e matar o resto da família também. Bem suave.

Na noite de 16 de julho de 1918, a família Románov foi informada de que seria levada ao porão da prisão para ser protegida, pois os Brancos estavam marchando por Ecaterimburgo, o que os punha em perigo. Quando chegaram ao porão… Surpresa! A ordem de

execução foi lida e os soldados abriram fogo. Apesar do que dizem certos filmes de animação/ musicais de sucesso, Nicolau, Alexandra e os cinco filhos foram todos mortos. Outra baixa foi Jimmy, o cachorro de Anastásia, que ela levara junto e segurava no colo na hora dos tiros. Ortipo, o Buldogue Francês de Tatiana, também foi morto por latir demais no quintal.

E Joy? Pobre e confuso Joy.

Encontrei histórias contraditórias. Li que ele começara a vagar por aí quando a família foi levada a Ecaterimburgo e não estava na hora da execução. Outro artigo sugeriu que ele *estava* no porão com os Románov, mas se escondeu e conseguiu fugir quando tiraram os corpos de lá. De qualquer forma, ele sobreviveu — o único sobrevivente da família imperial.

Quando os Brancos tomaram Ecaterimburgo, o oficial Branco Pavel Rodzyanko viu um cachorro perdido na rua e o reconheceu como Joy, o cão de Alexei — Joy era uma celebridade na Rússia e aparecia em cartões-postais e fotos da família real —, e o adotou. Quando Rodzyanko fugiu para o Reino Unido, na época em que os Brancos foram obrigados a sair em retirada e os bolcheviques venceram a revolução, levou Joy junto e o deu de presente para o rei Jorge V, primo de Nicolau II. Joy ganhou um lugar na corte inglesa e passou a viver ali.

A baronesa Sophie Buxhoeveden, uma antiga dama de companhia da czarina que fugiu de São Petersburgo e encontrou Joy com Rodzyanko, escreveu o seguinte em sua autobiografia: “O que o pequeno Joy viu naquela horrível noite de 16 de julho? Ele esteve com a família imperial até o fim. Será que tinha testemunhado a tragédia? Seu cérebro evidentemente guardou a

memória de um choque enorme e seu coração foi partido […] O pequeno Joy foi bem cuidado. Ele […] passou os últimos anos no maior conforto canino, mas nunca recuperou o ânimo". Ele foi enterrado nos jardins de Windsor sob uma lápide pequena, cuja inscrição, "Aqui jaz Joy", é acidentalmente emocionante — em inglês, a palavra "joy" significa "alegria". Então: "Aqui jaz Alegria".

Cãoplemento

Ortipo, o Buldogue Francês, foi um presente dado a Tatiana em uma das mais lindas histórias de amor do mundo. Trabalhando como enfermeira na Primeira Guerra Mundial, ela conheceu um soldado ferido chamado Dimitri, e OS DOIS SE APAIXONARAM ENQUANTO ELA CUIDAVA DELE. Honestamente, o romance se escreve sozinho. Depois, ele deu Ortipo para ela como sinal de afeto. Tatiana escreveu em seu diário que "O cachorro é muito fofo", o que também postei no Instagram hoje sobre minha cachorra. A realeza — eles são gente como a gente!

A GUERRA DO CACHORRO FUGIDO

Ou: o estranho caso do cachorro de guerra

VIRA-LATA · GRÉCIA · 1925

Já aconteceu com todo dono de cachorro: você está passeando, ou no parquinho para cães, e seu cachorro está totalmente calmo e de boa, até que de repente ele sai correndo a toda a velocidade sem motivo, e acabamos correndo atrás dele, gritando “Volte!”. A resposta é “Vai se ferrar, Karen!” ou quem sabe “ESQUILO!”.

Entretanto, isso não costuma resultar em um tiroteio, um incidente internacional e uma miniguerra.

Mas foi o que aconteceu em 1925, no Incidente de Petrich, ou, como o evento é mais conhecido, na Guerra do Cachorro Fugido.

A Grécia e a Bulgária já não eram muito amigas. Fazia anos que brigavam por território e a Grécia tinha certeza de que a Bulgária estava financiando o movimento pela independência da Macedônia, o que não agradava muito a Grécia, que queria que a Macedônia continuasse dependente dela. Já que eram nações fronteiriças, camponeses de ambos os lados invadiam o país vizinho e roubavam seus bens. E isso não agradava ninguém. Grécia e Bulgária já tinham lutado a Segunda Guerra Balcânica por causa de território, que chegou ao fim abruptamente quando o mundo decidiu que tinha problemas mais graves — no caso, a Primeira Guerra Mundial.

Os búlgaros se aliaram ao lado errado da Primeira Guerra e, consequentemente, foram obrigados a ceder terras. Portanto, já estavam de saco cheio quando o cachorro de um soldado grego provavelmente viu uma bolinha e saiu correndo. O dono, claro, correu atrás dele. Até o outro lado da fronteira búlgara.

NÃO SABEMOS O QUE ACONTECEU COM O TAL CACHORRO. O QUE SABEMOS É QUE O CONFLITO INICIADO POR ELE ENTROU PARA A HISTÓRIA COMO UMA DAS GUERRAS MAIS IDIOTAS, MAS MAIS INSTAGRAMÁVEIS, DO MUNDO

As tropas búlgaras aproveitaram a desculpa para abrir fogo e matar o soldado, além de um capitão grego e seu assessor, que entraram naquela terra de ninguém carregando uma bandeira de rendição para tentar acalmar os ânimos.

Não era a primeira vez que briguinhas aconteciam na fronteira, mas dessa vez o presidente grego, o tenente-general Theódoros Pangálos, decidiu dar um basta. Ele tinha chegado ao posto por meio de um golpe e estava doido para provar que era um governante legítimo. Então achou uma boa usar a briga pelo cachorro que fugiu como exemplo e exigiu reparações. Pangálos já era péssimo — como presidente, tinha suspendido a liberdade de imprensa, desvalorizado a moeda grega ao literalmente cortar notas de papel pela metade, e até determinado o comprimento permitido das saias das mulheres. Óbvio que ele queria qualquer desculpa para dar um ataque.

A Bulgária se desculpou e propôs uma investigação. Não era o suficiente, disse o general Pangálos. Ele queria 2 milhões de francos para indenizar as famílias das vítimas. Ele provavelmente encerrou o telefonema dizendo “Você tem quarenta e oito horas”, antes de desligar com um floreio dramático, já que era um vilão de filme do 007.

Quando a Bulgária se recusou, a Grécia disse: “A gente avisou”. E então invadiu a Bulgária, especialmente a cidade de Petrich, e

conseguiu montar uma ocupação por lá. A Bulgária correu para a Liga das Nações, a mãe da Europa, que entrou na história e disse para a Grécia parar com aquilo e pagar uma taxa de desculpas para a Bulgária. A Grécia precisou obedecer.

Pangálos foi humilhado e essa derrota foi parte do motivo para ele ser deposto no ano seguinte, sendo substituído pelo presidente que ele próprio tinha derrubado. Que vergonha.

Não sabemos o que aconteceu com o tal cachorro. O que sabemos é que o conflito iniciado por ele entrou para a história como uma das guerras mais idiotas, mas mais instagramáveis, do mundo.

LOBOS GIGANTES CONTRA A DIFTERIA

Togo, Balto e a Corrida da Misericórdia para salvar Nome, no Alasca

HUSKY SIBERIANO · ALASCA · 1925

Panorâmica: Nome, Alasca, 1925. Uma cidade pequena e isolada, em pleno inverno.

Corte. Interior. Um locutor está sentado em frente ao rádio, fazendo sinais frenéticos. Ouvem-se as rajadas de neve lá fora, que se acumula na janela.

Operador de rádio: “Câmbio, Nome… Câmbio, Nome… Temos um surto de difteria… Sem soro… Precisamos de ajuda urgente… Câmbio, Nome… Câmbio, Nome…”.

Por incrível que pareça, essa não é a cena de abertura de um filme apocalíptico de zumbi. É o que iniciou a Corrida da Misericórdia para salvar uma cidadezinha do Alasca de uma epidemia. Só não era da variedade zumbi.

Nome foi uma cidade da corrida do ouro, mas, em 1925, quando começa nossa história, já não havia quase ouro nenhum. A população, que por muito tempo cresceu sem parar, chegando a 20 mil habitantes em 1900, tinha caído para 1400 em 1925. Um terço dessas pessoas eram povos indígenas do Alasca; os outros dois terços, colonos brancos. Nome era um assentamento afastado ao norte, isolado por gelo durante quase sete meses ao ano. A ferrovia mais próxima ficava a mais de mil quilômetros, então a melhor forma de comunicação era uma trilha de correio mantida pelo governo dos Estados Unidos, que ia de Seward a Nome e era percorrida por times de cães de trenó e seus condutores, chamados *mushers*. A trilha tinha quase 1600 quilômetros, atravessava o traiçoeiro interior do Alasca e a viagem normalmente levava um mês.

Portanto, a possibilidade de uma epidemia não era brincadeira e teria devastado uma cidadezinha isolada como Nome.

Entra a difteria

A difteria é uma doença altamente contagiosa que ataca a garganta e os pulmões. O povo inuíte do Alasca era especialmente suscetível à infecção, e crianças tinham mais chances de contágio e morte. Quando a doença chegou a Nome, o único médico da cidade calculou que, sem controle, a difteria mataria todo mundo antes de a ajuda chegar.

Então Nome está tomada pela difteria e pelo gelo impenetrável quando chega a ligação de Anchorage, avisando que eles têm a antitoxina necessária para conter a epidemia.

“Arrasou”, diz Nome.

“Mas os aviões não podem decolar neste clima horrível, vocês estão inteiramente cercados por gelo e a estação de trem mais próxima fica a mais de mil quilômetros daí”, diz Anchorage.

“Putz”, diz Nome.

“Mas…”, diz Anchorage, “talvez tenha outra saída…”

Como você leu o título deste livro, deve ter adivinhado que saída era esta: cachorros.

O primeiro uso de cães de trenó foi registrado no ano 1000. O método foi desenvolvido pelo povo inuíte do norte do Canadá para transportar comida e mantimentos pela tundra. Quando os pioneiros brancos chegaram à fronteira do Alasca, encontraram uma cultura estabelecida que dependia do uso desses trenós. O termo “musher” para descrever o condutor de um time de cães de trenó vem da palavra francesa “marche” (já que os franceses foram os primeiros colonizadores brancos a fincar a bandeira no Canadá). “Marche”, que significa “andar”, era o comando usado para os cachorros puxarem. Os canadenses anglófonos transformaram “marche” em “mush” e daí veio o termo “musher” para descrever o condutor.

Na noite de 27 de janeiro de 1925, o primeiro lote de 300 240 unidades de soro antidifteria chegou de trem a Nenana. O remédio

estava embalado em pelagem animal e pesava por volta de dez quilos. As antitoxinas foram imediatamente carregadas no primeiro dos vinte trenós, puxados por mais de cem cachorros, que levariam o soro por 1084 quilômetros em condições extremamente arriscadas até Nome. A temperatura era de quinze graus negativos. Os *mushers* precisavam controlar o esforço dos cachorros, senão o frio podia congelar seus pulmões e matá-los de hipotermia, mas estavam com muita pressa. A rota inteira normalmente levaria 25 dias, mas, naquelas condições climáticas brutais, o soro só duraria seis.

É, agora parece *mesmo* um filme. Tem até contagem regressiva.

Cada perna da viagem tinha em média 48 quilômetros, e cada um dos vinte times correria uma perna e passaria o remédio para o próximo. O *musher* mais famoso do Alasca, Leonhard Seppala, fez 146 quilômetros sozinho, parte deles em um atalho perigoso pelo golfo de Norton. O cachorro principal de Seppala, um Husky Siberiano chamado Togo, teve dificuldade com a tração no chão congelado, assim como seus colegas caninos. O vento era tão forte que podia quebrar o gelo, levando o time a naufragar no mar. A temperatura chegou a 29 graus negativos.

Milagrosamente, o time chegou à encosta em segurança, poucas horas antes de o gelo rachar.

Gunnar Kaasen, outro *musher* famoso, começou sua perna da viagem em meio a uma nevasca tão intensa que ele não conseguia nem enxergar os próprios cachorros. Seu cão principal, Balto (que, infelizmente, não era metade lobo nem tinha a voz de Kevin Bacon, como um filme de animação de 1995 me levou a acreditar), precisou liderar o time com base no olfato. Quando ventos de 128 quilômetros por hora capotaram o trenó e jogaram as antitoxinas longe, Kaasen arrancou as luvas e cavou na neve com as mãos nuas e congeladas até recuperá-las.

Quando chegou a Port Safety, no Alasca, na manhã do dia 2 de fevereiro e descobriu que o próximo time não estava pronto para partir, Kaasen decidiu completar o resto da viagem sozinho. Às cinco e meia da manhã, seu time, liderado por Balto, desceu voando as ruas de Nome e entregou o soro ao médico, salvando a vida dos cidadãos e interrompendo uma possível epidemia.

O trajeto levou ao todo cinco dias e meio. Dos 150 cachorros que participaram, quatro morreram de hipotermia no caminho. A Corrida do Soro de Nome foi divulgada pelo mundo inteiro e ajudou a encorajar as campanhas de vacinação nos Estados Unidos. Os casos de difteria no país caíram drasticamente como resultado. Da próxima vez que brigar com um vizinho antivacina, sugiro gritar "CACHORROS MORRERAM para que suas CRIANÇAS não MORRAM".

Hoje em dia, a Corrida do Soro de Nome é comemorada todos os anos na Iditarod, uma corrida de trenó no Alasca que atravessa 1600 quilômetros de Anchorage a Nome. Apesar de a rota da Iditarod ser baseada na corrida histórica All-Alaska Sweepstakes, várias tradições comemoram a corrida do soro a Nome ao longo do caminho.

E ainda que seja uma trilha infernal pelas terras e condições mais violentas que o mundo tem a oferecer, por alguma razão, eu quero muito, muito, muito participar dela.

Provavelmente por causa dos cachorros.

Cãoplemento

Huskies foram introduzidos na América do Norte a partir da Sibéria por um caçador chamado William Goosak durante a corrida do ouro de Yukon, no início do século xx. A ideia era substituir o Malamute do Alasca, um cachorro maior e mais parrudo usado para puxar trenó.

Huskies são menores que Malamutes, logo mais rápidos, mas ainda são grandes o suficiente para conseguir puxar carga. Devido ao tamanho, Huskies Siberianos geram menos calor, mantendo a temperatura corporal de maneira mais eficiente do que os Malamutes. O modo como correm, um galope em que uma pata está sempre no chão, também é mais eficiente do que o estilo de pulo dos Galgos. Cachorros que correm pulando, em vez de galopando, não puxam bem trenó, pois o trenó os puxa de volta sempre que saem do chão. Huskies também têm muitos pelos secundários, bem finos e enrolados, que formam uma camada especial para prender o ar quente junto ao corpo, como uma jaqueta de inverno. Além disso, esses cães usam os rabos grandes e peludos para garantir que respirem ar quente ao dormir. Eles se enroscam numa bolinha e cobrem o nariz com o rabo, que serve de filtro de ar quente.

Quando comemoraram a Corrida da Misericórdia com uma estátua de Balto no Central Park de Nova York, muitos *mushers* envolvidos na corrida discutiram se era justo imortalizar Balto, visto que ele foi somente um dos muitos cachorros a participar da empreitada e que Togo liderou a parte mais longa da viagem. Na opinião profissional desta autora, QUE DIFERENÇA FAZ? ERAM TODOS CACHORROS PERFEITOS.

Porque sempre tem alguém para deixar tudo horrível, muitos dos cachorros que correram para levar o soro a Nome se tornaram atração de circo. Balto e sua equipe quase morreram por negligência em um circo de Los Angeles, mas foram resgatados em 1927 por George Kimble, um empresário de Cleveland, e recebidos com comemoração e desfile como heróis. Os cachorros foram levados ao zoológico Brookside,

onde receberam cuidados até o fim da vida. Depois da morte de Balto, seu corpo foi empalhado e exposto no Museu de História Natural de Cleveland, onde está até hoje.

OS CORGIS DE SUA MAJESTADE

Como batatinhas peludas viraram um símbolo da Coroa britânica

CORGIS · INGLATERRA · SÉCULO XX

Quando Thelma Evans tinha nove anos, seu cachorro foi atropelado por um carro. O motorista sentiu tanta culpa pelo acidente que escreveu uma carta aos pais de Thelma, se oferecendo para dar um cachorro novo à família. Os pais recusaram, mas, quando Thelma soube, se rebelou e escreveu sua própria carta ao motorista, dizendo que aceitaria um novo cachorro com prazer. O motorista, no entanto, não sentiu que poderia dá-lo sem a permissão dos pais da menina.

A reviravolta da história? O motorista era o futuro rei Jorge VI e Thelma se tornou uma das criadoras fundadoras da linhagem real de Corgis.

Que mundinho pequeno, né?

Corgis remontam à época dos vikings e foram usados como cães de trabalho por centenas de anos no País de Gales. Eles pastoreavam ovelhas e vacas mordiscando os calcanhares dos bichos. O nome “Corgi” vem da combinação de duas palavras galesas: “cor”, que significa “anão”, e “ci”, “cachorro”. O AKC reconhece dois tipos de Corgi: Welsh Pembroke (o tipo que a rainha tem) e Welsh Cardigan (que costumam ser maiores, mais compridos e mais escuros).

No final da década de 1920, Thelma comprou os primeiros dois Corgis de um fazendeiro. Ela os amava tanto que cofundou a Liga Galesa de Corgis para promovê-los. Seu cão reprodutor, Red Dragon, ficou tão famoso que seus filhotes foram vendidos à nobreza inglesa, inclusive ao visconde de Weymoth. Os filhos do

visconde convidaram então suas amigas, as princesas Elizabeth e Margaret, para brincar com os cachorros, e as princesas os amaram tanto que o pai delas, o duque de York, Albert Frederick Arthur George, futuro rei Jorge VI, assassino acidental do cachorro de infância de Thelma, decidiu comprar um filhote do mesmo criador. Que, no caso, era Thelma.

Em 1933, Thelma (que não disse ao duque que era a menininha cujo cachorro ele tinha atropelado) levou à família real seu primeiro filhote de Corgi, que eles chamaram de Dookie. Dookie era tão querido pelas princesas que elas logo adquiriram outro, Jane.

No verão de 1936, quando Elizabeth tinha dez anos e Margaret, seis, foi publicado um livro de fotografias chamado *Our Princesses and Their Dogs* [Nossas princesas e seus cachorros]. Por coincidência, o volume chegou às livrarias poucos dias antes de o rei Eduardo VIII abdicar ao trono para viajar pelo Mediterrâneo com a divorciada norte-americana Wallis Simpson. O livro serviu não só como um adorável presente de Natal para crianças britânicas, mas também como uma máquina de propaganda genial, garantindo ao público britânico que o novo rei, Jorge VI, era um bom homem de família, que vivia uma vida normal, na sua família normal, cercado de cachorrinhos Corgi fofos, diferente do irmão devasso. O aparecimento de Corgis na família real também apresentou a raça à Inglaterra como opção de bicho de estimação, além de animal de fazenda.

EM AGOSTO DE 1981, QUANDO O AVIÃO DA RAINHA POUSOU EM ABERDEEN PARA SUAS FÉRIAS ANUAIS EM BALMORAL, DIZEM QUE ELA ESTAVA ACOMPANHADA DE TREZE CORGIS

Anos depois, como presente por seu aniversário de dezoito anos, Elizabeth ganhou mais um filhote. A Corgi foi batizada de Hickathrift Pippa, que de alguma forma virou Sue, e evoluiu para Susan, provando que até a rainha tem o ridículo hábito de inventar apelidos absurdos para os cachorros e que aparentemente nada têm a ver com seus nomes de verdade. Independentemente do nome, Elizabeth e Susan se tornaram inseparáveis. Em 1947, escondida sob cobertores na carruagem real, Susan foi junto com Elizabeth e seu novo marido, Philip Mountbatten, para a lua de mel do casal em Hampshire.

Um ano depois do nascimento do primeiro filho de Elizabeth e Philip, Susan também virou mãe. Ao entrar no cio, ela foi entregue a Thelma para cruzar. Susan produziu dois filhotes: Sugar (que pertenceu ao pequeno príncipe Charles) e Honey (que viveu com a rainha-mãe), dos quais descendem todas as catorze gerações seguintes de Corgis reais. Isso significa que Susan é a cadela fundadora da linhagem real de Corgis. Se eu algum dia me juntar a um time de *roller derby*, quero que meu nome artístico seja Cadela Fundadora.

Desde a década de 1950, a rainha supervisiona pessoalmente um programa de criação de Corgis no terreno do Castelo de Windsor com a ajuda de mulheres como Thelma Evans. Depois da Segunda Guerra Mundial, os padrões da raça começaram a mudar, para transformá-los cada vez mais em pets, em vez de cães de fazenda. Agora que não precisavam mais pastorear, os Corgis passaram a ser cruzados para ter corpos mais compridos, baixos e redondos. Eles também ficaram com caras mais fofinhas e engraçadas. A rainha, pessoalmente, já teve trinta Corgis. Em agosto de 1981,

quando seu avião pousou em Aberdeen para as férias anuais em Balmoral, dizem que ela estava acompanhada de treze Corgis. A rainha nunca permitiu que seus Corgis competissem em desfiles, nem nunca os vendeu, apesar de ter dado muitos de presente.

A vida de um Corgi real era uma beleza. Os cachorros da rainha tinham uma ala especial no palácio, conhecida como Sala do Corgi, ou seja, meu paraíso pessoal. Eles dormiam em camas de vime altas (para proteger do frio), cujos lençóis eram trocados todo dia. Cada cachorro tinha seu próprio cardápio, individualmente planejado, servido à mão — às vezes pela própria rainha. Os cachorros eram alimentados em ordem de idade em bandejas de prata, e o cardápio incluía variados pratos de bife, frango cozido, fígado e coelho, assim como remédios homeopáticos e ervas para manter a saúde. A rainha passeava com eles todo dia e eles viajavam de carro e jatinho particular com a família real.

Se existir reencarnação, quero voltar como um Corgi real.

Os relatos sobre o comportamento desses cachorros variam. Ao filmar um quadro para a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012, o diretor Danny Boyle disse que os Corgis fizeram sua parte em uma única tomada perfeita. No entanto, como qualquer jovem membro da família real, eles já deram margem para manchetes escandalosas. Funcionários do palácio dizem que eles quase não são treinados e gostam de morder tornozelos alheios. A princesa Diana os chamava de tapete real, pois estavam sempre no caminho, se metendo debaixo dos pés — certa vez se enroscaram tanto nas pernas do criado pessoal da rainha que ele tropeçou, caiu e desmaiou. Em 1954, nossa cadela fundadora, Susan, mordeu o relojoeiro real. Um psicólogo canino foi chamado depois que a

própria rainha levou uma mordida ao tentar separar uma briga da matilha — uma briga que coincidiu, talvez não por coincidência, com a separação do príncipe Charles e da princesa Diana.

Por volta de 2015, a rainha parou de criar Corgis, dizendo que não queria deixar nenhum para trás quando morresse. Em 2018, o último Corgi real morreu, dando fim a mais uma grande dinastia britânica.

Cãoplemento

Apesar de a rainha ser mais famosa por seus Corgis, ela também tem "Dorgis", uma cruza de Dachshund e Corgi. Na data de publicação deste livro, a rainha ainda tem dois Dorgis, Candy e Vulcan (estou torcendo para a rainha ser secretamente fã de *Jornada nas Estrelas*).

Entre os muitos nomes que a rainha deu aos Corgis estão Monty, Heather, Emma, Willow, Sugar, Candy, Honey, Spick, Span, Whisky, Sherry, Cider, Tiny, Disco, Dash e Ranger.

Todo Natal, a rainha em pessoa faz meias para cada cachorro e as enche de brinquedinhos e biscoitinhos.

Durante o anúncio televisivo de seu noivado, o príncipe Harry disse que os Corgis nunca gostaram dele, mas adoraram Meghan Markle de cara. "Eles passaram os últimos 33 anos latindo para mim", disse ele.

“Mas esta aqui [Meghan] entrou e nada… só abanaram os rabinhos, e eu pensei ‘Aff’.”

O PRIMEIRO CÃO-GUIA DOS ESTADOS UNIDOS

O passeio que fez história

PASTOR-ALEMÃO · ESTADOS UNIDOS · 1927

A vida de Morris Frank mudou para sempre quando ele leu uma matéria no jornal *Saturday Evening Post*.

Tecnicamente, a matéria foi lida para ele, porque Morris era cego. Ele perdeu a visão de um olho ao bater num galho baixo de árvore quando criança, e a do outro, em uma luta de boxe aos dezesseis anos.

Em 5 de novembro de 1927, o *Saturday Evening Post* publicou uma matéria intitulada “The Seeing Eye” [O guia], escrita por uma norte-americana chamada Dorothy Eustis. Dorothy e seu marido moravam na Suíça e criavam e treinavam Pastores-Alemães para servir como cães policiais. Mas Dorothy teve outra ideia. Ela tinha visto em primeira mão uma escola na Alemanha na qual cachorros eram treinados para acompanhar veteranos da Primeira Guerra Mundial que tinham ficado cegos por causa de gás mostarda. A matéria falava do programa e do potencial de cachorros como companheiros e guias para pessoas cegas.

Morris estava entre as milhares de pessoas que escreveram para Dorothy depois da matéria, mas, por algum motivo, sua carta se destacou. Ele queria saber onde encontrar seu próprio cão-guia. “Quero um cachorro desses!”, escreveu. “Não estou sozinho. Milhares de pessoas cegas como eu odeiam depender de outros. Me ajude e eu ajudarei os outros. Me treine e eu trarei meu cachorro para mostrar às pessoas que um homem cego pode ficar inteiramente só. Podemos montar um centro de educação neste

país para dar a todos que quiserem a oportunidade de mudar de vida.”

Dorothy gostou da ideia. Ela convidou Morris para visitar Fortunate Fields, seu canil na Suíça, e o apresentou a Kiss, uma Pastora-Alemã que ele renomeou Buddy e que se tornaria sua companheira. O acordo era que Dorothy daria Buddy a Morris, mas, quando voltasse aos Estados Unidos, Morris se tornaria uma máquina de propaganda da causa do cão-guia — uma causa que ele aceitou com prazer, pelo bem de outras pessoas cegas. Depois de seis semanas de treinamento intenso conjunto, Buddy e Morris voltaram aos Estados Unidos, onde foram recebidos em Nova York por uma multidão de repórteres. Todos queriam ver do que a cachorra era mesmo capaz. Quando um dos repórteres perguntou se Buddy podia ajudar Morris a atravessar Wall Street, uma rua conhecida por ser perigosa, Morris respondeu que era só indicar a direção.

Mais tarde, ele escreveu o seguinte sobre atravessar a Wall Street naquele primeiro dia em Nova York: “[Buddy] avançou no clangor ensurdecedor, parou, voltou e começou de novo. Perdi meu senso de direção e me entreguei inteiramente à cachorra. Nunca esquecerei os três minutos seguintes: caminhões de dez toneladas zumbindo, táxis buzinando no nosso ouvido, motoristas nos xingando. Quando finalmente chegamos ao outro lado e eu entendi que trabalho incrível ela fizera, me abaixei, abracei Buddy apertado e falei como ela era maravilhosa”.

Em seguida, ele mandou um telegrama para Dorothy com uma única palavra: SUCESSO.

Com a história de Buddy ganhando as manchetes pelo país, Morris e Dorothy abriram uma escola chamada The Seeing Eye, em homenagem ao título da matéria de Dorothy que os conectou (até hoje, o termo usado para cães-guia na língua inglesa é *seeing eye dog*). Quando inaugurada, em 29 de janeiro de 1929, tornou-se a primeira escola de treinamento para cães-guia nos Estados Unidos.

Morris viajou pelos Estados Unidos e pelo Canadá, levando a palavra da Seeing Eye, dos cães-guia e da necessidade de leis de acessibilidade para pessoas que dependiam desses cachorros. Quando chegou aos Estados Unidos com Buddy, Morris ouvia sempre que não podia entrar com ela no vagão de passageiros dos trens. Graças a seu trabalho, ao lado de vários outros ativistas, em 1935 todas as ferrovias nos Estados Unidos adotaram políticas específicas para permitir que cães-guias acompanhassem os donos no trem. Em 1938, Frank e Buddy voaram de Chicago a Newark, no primeiro voo de um cão-guia na cabine. Desde então, entrava em vigor a diretriz da United Airlines permitindo que esses animais acompanhassem seus donos durante a viagem. Em 1956, todos os estados do país tinham decretado leis garantindo o acesso a espaços públicos para pessoas cegas acompanhadas de cães-guia.

Hoje há centenas de organizações ao redor do mundo que treinam cachorros como ajudantes e companheiros para pessoas cegas ou com deficiências diversas. Apesar de ainda haver muito a ser feito em termos de direitos iguais e acessibilidade para pessoas com deficiência, Morris e Buddy deram um passo enorme naquela caminhada histórica.

Cãoplemento

No ano da publicação da matéria de Dorothy, o senador norte-americano Thomas D. Schall, de Minnesota, que também era cego, passou a ser acompanhado de um cachorro de serviço importado da Alemanha. Portanto, tecnicamente, Buddy não foi o primeiro animal-guia do país. Entretanto, a publicidade e o ativismo de Morris e Buddy é que fizeram do momento um movimento de verdade, atraindo atenção geral para a aceitação de animais de serviço.

Algumas regras de etiqueta da fundação de cães-guia Guide Dog Foundation para quando você encontrar um cão-guia ou outro cão de serviço

- Não toque, chame, alimente ou distraia o cachorro que estiver vestindo a coleira ou a roupa de uniforme. EU SEI. Também quero fazer carinho em todos os cachorros que vejo por aí, mas a segurança e a mobilidade do cuidador dependem do cachorro. Não os ponha em perigo.
- Fale com o cuidador, não com o cachorro.
- Não dê ordens ao cachorro; deixe que o cuidador o faça.
- Nunca segure ou guie uma pessoa guiada por um cachorro nem tente segurar a coleira do cachorro. Antes, sempre pergunte se o cuidador precisa de sua ajuda.
- Sempre pergunte ao cuidador de que lado ele prefere que você ande.

CÃO DE ALUGUEL

A mascote de quatro patas da represa Hoover

LABRADOR · ESTADOS UNIDOS · 1932-1941

Vamos direto ao ponto: o passado era muito racista.

O presente também é muito racista, mas essa conversa fica para outro livro.

Porque o passado era muito racista, o cachorro que vamos discutir agora recebeu o nome de um xingamento racista. Não gosto nada disso, mas não era culpa do cachorro. Ele ainda era um bom cãozinho e provavelmente amava todo mundo igualmente, porque cachorros não veem cor. Literalmente.

E como esse cachorro era bom, mas os homens que o batizaram tinham internalizado o racismo institucional dos Estados Unidos da virada do século, o que se manifestou no nome, não vou chamá-lo pelo nome de batismo. Como ele era o cachorro da represa Hoover, vou chamá-lo de Hoover.

Quando os norte-americanos começaram a colonizar o oeste dos Estados Unidos, enfrentaram a tarefa assustadora, mas essencial, de aproveitar os recursos naturais, como o rio Colorado.

Mas o rio Colorado era impossível de lidar. Toda primavera, o nível da água subia tanto que rompia os diques e destruía casas e fazendas. Quando a água baixava, a região era afligida pela seca. O Colorado precisava ser regulado, mas ninguém sabia o que fazer.

O governo — mais especificamente, o presidente Hoover (daí o nome da represa, entendeu?) — aprovou um projeto ousado para “domar o poderoso rio Colorado” e, em 1931, seis construtoras se juntaram para levar a cabo um dos planos de engenharia mais ambiciosos da história do país. Quando completa, a represa Hoover

não só controlaria o Colorado como também forneceria energia elétrica e água para Las Vegas e áreas próximas.

O primeiro passo do processo foi desviar o rio Colorado, para que saísse do caminho da construção. Em seguida, o cânion precisou ser nivelado antes de assentar o concreto, que seria despejado em moldes retangulares para endurecer sem rachadura. Em plena crise econômica, não faltava mão de obra empenhada para trabalhar. A cidade de Boulder foi construída perto da obra para abrigar os trabalhadores e suas famílias.

Foi ali, embaixo do chão da delegacia, que encontraram um filhotinho de Labrador preto. Não sabemos o que aconteceu com a mãe e o resto da ninhada, mas o cachorro foi adotado pela cidade toda e logo passeava livremente por Boulder.

Lembre-se: para nós, ele se chama Hoover.

Desde que Hoover era pequenininho, os homens da cidade começaram a levá-lo para a obra, onde ele se tornou a mascote não oficial da represa. Hoover se juntava aos trabalhadores de manhã, a caminho da represa, e voltava com eles no final do expediente. Talvez fosse metade cabrito, porque andava pela obra incrivelmente acidentada com tranquilidade. Subia escadas, andava nas passarelas, seguia os homens nos túneis e pulava nas plataformas de madeira que eram usadas para transportar trabalhadores e equipamentos cânion abaixo.

Todo dia, Hoover chegava na obra com o caminhão que trazia os trabalhadores de Boulder. Quando tocava o apito do final do expediente, ele se juntava à fila de homens para ir embora. Certa vez, ele foi visto no banco do carona do carro do engenheiro principal, enquanto a esposa do homem ia no banco de trás. Para

circular pela obra, Hoover pegava as plataformas de madeira suspensas por cabos que baixavam os homens até o fundo do cânion. Quando queria pegar uma plataforma, Hoover latia e os operadores paravam para ele. Ele latia de novo quando chegava ao andar desejado da represa.

HOOVER SE JUNTAVA AOS TRABALHADORES DE MANHÃ, A CAMINHO DA REPRESA, E VOLTAVA COM ELES NO FINAL DO EXPEDIENTE. TALVEZ FOSSE METADE CABRITO, PORQUE ANDAVA PELA OBRA INCRIVELMENTE ACIDENTADA COM TRANQUILIDADE. SUBIA ESCADAS, ANDAVA NAS PASSARELAS, SEGUIA OS HOMENS NOS TÚNEIS E PULAVA NAS PLATAFORMAS DE MADEIRA QUE ERAM USADAS PARA TRANSPORTAR TRABALHADORES E EQUIPAMENTOS CÂNION ABAIXO

A cidade amava Hoover — até demais, parece, porque todos os trabalhadores queriam dividir seu almoço com ele; quando Hoover voltava à cidade, já de noite, todo mundo o enchia de sorvete e doces. Por fim, ele comeu tantos doces que acabou doente. Um anúncio foi divulgado no jornal local dizendo “Amo doces, mas me faz mal. Também é ruim para meu pelo. Por favor, não me dê mais doces. Seu amigo, [Hoover]”. Depois disso, o refeitório responsável pelo almoço dos trabalhadores começou a fazer lanches saudáveis para Hoover, e logo ele tinha seu próprio almoço diário. Até ganhou uma lancheira, que carregava pela boca até a obra. Ele a deixava junto com a marmita dos trabalhadores e comia com eles na hora do almoço. Hoover era tão querido que, quando um trabalhador o chutou de raiva, o resto da equipe pulou no homem e o cobriu de

socos. A violência foi logo contida, mas o homem que chutou Hoover foi expulso da obra e nunca mais voltou.

Quando a represa Hoover ficou pronta, em 1936, foi — e continua sendo — uma enorme façanha da engenharia. Ela ainda tem 221 metros de altura e 379 metros de largura. O reservatório formado pela represa, o lago Mead, é um dos maiores lagos artificiais do mundo. Depois que o rio Colorado foi controlado, pela primeira vez os fazendeiros passaram a dispor de uma quantidade garantida de água regular. Várias cidades, como Los Angeles, San Diego e Phoenix, ganharam uma fonte barata de eletricidade, o que ajudou no crescimento populacional e no desenvolvimento industrial. Os geradores hidrelétricos da represa ainda fornecem eletricidade ao Arizona, ao sul da Califórnia e a Nevada. A represa Hoover também controla enchentes e provê irrigação.

Em 1941, Hoover morreu em um acidente no canteiro de obras. Os trabalhadores ficaram devastados. Segundo um jornal, “homens machões, durões e fortes caíram aos prantos, sem vergonha ou controle”. Ele foi enterrado em um túmulo na construção, com uma placa memorial. Devido ao nome nada politicamente correto, a placa foi substituída por outra sem nome, mas continua a listar muitas das coisas maravilhosas que ele fez.

Cãoplemento

Capacetes de construção civil foram inventados na represa Hoover. Os trabalhadores mergulhavam os chapéus no alcatrão para endurecê-los e se proteger do entulho que caía.

O EXÉRCITO DE CACHORROS FALANTES DE HITLER

Não vingou

AIREDALE TERRIER · ALEMANHA · DÉCADA DE 1940

De todos os absurdos completamente sem sentido da Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial, uma mania especialmente estranha foi a dos cachorros falantes.

O primeiro cachorro falante da Alemanha foi Rolf, cujo nome não foi inspirado pelo nazista cantor de *A noviça rebelde*, mas não deixa de ser uma correlação relevante. De acordo com a dona, Paula Morkel, Rolf se comunicava batendo em letras com a pata. Tá, certo, talvez não seja completamente impossível. Só que, em seguida, ela disse que Rolf era um poeta e bibliófilo, falava diversas línguas e se interessava por teologia e filosofia. Tudo isso batendo as patas. Eu entendo, todo mundo acha que o próprio cachorro é o mais inteligente do mundo e claro que estamos todos certos. Mas meu Deus do céu, Paula, relaxa aí.

Enquanto Rolf estava ocupado filosofando e compondo sonetos para o Terceiro Reich, outro cachorro papeava com os cidadãos da Alemanha: Don, um Braco Alemão de pelo curto, supostamente tinha a capacidade de falar palavras em alemão. Nada de bater apenas as patas — esse aqui fazia sons de verdade. Um jornalista alegou que, ao perguntar o nome do cachorro, ele latiu “Don”. Quando perguntou “O que você tem?”, Don respondeu “fome” e pediu “bolo”. De tanto falar, Don se tornou uma celebridade internacional e apareceu em casas de shows e teatros ao redor do mundo.

Rolf e Don chamaram a atenção na Alemanha porque sua fama coincidiu com o crescimento do movimento da Nova Psicologia

Animal. Sob a direção do dr. Karl Krall, os estudantes do movimento acreditavam que certos animais, como cachorros e cavalos, eram quase tão inteligentes quanto seres humanos e, se treinados corretamente, podiam acessar um enorme potencial intelectual.

Sabe quem eram os maiores fãs dessa teoria? Os nazistas.

Hitler era conhecido por amar cachorros — apesar de estar no alto da lista de "humanos que não merecem o amor incondicional canino", ele tinha dois Pastores-Alemães, Blondi e Bella. Hitler não só concordava com a Nova Psicologia Animal como também acreditava que os cães policiais podiam ser treinados para se comunicarem com os mestres da SS e se tornarem soldados, executando tarefas como guarda, reconhecimento e vigilância. Não da forma como vimos outros cachorros fazerem em guerras anteriores — ele acreditava que os cães podiam literalmente falar com os mestres e servir em postos basicamente equivalentes aos de soldados humanos. Cães de guarda ferozes eram usados pelos nazistas em campos de concentração, mas o objetivo era que um dia *só* cachorros treinados fossem necessários para guardar esses campos. Hitler mandou soldados nazistas recrutarem cães inteligentes e matriculá-los na Tier-Sprechschule ASRA, ou Escola de Fala Animal. Lá, eles ensinaram aos cachorros os métodos de Rolf e Don para comunicação e até fizeram experimentos com telepatia humano-canina.

HITLER TENTOU CRIAR UM EXÉRCITO DE CACHORROS FALANTES E TELEPÁTICOS PARA SERVIR AOS NAZISTAS

Isso mesmo: Hitler tentou criar um exército de cachorros falantes e telepáticos para servir aos nazistas.

Sério, quem colocou esse homem no comando?

Apesar de a neta da diretora da escola negar o vínculo direto com o nazismo, historiadores estabeleceram conexões nítidas entre a escola e os objetivos futuros de Hitler para os cachorros soldados. E se preocupar com o bem-estar animal era parte central de ser um bom nazista. Parte da ideologia nazista era ser amigo de todos os animais, o que parece legal até lembrarmos que eles se preocupavam mais com o bem-estar animal do que, sabe, com os milhões de pessoas que massacraram.

Não há provas de que qualquer um desses experimentos tenha sido bem-sucedido ou de que o treinamento tenha levado a SS a passear com cachorros falantes. Os cachorros nunca aprenderam a saudar Hitler.

QUEM DESENTERRA OSSO É ARQUEÓLOGO

O cachorro Robot descobre as pinturas rupestres de Lascaux

VIRA-LATA · FRANÇA · 1940

Dizem que as pinturas rupestres de Lascaux foram descobertas por um adolescente e um cachorro.

Também dizem que as pinturas rupestres de Lascaux foram descobertas por quatro adolescentes e um cachorro.

E dizem ainda que as pinturas rupestres de Lascaux foram descobertas por cinco adolescentes e um cachorro.

“Dizem” podia ser o resumo da história — tudo depende de quem está dizendo.

Todas essas histórias têm dois personagens centrais em comum: Marcel Ravidat e Robot, um vira-lata branco com uma mancha ao redor de um olho. Em 1940, Marcel, Robot e talvez uns amigos estavam subindo uma trilha perto de Montignac, uma área do sul da França que ainda não tinha sido invadida por nazistas.

Segundo algumas histórias, Marcel simplesmente tropeçou num buraco estranho e começou a explorar. Outra versão alega que Robot foi atrás de um coelho que sumiu no buraco e Marcel o seguiu para investigar. Nas histórias que envolvem mais adolescentes, dizem que eles estavam procurando supostas passagens secretas e por isso estavam de olho no chão.

De qualquer forma, tenho certeza de que Robot foi muito útil na hora de cavar quando eles notaram que tinham dado de cara com uma vasta rede de cavernas subterrâneas cobertas por pinturas que transformariam nosso entendimento sobre a arte pré-histórica.

Marcel e Robot haviam descoberto as cavernas de Lascaux.

As pinturas encontradas nas cavernas de Lascaux têm aproximadamente 15 mil a 17 mil anos, o que as situa entre as mais bem preservadas e em maior quantidade do período Paleolítico. As pinturas nas paredes representam principalmente animais, incluindo cavalos, veados, cervos, vacas e gatos, e o que alguns teorizam serem criaturas lendárias. Arqueólogos acreditam que as cavernas foram usadas por muito tempo como centro de caça e ritos religiosos. Não sabemos se as pinturas representam o sucesso em caças futuras que os pintores desejavam ou registros de caças anteriores. O que sabemos é que, durante o período Paleolítico Superior, quando as pinturas foram feitas, o homem de Neandertal evoluiu para a versão de *Homo sapiens* que conhecemos e amamos hoje em dia. Na mesma época, a arte pré-histórica avançou em um pulo, o que é exemplificado pelas pinturas em cavernas na Europa Ocidental. Cujo *melhor* exemplo é Lascaux.

O outro diferencial das cavernas de Lascaux é que as pinturas foram muito bem preservadas, enquanto em outros sítios arqueológicos de arte pré-histórica só restaram gravuras. Embora a área ao redor de Montignac seja cheia de murais pré-históricos, as pinturas das cavernas de Lascaux são as únicas (descobertas) cujas cores originais não desbotaram. Uma camada protetora de cal tornou Lascaux impermeável. Quando Marcel e Robot as encontraram, elas estavam tão completamente seladas havia tanto tempo que, até hoje, ninguém achou a entrada que os desenhistas pré-históricos de fato usaram para transformar as paredes em um zoológico colorido. Só temos aquele buraco no chão.

AS PINTURAS ENCONTRADAS NAS CAVERNAS DE LASCAUX TÊM APROXIMADAMENTE 15 MIL A 17

MIL ANOS, O QUE AS SITUA ENTRE AS MAIS BEM PRESERVADAS E EM MAIOR QUANTIDADE DO PERÍODO PALEOLÍTICO

Durante a Segunda Guerra Mundial, as cavernas foram usadas pela resistência francesa para guardar armas, mas foram abertas ao público em 1948. Elas foram fechadas novamente para evitar danos e abriu-se uma réplica para quem se encontrar no meio do nada do sul da França em busca de distração.

No entanto, apesar do papel de Robot na descoberta, cachorros não podem entrar.

É uma das muitas injustiças da história.

CÃES DE GUERRA, PARTE 2

Cães soldados da Segunda Guerra Mundial

EUROPA · 1939-1945

Segundo minhas estimativas mais conservadoras, existem 10 quinquilhões de histórias envolvendo cachorros na Segunda Guerra Mundial. Eu poderia passar o resto do livro falando das unidades caninas na guerra e de como os cachorros eram todos perfeitos. Em vez de mudar o foco deste livro para cães da Segunda Guerra Mundial, decidi me concentrar nos recrutas caninos de um batalhão que achei especialmente incrível: os cães paraquedistas do Dia D.

Em 1941, a Grã-Bretanha pediu às famílias que emprestassem seus cachorros ao esforço de guerra. Para a maioria dos donos, claro, a resposta seria negativa, mas lembre-se: as famílias britânicas estavam passando por dificuldades. Cidades eram bombardeadas e evacuadas. A comida era escassa e racionada. Uma boca a menos a alimentar e alguém para tomar conta dos cães até o fim da guerra parecia ótimo. Os cachorros emprestados ao esforço de guerra eram levados à Escola de Treinamento de Cães de Guerra — eu sei que isso é tudo sério, guerra e tal, mas se você imaginou cachorrinhos treinando de uniforme, SAIBA QUE EU TAMBÉM.

Como muita gente queria um lugar seguro para deixar os animais enquanto aguentavam a guerra, a escola acabou virando uma espécie de abrigo (7 mil cachorros foram enviados para lá em apenas duas semanas), mas muitos cães de combate de fato saíram de lá. Assim como qualquer academia militar e/ ou escola de X-Men, os cachorros mais adequados ao serviço eram selecionados e treinados especialmente para a missão. Eles aprendiam a ignorar barulhos altos, a passar horas sentados em aeronaves de transporte, a identificar o cheiro de explosivos e a detectar minas terrestres.

Treinadores até simulavam situações de batalha com os cachorros, ensinando-os o que fazer se o cuidador fosse capturado, como encontrar soldados inimigos e como se comportar durante tiroteios.

O treinamento para a Corporação Canina durava dois meses, mas, para alguns cachorros, isso era só o começo. A próxima etapa era aprender a saltar de paraquedas.

Eu sei, se cachorrinhos treinando para o exército de farda e chapeuzinho já era fofo, pensar em cachorros de paraquedas é fofura DEMAIS, mas, por favor, vamos manter a seriedade.

Os cachorros escolhidos para serem paraquedistas tinham mais ou menos o tamanho e o peso de uma bicicleta, já que paraquedas já estavam sendo usados para transportar bicicletas a agentes britânicos nos territórios ocupados. Os soldados relataram que os cachorros não mostravam medo em saltar do avião — e que eram atraídos ao chão com bifes. Os cachorros eram convencidos a pular do avião do mesmo jeito que a minha é convencida a ficar no mesmo cômodo que o aspirador: muita comida. No entanto, os cachorros aparentemente adoravam saltar de avião e alguns se jogavam sem precisar de incentivo. Mais uma diferença que eu tenho em relação aos cachorros.

Os cães paraquedistas estavam treinando para a invasão do Dia D na praia da Normandia. Quando o 13º Batalhão Paraquedista do Exército britânico partiu para a França, os três aviões carregavam vinte homens e um cão paraquedista cada um — Big, Monty e Ranee estavam tão prontos para o combate quanto os soldados. Eles tinham treinado para isso.

Em terra, nem tudo deu certo para os cães. Monty foi ferido e Ranee acabou separada da tropa e nunca mais foi vista. Mas Bing, apesar do pouso difícil que o deixou preso em uma árvore, seguiu

junto do seu batalhão. Dois outros Pastores-Alemães foram logo enviados para ajudá-lo. Os três cachorros guiaram os paraquedistas através da Europa, farejando armadilhas e minas terrestres. Bing congelava e apontava com o nariz quando sentia a presença alemã, como se indicasse a um caçador que sentia cheiro de caça. Eles também eram usados para proteger e patrulhar o acampamento.

Depois da guerra, Bing voltou à vida civil, foi rebatizado de Brian e viveu até o fim da vida como um cão de família. Ele foi condecorado com uma medalha Dickin em 1947 — um prêmio de coragem animal equivalente à Cruz Vitória. Ele viveu até os treze anos.

Bing e os cães paraquedistas não eram nem de longe os únicos cães soldados da Segunda Guerra Mundial e eu não posso deixar de mencionar alguns outros combatentes caninos que amavam biscoito e odiavam Hitler:

🐾 O cachorro mais condecorado da Segunda Guerra Mundial foi uma cruza de Collie, Pastor-Alemão e Husky Siberiano chamado Chips. Ele esteve em ação na Alemanha, na França, no Norte da África e na Sicília. Entre seus feitos heroicos estão a incursão em um ninho de metralhadoras italianas e o auxílio no sequestro de dez soldados italianos inimigos. Chips recebeu uma Cruz de Serviço Distinto, um Coração Púrpura e uma Estrela de Prata por seus atos; infelizmente, as condecorações foram revogadas, pois as leis militares da época não permitiam tal reconhecimento para animais. Buuuuuuu.

🐾 Rip foi um vira-lata resgatado pela ARP, a organização de prevenção a ataques aéreos, no leste de Londres durante a Segunda Guerra Mundial. Durante a blitz, ele ajudou a localizar pessoas e animais enterrados em destroços depois de um ataque aéreo. Outro

cachorro, Jet, ajudou a recuperar 150 pessoas dos destroços após ataques aéreos alemães. Quando encontrou uma mulher enterrada em um hotel bombardeado em Londres, Jet se recusou a sair do lado dela pelas doze horas seguintes, até o resgate chegar.

🐾 Judy, uma Pointer Inglesa com pedigree, serviu como mascote à Marinha Real e foi capturada com o resto da tripulação quando o navio foi atacado por um torpedo japonês. Judy foi levada a um acampamento de prisioneiros de guerra, onde foi adotada por Frank Williams, um membro das forças aéreas. Durante o cativeiro, Williams a manteve viva dividindo com ela suas porções de comida. Em troca, Judy latia e rosnava para distrair os guardas quando batiam em prisioneiros e frequentemente saía do acampamento para trazer mais comida.

🐾 Tanto os Aliados quanto os alemães usaram cães como mensageiros nos campos de batalha. O recorde de velocidade foi de um Pastor-Alemão chamado Caesar, que entregou uma mensagem a dezessete quilômetros de distância em 32 minutos.

🐾 Equipes de trenó canadenses e norte-americanas foram usadas para localizar e resgatar muitos pilotos derrubados na Província de Terra Nova, Canadá, assim como na Groenlândia, na Islândia e no Alasca. Durante a Batalha das Ardenas, como era difícil transportar os feridos, centenas de cães puxadores de trenó foram levados para a região com a intenção de servir como ambulâncias caninas.

Há centenas de histórias de cães envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Alguns desses programas que empregavam cães eram muito racistas e desagradáveis (não por causa dos cães, óbvio, mas

por causa dos humanos racistas e desagradáveis). Outros eram heroicos, maravilhosos e usavam cachorros de formas incríveis. Outros eram, digamos, moralmente ambíguos no que diz respeito ao tratamento dos animais. Outros nem eram ambíguos, só abertamente horríveis — mas era uma guerra.

Em suma, não há uma história única dos cães na Segunda Guerra Mundial.

Cãoplemento

Ironicamente, a raça preferida dos Aliados para lutar contra os alemães era o Pastor-Alemão. Essa raça surgiu na Alemanha no século XIX por meio do cruzamento seletivo de cães de pastoreio (o primeiro Pastor-Alemão tinha o nome muito alemão de Horand von Grafrath). Depois da Primeira Guerra Mundial, porém, devido ao crescente sentimento antialemão, esses cachorros passaram a ser chamados de Alsacianos no Reino Unido. Pastores-Alemães chegaram aos Estados Unidos com os soldados que voltaram da Primeira Guerra, mas a raça só ganhou popularidade quando o astro cinematográfico canino Rin Tin Tin explodiu na telona (ver o capítulo "O Au-scar vai para…").

O cachorro mais comumente usado no Teatro de Operações do Pacífico era o Dobermann, outra raça alemã. Seu nome veio de um coletor de impostos, Louis Dobermann. Depois de ter sido recebido hostilmente em boa parte de suas tentativas de cobrar as taxas devidas, ele quis

criar um cachorro imponente para intimidar as pessoas a entregar o dinheiro sem tumulto. Eles originalmente eram chamados de “cães de coletor de impostos” e são conhecidos por serem fiéis e destemidos. Durante a Segunda Guerra, os dobermanns da Marinha norte-americana no Pacífico eram chamados de “cães do diabo”, apesar de seu heroísmo ser muito mais dócil do que sugere o nome (como é sempre o caso dos Dobermanns, nada é tão assustador quanto parece). Eles entregavam mensagens, munição e suprimentos médicos. Vinte e cinco desses cachorros morreram na Primeira Batalha de Guam. Dobermanns têm uma reputação injusta de serem ferozes, devido ao porte compacto e imponente e a seu uso frequente em ações militares e policiais, mas, como em qualquer cachorro, ferocidade não é um traço inato.

CACHORROS! NO! ESPAAAAAÇO!

Como os cães levaram a humanidade ao espaço

TERRIER · RÚSSIA · 1954-1957

Para quem ama cachorros nos dias de hoje, o que provavelmente inclui você, a prática de mandar cães ao espaço sozinhos sabendo que provavelmente não sobreviverão é muito angustiante. E não estou tentando desculpar o uso de cachorros como seres descartáveis no processo humano de romper a fronteira final. Mesmo assim, a história de cachorros no espaço é fascinante e parte importante da história humana e canina.

No início da engenharia aeroespacial, ninguém sabia que efeitos a gravidade zero e a entrada na atmosfera ou em órbita teriam sobre os mamíferos. Animais — especialmente cachorros, macacos e chimpanzés — eram usados para testar a segurança e a praticidade de lançar um ser vivo no espaço e trazê-lo de volta ileso. É… tá, tá, tá, não é muito legal, porque, de início, um voo espacial consistia basicamente em lançar latas em órbita e cruzar os dedos, e também porque, como já discutimos, minha Nossa Senhora, vamos parar com isso de fazer experimentos com animais. Por outro lado, sem os testes com animais, os seres humanos é que teriam de abrir mão da própria vida na busca pela navegação estelar. Mas como se pode comparar a vida humana com a vida animal?

É complicado, cara.

Macacos foram os primeiros mamíferos a entrar em órbita, mas a União Soviética mudou para cachorros, pois eram mais fáceis de treinar. Também eram muito mais disponíveis — as ruas de Moscou não estavam cheias de orangotangos abandonados, mas havia cães em toda parte. Os sistemas fisiológicos de cachorros também não

são muito diferentes dos de seres humanos, então o efeito da viagem espacial neles indicaria bem a reação do corpo humano à gravidade zero.

A primeira criatura viva a entrar em órbita na Terra foi Laika, uma vira-lata Terrier resgatada em Moscou. Cientistas soviéticos supunham que uma vira-lata abandonada já teria aprendido a aguentar condições severas de fome e frio, então estaria perfeitamente preparada para sobreviver no espaço sideral. Tá, tudo bem, mas a Rússia e o espaço são MUITO DIFERENTES. Repórteres norte-americanos apelidaram o cachorro de Muttnik, misturando "mutt", a palavra para "vira-lata", com o nome da nave na qual ela voaria, *Sputnik 2*. Laika e dois outros cachorros foram treinados para viajar ao espaço, ficando presos em gaiolas pequenas para se acostumarem a lugares limitados e aprendendo a comer um gel nutritivo que os alimentaria quando deixassem a Terra.

Em 1958, Laika foi escolhida entre os três como o primeiro cachorro a decolar. Infelizmente, a viagem não fora pensada para ter volta. Ela só ficou em órbita por algumas horas antes de a nave superaquecer — *Sputnik 2* queimou na atmosfera. Em um livro de memórias escrito décadas depois, quando informações antes secretas foram reveladas, um cientista que trabalhou na *Sputnik 2* escreveu que, antes da decolagem, ele levou Laika para brincar com seus filhos em casa, pois queria que ela aproveitasse um dia bom antes de morrer.

Ai, meu coração! De novo, vamos parar de usar animais em experimentos!

NÃO PODEMOS NEGAR O PAPEL VALIOSO DOS ANIMAIS NO AVANÇO DA CIÊNCIA, MAS O LEGADO

DOS EXPERIMENTOS CIENTÍFICOS EM ANIMAIS É COMPLEXO E CONFUSO

No entanto, a missão foi um sucesso. Laika provou que mamíferos podiam sobreviver no espaço! Agora era preciso descobrir como trazê-los de volta vivos…

A União Soviética mandou ao espaço mais dois cachorros, Belka e Strelka, no dia 19 de agosto de 1960, a bordo da *Sputnik 5*. Boa notícia: eles sobreviveram e foram os primeiros mamíferos devidamente recuperados do voo espacial. A União Soviética usou os cachorros para estudar o efeito da gravidade zero sobre o cérebro e o comportamento, o sistema cardiovascular e os fluidos corporais, o equilíbrio eletrolítico e o metabolismo, o desenvolvimento de tecidos e até sobre o acasalamento (também conhecido como estilo cachorrinho na gravidade zero). Em 1966, dois outros cachorros, Veterok e Ugolyok, orbitaram pelo recorde de 22 dias. Humanos só bateram esse recorde em 1974.

Durante as décadas de 1950 e 1960, quase trinta cachorros foram mandados ao espaço. Muitos deles não sobreviveram à viagem. Mas eles são vítimas ou heróis? Sacrifícios necessários para a missão humana de conquistar a galáxia ou participantes involuntários da perigosa ambição humana? Sem cães no espaço, o progresso na exploração interestelar poderia custar muito mais vidas humanas e demorar bem mais. Não podemos negar o papel valioso dos animais no avanço da ciência, mas o legado de experimentos científicos em animais é complexo e confuso. Com as regulamentações modernas, testes em animais passam por um escrutínio muito maior. Enquanto a Rússia continua a usar macacos em experiências espaciais, a Nasa reduziu a quantidade de testes

em animais, e astronautas humanos agora conduzem a maior parte dos experimentos.

Mesmo assim, cachorros viajaram ao espaço. Laikrou.

MARTHA, MY DEAR!

O primeiro cachorro beatlemaníaco

PASTOR INGLÊS · INGLATERRA · DÉCADA DE 1960

Quem é seu Beatle preferido? John, o intelectual? Paul, o romântico? George, o tímido e misterioso? Ou talvez Ringo, o bobão?

Pessoalmente, meu Beatle preferido é o mais adorável. Aquele de cabelo desgrenhado e personalidade fofa que amava todo mundo. Talvez não estivesse presente em todos os momentos mais marcantes da banda, mas sempre estava galopando por aí, com a língua pendurada, babando sem parar. A líder, quem sabe, da Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band.

Tá, meu Beatle preferido é uma cachorra. Mais especificamente, Martha, a Pastora Inglesa de Paul McCartney.

Martha transformou o quarteto fantástico em quinteto em 1966, no auge da beatlemania. Paul tinha acabado de se mudar para uma casa nova em Londres com a namorada Jane Asher e decidiu que precisava de companhia canina para completar a família. Logo uma filhotinha de Pastor Inglês com orelha de abano se juntou a eles. Paul queria chamá-la de Knickers, a palavra inglesa para calcinha, mas a criadora ficou tão horrorizada com a ideia que Paul acabou escolhendo um nome muito mais tradicional e bem menos atrevido: Martha.

Os Beatles começaram na década de 1950 em Liverpool, quando os adolescentes John Lennon e Paul McCartney formaram uma parceria musical que mudaria o curso da história da música. Depois de testar alguns baixistas e bateristas, acrescentaram George Harrison, depois Ringo Starr, e fundaram os Beatles. Depois de uma

residência em Hamburgo, voltaram à cidade natal, Liverpool, onde conheceram o empresário Brian Epstein, com quem começaram a trabalhar em 1962. Ele deu um trato na banda, impôs regras como parar de comer, xingar e fumar no palco, e os ajudou a desenvolver uma imagem distinta e vendável antes de apresentá-los para as gravadoras. Apesar das rejeições — o argumento era que as bandas de guitarra já tinham saído de moda —, Epstein acabou fechando um contrato para eles com a gravadora britânica Parlophone Records. No dia 6 de junho de 1962, eles gravaram no estúdio Abbey Road e pouco depois já tinham seu primeiro hit no topo das paradas, “Please Please Me”. Daí em diante, sua ascensão foi veloz e astronômica.

Por que exatamente os Beatles fizeram tanto sucesso?

Parte do motivo foi a inovação. Parte foi o *timing*.

Vamos começar com o *timing*. Os Beatles estrearam na cena musical na Liverpool dos anos 1960 e chegaram aos Estados Unidos em 1964, estreando no programa de televisão *The Ed Sullivan Show*. No início da década de 1960, a primeira onda de filhos do pós-Segunda Guerra estava chegando à adolescência. Como é habitual da juventude, eles queriam se rebelar contra os valores tradicionais dos pais — uma rebelião personificada pelos quatro liverpudianos de franjinha.

Não só o *baby boom* do pós-guerra deu aos Beatles um público jovem muito, muito maior do que as sensações musicais anteriores tiveram, como a irreverência deles personificava tudo o que a geração queria ser. Comentários como o de John Lennon, ao declarar que os Beatles eram maiores que Jesus, transformaram essa ousada subcultura em cultura. Os Beatles também brincavam

com papéis de gênero — eles faziam versões de músicas de grupos de mulheres sem mudar pronomes, cantavam em falsete e usavam um estilo de chamado e resposta que não era típico de cantores homens —, espelhando a revolução de gênero dos anos 1960. Que agora sabemos que não deu muito certo, já que ainda tem gente que se recusa completamente a respeitar pessoas não binárias, mas os jovens podem sonhar.

Agora, a parte da inovação. Os Beatles apresentaram e popularizaram muitos dos conceitos que definem a música moderna, como álbuns completos em vez de compactos — antes dos Beatles, a música era principalmente gravada em discos de 45 rpm, contendo um ou dois *singles* de divulgação e alguma outra canção para encher linguiça. Eles também popularizaram o conceito de turnês de shows grandes em estádios. O primeiro show da turnê norte-americana de 1965 esgotou os 55 600 ingressos em dezessete minutos. Foi o primeiro show realizado em um estádio grande ao ar livre e bateu recordes de público e lucro. Eles não foram os primeiros, mas, graças à época, foram os primeiros a fazê-lo em escala global. Também foram uma das primeiras bandas populares a escrever a própria música e a funcionar em *grupo*, em vez de ser liderada por um indivíduo. Eles também popularizaram os videoclipes, dos cavaletes e guarda-chuvas de “Help!” ao zoom estressante ao som de piano de “Strawberry Fields Forever”.

Apesar de Martha nunca ter aparecido no palco ou nas telas com os Beatles, ela esteve presente nos bastidores e foi parte da galera — felizmente, como Pastora Inglesa, tinha o corte de cabelo adequado por natureza. Ela revelava um outro lado dos Beatles, especialmente de Paul. Mais tarde, ele falou a seu respeito: “Ela foi

um bicho de estimação muito querido. Lembro que John ficou surpreso ao me ver ser tão amoroso com um animal. Ele disse ‘Nunca te vi assim antes’. Desde então, penso que, sabe, ele não teria visto mesmo. Só entramos nesse modo quando abraçamos um cachorro, e ela era um cachorro muito gostoso de abraçar”.

Alguns anos depois de adotar Martha, Paul e Jane Asher se separaram. Pouco depois, os Beatles lançaram o *White Album*, que incluía a música “Martha My Dear”. A maior parte do público achou que Paul estivesse lamentando o fim do relacionamento com o grande amor de sua vida. Mais tarde, porém, ele revelou o significado da música: era literalmente sobre como sua cachorra era incrível.

Martha viveu longos quinze anos e ainda é adorada por muitos fãs dos Beatles da mesma forma que os quatro músicos. Um dos filhotes de Martha, Arrow, apareceu na capa de um álbum ao vivo de Paul McCartney em 1993.

IGUALDADE RACIAL É PEDIR MUITO?

Nelson Mandela e seu cachorro, Gompo

LEÃO DA RODÉSIA · ÁFRICA DO SUL · 1918-2013

Parece razoável esperar que uma das melhores figuras da história, Nelson Mandela, gostasse de cachorros. Nascido em 1918 na África do Sul, Mandela passou a vida profissional envolvido na política anticolonial e nacionalista africana. Depois que o governo exclusivamente branco do Partido Nacional da África do Sul estabeleceu o apartheid, ele se tornou um dos líderes do movimento dedicado a derrubá-lo.

Apartheid, palavra africânder para “segregação” e “separação”, foi um sistema de segregação racial institucionalizada que existiu na África do Sul de 1948 até o início da década de 1990. O apartheid foi caracterizado por uma cultura política autoritária baseada na *baasskap* (a supremacia branca), que encorajava a repressão estatal de sul-africanos negros, e racializados em geral, em benefício da minoria branca da nação.

A segregação já estava bem instituída na África do Sul quando o Partido Nacional, integralmente branco, foi alçado ao poder — eles só a oficializaram por lei. No papel, parecia um chamado ao desenvolvimento igualitário e à liberdade de expressão cultural, mas, na prática... não foi bem assim. O apartheid forçava raças diferentes a viverem separadas e numa desigualdade extrema. As pessoas precisavam registrar sua raça: o Ato de Registro Populacional de 1950 classificava todos os sul-africanos como Bantu (africanos negros), *Coloured* (birraciais ou multirraciais) ou brancos. O casamento inter-racial e qualquer integração social inter-racial foram banidos. Os sul-africanos negros foram forçados a se

tornarem cidadãos de uma organização tribal recém-restabelecida, em vez de serem cidadãos sul-africanos, o que os impedia de trabalhar na política nacional. Por trás dessas leis estava uma máquina governamental impiedosa que punia violentamente quem resistia.

Era uma MERDA. O apartheid foi uma MERDA. Continua a ser uma merda — a África do Sul está longe de ser um refúgio para a igualdade racial hoje em dia. Pessoas como Nelson Mandela ajudaram a ser uma merda um pouco menor.

Mandela serviu como presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), dedicado a derrubar o apartheid. Embora os métodos inicialmente não fossem violentos, ele acabou fundando um braço armado do CNA, o Umkhonto we Sizwe, que trabalhava para sabotar o governo. Por causa disso, ele foi detido e preso em 1962, condenado à prisão perpétua por conspirar para um golpe de Estado.

Antes disso tudo, no entanto, Mandela vivia com a família em Joanesburgo — e sua família incluía um Leão da Rodésia chamado Gompo. O Leão da Rodésia tem uma faixa distinta de pelo nas costas, que cresce no sentido oposto ao do resto da pelagem. A raça é descendente da união do extinto Dogue Cubano e do cão de caça do povo sul-africano khoikhoi. Colonizadores europeus usavam os cachorros para perseguir leões e exauri-los, tornando-os mais fáceis de caçar.

A parte mais legal de Mandela ser dono desse cachorro cubano é que a assistência militar cubana foi um fator crucial para virar o jogo do apartheid.

Muitos fatores levaram à queda do apartheid, mas um dos mais importantes foi a derrota do Exército sul-africano em Angola por Cuba. Em outubro de 1975, a África do Sul invadiu Angola com a intenção de derrubar o movimento de esquerda. Teriam conseguido se não fossem os 36 mil soldados cubanos intrometidos que apareceram de repente para defender Angola. Fidel Castro mandou os soldados sem consultar outros líderes mundiais, mas foi uma estratégia eficiente para manter os sul-africanos contidos às próprias fronteiras. A vitória cubana em Angola contra o governo sul-africano energizou a luta da África negra contra o apartheid. Nas palavras de Nelson Mandela, a vitória cubana "destruiu o mito da invencibilidade do opressor branco […] [e] inspirou as massas combatentes da África do Sul […] [a derrota] foi o ponto de virada da liberação do nosso continente — e do meu povo — da praga do apartheid".

PARECE RAZOÁVEL ESPERAR QUE UMA DAS MELHORES FIGURAS DA HISTÓRIA, NELSON MANDELA, GOSTASSE DE CACHORROS

Depois de 27 anos, Nelson Mandela foi solto. E acabou se tornando presidente da África do Sul. Foi o primeiro líder de Estado negro do país, o primeiro eleito em uma eleição democrática inteiramente representativa. Seu governo se concentrou em destruir o legado do apartheid ao combater o racismo institucionalizado e encorajar a reconciliação racial.

A segregação ainda está longe de acabar na África do Sul. Está longe de acabar no mundo todo.

Ainda há uma longa caminhada até a liberdade. Melhor segurar a coleira e levar junto um amigo de quatro patas.

OS RESGATES CANINOS DO ONZE DE SETEMBRO:

Um melhor do que o outro

ESTADOS UNIDOS · 2001

No dia 11 de setembro de 2001, o grupo terrorista al-Qaeda realizou um ataque em série contra os Estados Unidos. Os três alvos dos voos comerciais sequestrados eram o World Trade Center, em Nova York, o Pentágono, em Washington, DC, e a Casa Branca, mas este último foi impedido por passageiros do voo sequestrado. Os ataques mataram 2996 pessoas (além de outros milhares que morreram depois devido a doenças ligadas à proximidade aos ataques), feriram mais de 6 mil e causaram pelo menos 10 bilhões de dólares em danos.

Nas horas seguintes aos ataques às torres do World Trade Center, quase 10 mil voluntários chegaram a Nova York para ajudar no resgate e, depois, na limpeza. Cerca de trezentos desses voluntários eram cachorros treinados em busca e resgate, terapia, recuperação de cadáveres, trabalho policial e detecção de bombas.

O primeiro cachorro de resgate a chegar à cena do crime foi um Pastor-Alemão chamado Apollo, que trabalhava na unidade canina do departamento de polícia de Nova York. Ele e seu cuidador chegaram quinze minutos depois do ataque. Apollo foi parte do grupo inicial de cachorros no Marco Zero treinados para detectar o cheiro de seres humanos vivos nos destroços. Ele passou semanas trabalhando dezoito horas por dia na busca por sobreviventes.

O lugar da explosão ainda estava em chamas e o terreno era instável e desconhecido, então cachorros como Apollo percorreram destroços perigosos e imprevisíveis com seus cuidadores para resgatar sobreviventes. Veterinários estavam de plantão na área para ajudar a cuidar dos cães. A maioria dos cachorros trabalhava em turnos de doze horas e precisava limpar as patas, os olhos e o nariz com frequência.

Trabalhadores vieram do país inteiro para ajudar, assim como seus cachorros. Thunder, um Golden Retriever treinado para encontrar sobreviventes de avalanches, acompanhou seu cuidador de Washington. Ele foi um dos muitos cães no Marco Zero que nunca haviam sido treinados para um desastre daquela magnitude. Os cachorros de busca e resgate na natureza, em especial, não estavam acostumados a trabalhar em condições tão barulhentas, sujas e difíceis, mas muitos deram conta do recado.

Assim como humanos, cachorros de busca e resgate podem se frustrar quando não acham nada, e os cuidadores sentiam a decepção dos animais quando encontravam poucos sobreviventes no Marco Zero. Cientes da importância de manter o ânimo, os cuidadores se escondiam e deixavam os cachorros encontrá-los para que se sentissem eficientes.

Uma das imagens mais famosas do Onze de Setembro é uma foto de Riley, um Golden Retriever, atravessando um cânion de dezoito metros em uma cestinha para explorar os destroços da Torre Norte. Riley foi treinado para encontrar sobreviventes em desastres e seu cuidador descreveu da seguinte forma o tempo que passaram juntos no Marco Zero: “Riley sabia que as pessoas que encontrava estavam mortas. Ele nunca foi formalmente treinado para encontrar cadáveres. O trabalho era achar sobreviventes. Tentei meu melhor para mostrar a Riley que ele estava trabalhando bem. Ele não tinha como saber disso quando bombeiros e policiais foram abraçá-lo, e por um segundo dava para vê-los sorrir — porque Riley estava conseguindo fazer um trabalho [inteiramente] diferente. Ele estava oferecendo consolo”.

Havia dois cachorros *dentro* do World Trade Center quando os aviões atingiram as torres: os cães-guia Salty e Roselle. Ambos guiaram seus donos para fora do prédio em chamas antes que ele desmoronasse. Salty guiou seu cuidador desde o 71º andar e Roselle, desde o 78º, e as duas descidas levaram por volta de uma hora. Michael Higson, o

cuidador de Roselle, se pronunciou sobre a jornada de 1463 degraus: “Enquanto todo mundo corria em pânico, Roselle ficou totalmente concentrada no trabalho. Enquanto destroços caíam ao nosso redor e até nos atingiam, ela ficou calma”. Higson também lembrou que, quando saíram do edifício, um bombeiro que estava chegando parou para abraçar Roselle.

Vinte e sete horas depois do desabamento das Torres Gêmeas, o último sobrevivente foi encontrado por Trakr, um Pastor-Alemão que viajou de carro por quinze horas do Canadá com o cuidador para ajudar no resgate. Quando se tornou óbvio que a probabilidade de encontrar sobreviventes era baixa, cachorros treinados para encontrar cadáveres e partes humanas foram postos no lugar dos cães de busca e resgate. Mais tarde, os cachorros também foram usados para encontrar objetos pessoais, como joias, carteiras, crachás e peças de roupa que poderiam ser devolvidos às famílias das vítimas.

Outros 27 cachorros deram duro no Pentágono para encontrar sobreviventes. Os trabalhadores escavavam destroços e os dispunham em uma área separada. Os cachorros davam uma volta no entulho e avisavam os cuidadores de qualquer cheiro. Trabalhadores em seguida investigavam o entulho com ancinhos para encontrar a fonte do cheiro. Um desses cachorros foi Sage, uma cadela de busca e resgate de apenas dezoito meses, a serviço da Agência Federal de Gestão de Emergências. O Pentágono foi sua primeira missão oficial e ela conseguiu encontrar o corpo do terrorista que tinha sequestrado o voo 77 da American Airlines. O processo se repetiu por doze dias até todos os destroços serem verificados.

Hoje, todos os cachorros que trabalharam no Marco Zero já cruzaram a ponte do arco-íris. O último cachorro de busca e resgate sobrevivente — uma Golden Retriever chamada Bretagne — morreu no dia 6 de junho de 2016, pouco antes de completar dezessete anos. Ela trabalhou

não só no Marco Zero como também em missões de resgate depois dos furacões Katrina, Ivan e Rita. Aposentada, ela serviu como embaixadora do corpo de bombeiros local e como cão de leitura em escolas da região. Denise Corliss, cuidadora de Bretagne e bombeira voluntária do corpo de bombeiros de Cy-Fair, lembra uma interação específica durante o Onze de Setembro: “Um homem… começou a fazer carinho em Bretagne e disse que nem gostava de cachorros. Ele se ajoelhou ao lado dela e falou que seu melhor amigo estava desaparecido. O amigo amava muito cachorros e ficaria triste se ele não fizesse carinho nesse cachorro”.

Quando Bretagne foi levada ao hospital veterinário para a eutanásia, bombeiros fizeram uma fila na calçada e bateram continência. Ela saiu embrulhada em uma bandeira dos Estados Unidos.

Cachorros têm participado de assistências a desastres e esforços de busca e salvamento há centenas de anos, em calamidades de maior ou menor magnitude. O serviço que prestaram depois dos ataques do Onze de Setembro certamente não é o único exemplo de heroísmo, mas talvez seja um dos resgates de maior escala do qual já participaram.

O Onze de Setembro também abriu novas possibilidades para os cães terapêuticos. Cachorros no Marco Zero e em Centros de Assistência Familiar ofereceram um tipo de alívio crucial para parentes das vítimas e socorristas. Muitas pessoas não conseguiam falar com socorristas, mas se comunicavam com os cachorros. Os terapeutas de quatro patas foram apelidados de “cães de consolo” quando um bombeiro ligou para a equipe de assistência médica veterinária e perguntou: “Cadê aqueles cães de consolo? Só eles me fazem aguentar”. Equipes de cães terapêuticos agora oferecem apoio depois de todo tipo de emergência, de desastres naturais a ataques a tiros.

Veredito: bons e puros demais para nosso mundo.

Cãoplemento

Só um cachorro — Sirius — morreu nos ataques do Onze de Setembro. Ele estava em sua casinha no World Trade Center quando a torre foi atingida e não pôde escapar. Sirius trabalhava com seu cuidador, o sargento de polícia de Port Authority David Lim, todo dia na torre como farejador de bombas. O sargento Lim foi ferido nos ataques, mas sobreviveu. Meses depois, o corpo de Sirius foi recuperado e o sargento Lim fez uma cerimônia funerária em sua homenagem.

Antes da morte de Trakr, o Pastor-Alemão que encontrou o último sobrevivente nos escombros, seu DNA ganhou um concurso de clonagem. Em junho de 2009, nasceram cinco clones de Trakr.

VIRGEM MARIA!

Como Snuppy se tornou o primeiro cão clonado do mundo

GALGO AFEGÃO · COREIA DO SUL · 1996

Em 2005, a revista *Time* declarou que a Invenção do Ano era… um cachorrinho.

Antes que todo mundo saia pedindo à *Time* para estampar seu cachorro na capa da revista, vou explicar: esse cachorrinho em particular, um Galgo Inglês de nome Snuppy, foi o primeiro caso de clonagem canina bem-sucedido.

Quando Snuppy foi concebido — literal e metaforicamente —, muitos animais já tinham sido clonados. Depois da clonagem da ovelha Dolly em 1996, gatos, vacas, cavalos, camundongos, mulas, porcos, coelhos e ratos também foram clonados. Só que a clonagem canina não era possível. Por quê?

Vixe, preciso partir pra ciência. Um segundo, vou me concentrar.

Vamos começar explicando o tipo mais comum de clonagem reprodutiva, chamado transferência nuclear de células somáticas. Primeiro se extrai um óvulo da fêmea da espécie e então se remove o núcleo desse óvulo, que contém DNA. O mesmo é feito com uma célula do macho e, em seguida, se injeta o núcleo da célula masculina no óvulo feminino. Usa-se eletricidade para fundir os dois óvulos, provavelmente manipulada por um homem chamado Igor que puxa uma alavanca gigantesca de forma dramática. A eletricidade imita a união de esperma e óvulo e estimula a divisão celular, formando um embrião. Se essa ciência supercomplicada der certo, o embrião é implantado no útero da fêmea.

E por que é tão difícil fazer isso com cachorros?

Cadelas não têm ciclos de ovulação regulares e, apesar de hormônios serem usados para forçar a ovulação em seres humanos, caninos não respondem ao tratamento hormonal, portanto cientistas não são capazes de prever ou estimular o ciclo. Quando a cadela finalmente entra no cio, os óvulos só ficam maduros por poucas horas, o que me leva a imaginar uma equipe de cientistas de olho nela 24 horas por dia até um deles pressionar um alarme e gritar "VAI VAI VAI!" quando acontecer. Se um óvulo for devidamente extraído, uma camada de gordura ainda dificulta a remoção do núcleo.

Ou seja, em resumo, tudo é difícil na clonagem de um cachorro.

O primeiro cachorro clonado nasceu em 24 de abril de 2005, depois de anos de trabalho de uma equipe de pesquisadores na Coreia do Sul. Sob a direção do cientista Woo Suk Hwang, que infelizmente não era Jango Fett, o objetivo do projeto era não só aperfeiçoar o processo de clonagem como também estudar os efeitos que a clonagem tem na saúde de animais, em parte para que a pesquisa pudesse ser um dia aplicada a humanos. Alguns cientistas temiam que organismos clonados fossem mais suscetíveis a doenças ou que a clonagem acelerasse o processo de envelhecimento. A ovelha Dolly morreu com apenas seis anos — metade da expectativa de vida de uma ovelha — e ninguém sabia ao certo se isso estava relacionado à clonagem.

Snuppy — uma mistura das iniciais da Seoul National University (SNU), universidade que completou a experiência, e "puppy", a palavra em inglês para filhote de cachorro — foi um milagre estatístico antes mesmo de ser concebido. A partir de uma única célula da orelha de um Galgo Afegão, 123 barrigas de aluguel foram usadas para gerar 1095 embriões implantados. Só três das cadelas

engravidaram dos embriões. Dessas três, uma sofreu aborto espontâneo; outro filhote nasceu com sucesso, mas morreu de pneumonia três semanas depois. Snuppy foi o único a nascer de sua mãe, um Labrador amarelo, e também chegar à vida adulta.

Se fizermos as contas, a taxa de sucesso do projeto foi de menos de dois décimos de 1%. Nas palavras de Han Solo, “Nunca me diga as probabilidades”.

Snuppy viveu como cachorro de laboratório, monitorado de perto e cuidado pela equipe da SNU até morrer de câncer aos dez anos. Depois de sua morte, em uma reviravolta digna de novela, o clone foi clonado. Cientistas queriam confirmar que o câncer terminal de Snuppy não era resultado da clonagem, então implantaram células em mais três mães, levando ao nascimento de quatro filhotinhos clonados em 2017, um dos quais morreu poucos dias depois. Os três clones de Snuppy sobreviventes foram adotados por famílias e viverão como animais de estimação: a ideia é averiguar se o ambiente em que um clone é criado afeta sua saúde e expectativa de vida.

Ainda é cedo para dizer o que aprenderemos com esses clones clonados, mas os filhotinhos de Snuppy certamente estarão entre os cachorros mais importantes da ciência. Com pouco mais de um ano, em 2019, eles estavam muito saudáveis e fofinhos.

Cãoplemento

A origem do Galgo Afegão é alguns milhares de anos anterior à história escrita. É uma das raças com pedigree mais antigas da história — há até uma lenda

de que o Galgo Afegão foi o representante canino que Noé escolheu para levar na arca. O Galgo Afegão surgiu na área que hoje compõe o Afeganistão, a Índia e o Paquistão, servindo como companheiro de caça e símbolo de status para a realeza. A raça chegou ao Ocidente no século XIX, junto com os colonizadores europeus que retornavam para casa, e logo virou uma das preferidas da elite britânica. Demorou um pouco mais para pegar nos Estados Unidos, mesmo que um dos primeiros donos norte-americanos de Galgo Afegão tenha sido Zeppo Marx. A popularidade da raça nos Estados Unidos finalmente cresceu quando, em 1981, revelaram o novo bichinho de estimação da Barbie: um Galgo Afegão chamado Beauty.

Depois do Projeto Snuppy, o cientista Hwang se envolveu em um escândalo que acabou resultando em sua demissão do projeto e da universidade. Ele passou a usar a tecnologia aperfeiçoada na SNU para clonar cachorros mortos para seus donos. Seu próximo projeto é clonar um mamute-lanoso. Uma empresa norte-americana está tentando fazer o mesmo, motivando a próxima grande corrida científica. Começou a Guerra dos Clones.

QUEM QUER SER UM MONTANHISTA?

De vira-lata abandonado a primeiro cachorro a escalar o monte Everest

VIRA-LATA · ÁFRICA DO SUL E NEPAL · 2003

Quando Joanne Lefson visitou o norte da Índia, não esperava voltar com a lembrancinha mais fofa do mundo: um vira-latinha.

Joanne, uma ex-golfista profissional sul-africana, já era ativista dos direitos animais e viajante apaixonada quando chegou à Índia. Anos antes, ela tinha adotado seu cachorro, Oscar, de um abrigo na África do Sul quando ele estava basicamente no corredor da morte. Eles viajaram juntos por 36 países, numa campanha de sensibilização para cachorros sem-teto no mundo todo.

Quando Oscar morreu em 2013, Joanne se sentiu sem rumo, como todo mundo ao perder um cão. Ela não sabia como superar.

Até que, na viagem à Índia, ela conheceu Rupee.

JOANNE E RUPEE DESCERAM EMBRULHADOS EM BANDEIRAS DE ORAÇÃO, QUE DEDICARAM A TODOS OS CÃES ABANDONADOS DO MUNDO

RUPEE ERA UM VIRA-LATA ABANDONADO VIVENDO EM UM ATERRO SANITÁRIO. DE ACORDO COM JOANNE, ELA O ENCONTROU FAMINTO, DESIDRATADO E TÃO DOENTE QUE MAL FICAVA DE PÉ. MESMO ASSIM, ELE CONSEGUIU SE ARRASTAR ATÉ ELA E CAIR AOS SEUS PÉS. ELE TINHA OITO MESES. JOANNE O LEVOU PARA CASA E O TRATOU COM UMA DIETA RICA EM PROTEÍNAS DE ARROZ E OVO COZIDO. EM POUCO TEMPO, RUPEE, QUE ESTIVERA À BEIRA DA MORTE, SE TORNOU UMA BOLINHA ANIMADA DE PELO DOURADO E ORELHINHAS CAÍDAS QUE EU QUERO MUITO COÇAR.

Joanne tinha planejado uma trilha até o campo base do monte Everest para o fim do ano — que esperava fazer com Oscar. Ir sozinha não parecia certo.

Mas ali estava Rupee, fofo, dourado e macio, determinado a sobreviver a todo custo.

Então ela decidiu levá-lo junto.

Depois de ser liberado para viajar pelo veterinário, Rupee foi com Joanne até Katmandu, onde começaram a trilha, acompanhados de vários carregadores, guias e um cinegrafista. No caminho, enfrentaram atrasos por causa de nevasca, tempestades, deslizamentos de terra e lama e um ataque de iaque, sempre viajando por pontes bambas e trilhas congeladas e traiçoeiras na montanha. Joanne temia que a altitude fizesse mal a Rupee, então contratou um carregador para acompanhá-los e carregar Rupee numa cesta se ele não conseguisse andar. No entanto, como ele nascera no Himalaia, a altitude não o incomodou. Ele também ficou tão maravilhado com a neve, que nunca tinha visto, que nem deu bola para a altura. Joanne relatou que, na maior parte do tempo, Rupee liderava o grupo.

Jopee (um dia penso num nome melhor para a dupla célebre) chegou ao campo-base do Everest no dia 26 de outubro de 2013. Distinção importante: Rupee não chegou ao *topo* do Everest, como várias manchetes sensacionalistas alegaram. Ele chegou ao *campo-base*. Não é pouca coisa para um serzinho tão pequeno! O trajeto até lá levou dez dias e o acampamento fica cinco quilômetros acima do nível do mar. Ele talvez não tenha sido de fato o primeiro cachorro a chegar até ali, pois vários outros alpinistas dizem já ter visto vira-latas se instalarem no campo-base. No entanto, Rupee foi

o primeiro cachorro oficialmente registrado como alpinista naquele trajeto.

Joanne e Rupee desceram embrulhados em bandeiras de oração bordadas, que dedicaram a todos os cães abandonados do mundo.

EM EXTINÇÃO

Raças caninas perdidas para a história

Cachorros estão entre as espécies mais diversas do planeta. É só pensar que o Chihuahua e o Dogue Alemão têm a mesma base genética: loucura, né? Como é o caso de qualquer espécie tão variada, alguns tipos de cachorro vêm e vão. Eis aqui cinco raças que não existem mais, mas deixaram marcas importantes nos nossos cães modernos.

Turnspit

O espeto era parte de quase toda cozinha britânica no século XVI, onde era chamado de *turnspit*. A carne era assada sobre fogueiras e precisava ser girada com frequência para cozinhar igualmente. Como ninguém tinha tempo para isso, normalmente se montava uma roda de madeira na parede perto da lareira, conectada à corrente do espeto. Um cachorro era instalado na roda para correr e fazer o espeto girar.

Em suma: é uma rodinha de hamster gigantesca presa à parede para um cachorro correr nela.

Os Turnspit eram vistos como utensílios de cozinha, máquinas em vez de bichos. Eram pequenos e baixinhos, com as patas da frente tortas e as orelhas caídas — que nem um Corgi feio. Eles eram criados para serem pequenos, mas também fortes e resistentes, já que precisavam trabalhar por muitas horas. O zoólogo Carl Linnaeus os chamou de *Canis vertigus*, “cão tonto” em latim, porque giravam o

tempo todo. Seus rabos costumavam ser cortados para não ficarem presos na roda. Esses cachorros trabalhavam nas cozinhas de grandes propriedades todo dia, exceto domingo — como o resto dos funcionários, tinham o dia de folga e às vezes acompanhavam a família à igreja.

Darwin citou o Turnspit como exemplo de engenharia genética e evolução com propósito. “Veja o Turnspit”, disse. “É um exemplo de como as pessoas podem criar animais para cumprir necessidades específicas.” Até Shakespeare os mencionou em *A comédia dos erros*.

Em 1850, o papel do Turnspit tinha sido completamente invertido. Em vez de indicar riqueza, ter um cachorro para assar a carne em vez de uma máquina novinha para a mesma função era tido como antiquado. Como não eram especialmente bonitos e nunca antes tinham sido vistos como animais de estimação, a raça acabou extinta. Em 1900, não havia mais Turnspits.

Cão-d’Água-de-São-João

O Cão-d’Água-de-São-João, também conhecido como Terra-Nova Menor, foi o ancestral da maioria dos Retrievers e Labradores modernos. A raça foi levada à ilha canadense de Terra Nova por pescadores portugueses no século XVI. A Terra Nova tinha sido colonizada em diversos momentos da história, mas estava praticamente inabitada havia duzentos anos quando os colonos europeus chegaram.

O Cão-d’Água-de-São-João era conhecido por ser um excelente nadador, cujo pelo curto não pesava quando molhado. Os cachorros ficavam tão à vontade na água quanto na terra e se especializaram

em buscar redes, linhas e cordas para os pescadores. Alguns até mergulhavam para caçar peixes que tinham escapado do anzol.

Durante o século XIX e início do XX, eles foram exportados de Terra Nova para a Inglaterra, onde foram cruzados com outros cachorros para criar os Retrievers e os Labradores que se tornariam os cães de caça da aristocracia. Entretanto, em Terra Nova, os cachorros começaram a desaparecer. Para encorajar a criação de ovelhas no século XIX, impostos altos foram aplicados aos cachorros que não fossem usados para esse fim.

Os Cães-d'Água lembravam o Labrador moderno. Eles eram todos pretos, exceto por manchas brancas no peito e nas patas, e tinham uma pelagem densa, oleosa e impermeável e rabos grossos. As orelhas eram mais apontadas para a frente do que as orelhas caídas dos Labradores de hoje.

Quando a raça foi exportada do Canadá para a Inglaterra, ela se dividiu em duas. Os maiores exemplares se tornaram o Terra-Nova atual, enquanto os menores originaram o Labrador, que, por sua vez, deu origem a outras raças, como: Flat Coated Retriever, Curly Coated Retriever, Chesapeake Bay Retriever, Golden Retriever e Labrador Retriever. Com o tempo, o Labrador se tornou a raça mais popular do mundo.

Salish Wool

Os salishes são um grupo indígena da região do noroeste pacífico da América do Norte, conhecidos por suas mantas de lã elaboradas. Antes da chegada dos europeus, as mantas tinham valor de troca alto e importância em cerimônias como casamentos e velórios. Entretanto, os salishes não tinham ovelhas; logo, não dispunham de lã para tecer as mantas.

Isso significa que muitas das mantas eram feitas de pelo de cachorro. De um tipo específico de cachorro.

O Salish Wool era criado para produzir lã com sua pelagem interna grossa e macia. Eles foram descritos pelo explorador europeu capitão George Vancouver como semelhantes aos Lulus-da-Pomerânia, mas um pouco maiores. Os cães peludos eram tosquiados uma vez por ano e o pelo se misturava a outros materiais para a tecelagem de mantas e outros produtos têxteis.

Como o povo salish também usava cachorros de pelo curto parecidos com coiotes para caça e proteção, os cachorros lanosos eram mantidos separados em suas próprias ilhotas para impedir o cruzamento. Eles se alimentavam principalmente de salmão, o que contribuía para a pelagem espessa e lustrosa.

O Salish Wool foi extinto em meados do século XIX devido à introdução de ovelhas e máquinas de grande escala levadas pelos colonos europeus, mais uma vez comprovando que gente branca estraga tudo.

Poi Havaiano

Os cachorros foram levados ao Havaí pelos primeiros colonos polinésios entre 300 e 800 d.C. O cão Poi foi assim batizado devido à comida poi, um alimento comum feito de raiz de taioba. A carne era cara, então os cachorros se alimentavam sobretudo de poi. Já que não havia mamíferos grandes no Havaí e os cachorros não eram necessários para pastoreio nem proteção, eram principalmente usados como companhia, em especial para crianças. Normalmente, um filhote era dado a um bebê recém-nascido, e o bebê e o cachorrinho eram amamentados juntos, pois se acreditava que isso

incentivaria o cachorro a ter instintos mais protetores em relação à criança.

Por se alimentarem basicamente de amido, os Poi sofriam de muitos problemas de saúde, mas eram amigáveis e brincalhões. Eram pequenos, não latiam muito e costumavam ter barrigas grandes, distendidas e redondas por causa dessa dieta. Ao longo de gerações, as cabeças ficaram chatas, pois mastigar poi não exige músculos maxilares fortes. Às vezes, os cachorros também eram comidos como iguarias em cerimônias religiosas.

No início do século XX, o Poi foi extinto quando os colonizadores ocidentais começaram a invadir as ilhas da Polinésia e as ideias religiosas indígenas foram abandonadas. O Poi Havaiano foi cruzado com os cachorros dos colonos europeus e acabou sendo gradualmente substituído por meio de cruzamentos.

Antigo Buldogue Inglês

O Antigo Buldogue Inglês descendia de cães de guerra antigos como o Mastim e foi desenvolvido para esportes completamente horríveis e nojentos, como a rinha de touro e urso. O Mastim era lento demais para o esporte, então foi cruzado com o Galgo Inglês no século XII para originar o Antigo Buldogue Inglês.

O declínio da raça começou na Inglaterra com a Lei Contra a Crueldade Animal de 1835. Rinhas de cachorro e touro foram proibidas (já foi tarde), o que diminuiu o interesse em perpetuar o Antigo Buldogue Inglês e outras raças semelhantes, como seu equivalente alemão, o Bullenbeisser.

Apesar das leis proibindo rinha de cães, o esporte continuou por muitos anos. Criadores puseram em prática um cruzamento entre o Antigo Buldogue Inglês e o Antigo Terrier Inglês, criando um cão de

briga muito rápido e ágil. Essa nova espécie, chamada de Bull-e-Terrier, foi precursora do moderno Tull Terrier Inglês e do Pit Bull Americano, e seu surgimento acelerou a extinção do Antigo Buldogue Inglês.

Outro fator para a extinção da raça foi a adoção do Antigo Buldogue Inglês como animal de estimação. Como as pessoas preferiam cães de companhia menores, o Buldogue passou a ser cruzado com Pugs e Terriers, até chegar ao tamanho ideal de 3,5 quilos para Buldogues de estimação. Esses cachorros ficaram conhecidos como Buldogues Toy e eram populares entre a classe trabalhadora que queria cães, mas vivia em espaços apertados.

E aqueles cãezinhos adoráveis, enrugados, barulhentos e babões que eu sigo no Instagram? Não são Antigos Buldogues Ingleses? Mais ou menos. Tecnicamente, são Olde English Bulldogges, raça inventada por criadores nos anos 1970 para recriar o Antigo Buldogue Inglês, mas a versão original não existe mais.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Geral

ALBEE, Sarah. *Dog Days of History: The Incredible Story of Our Best Friends*. Washington, DC: National Geographic Kids, 2018.

AMERICAN KENNEL CLUB. Disponível em: <http://www.akc.org>.

BONDESON, Jan. *Amazing Dogs: A Cabinet of Canine Curiosities*. Ithaca: Cornell University Press, 2011.

COREN, Stanley. *Gods, Ghosts, and Black Dogs: The Fascinating Folklore and Mythology of Dogs*. Dorset: Hubble & Hattie, 2016.

_____. *The Pawprints of History: Dogs and the Course of Human Events*. Nova York: Free Press, 2000.

DERR, Mark. *A Dog's History of America: How Our Best Friend Explored, Conquered, and Settled a Continent*. Nova York: North Point Press, 2004.

THE DOG *Encyclopedia: The Definitive Visual Guide*. Nova York: DK Publishing, 2013.

HOBGOOD-OSTER, Laura. *A Dog's History of the World: Canines and the Domestication of Humans*. Waco: Baylor University Press, 2014.

MÉRY, Fernand. *The Life, History, and Magic of the Dog*. Nova York: Grosset & Dunlap, 1970.

MIKLÓSI, Ádám. *The Dog: A Natural History*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

WHITE, Emma. *A History of Britain in 100 Dogs*. Stroud: The History Press, 2017.

Domesticação canina

CHAN, Melissa. “The Mysterious History Behind Humanity’s Love of Dogs.” Time, 25 ago. 2016. Disponível em: <http://time.com/4459684/national-dog-day-historydomestic-dogs-wolves/>.

HANDWERK, Brian. “How Accurate Is *Alpha*’s Theory of Dog Domestication?” *Smithsonian.com*, 15 ago. 2018. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/how-wolves-reallybecame-dogs-180970014/>.

LALLENSACK, Rachael. “Ancient Genomes Heat Up Dog Domestication Debate.” *Nature*, 18 jul. 2017. Disponível em: <https://www.nature.com/news/ancient-genomes-heat-up-dogdomestication-debate-1.22320>.

YONG, Ed. “A New Origin Story for Dogs: The First Domesticated Animals May Have Been Tamed Twice.” Disponível em: <https://www.theatlantic.com/science/archive/2016/06/the-origin-of-dogs/484976/>.

Cachorros no Egito Antigo

DUNN, Jimmy. “The Dogs of Ancient Egypt.” *Tour Egypt.* Disponível em: <http://www.touregypt.net/featurestories/dogs.htm>.

MACDONALD, James. “For Pets in Ancient Egypt, Life Was Hard (or Really Easy).” *JSTOR Daily*, 1 jul. 2015. Disponível em: <https://daily.jstor.org/pets-ancient-egypt-life-hard-really-easy/>.

MARK, Joshua J. “Dogs in Ancient Egypt.” *Ancient History Encyclopedia*, 13 mar. 2017. Disponível em: <https://www.ancient.eu/article/1031/dogs-in-ancient-egypt/>.

Xoloitzcuintli

BECKER, Dr. Karen. “Hairless Dogs, Revered Since Ancient Times, Enjoy Modern-Day

Following.” *Healthy Pets*. 25 maio 2017. Disponível em: <https://healthypets.mercola.com/sites/healthypets/archive/2017/05/25/hairlessdog-breeds.aspx>.

ROMEY, Kristin. “This Hairless Mexican Dog Has a Storied, Ancient Past.” *National Geographic*, 22 nov. 2017. Disponível em: <https://news.nationalgeographic.com/2017/11/hairless-dog-mexico-xolo-xoloitzcuintli-Aztec/>.

“XOLOITZCUINTLI.” *DogTime.* Disponível em: <https://dogtime.com/dog-breeds/xoloitzuintli>.

Panhu

DHWTY. “A Loyal Companion and Much More: Dogs in Ancient China.” *Ancient Origins*, 27 nov. 2015. Disponível em: <https://www.ancient-origins.net/history-ancient-traditions/loyal-companion-and-much-more-dogsancient-china-004695>.

LIU JUE. “‘Tails’ of Ancient Dogs.” *The World of Chinese*, 27 fev. 2018. Disponível em: <https://www.theworldofchinese.com/2018/02/tails-of-ancient-dogs/>.

Argos, o cachorro da Odisseia

KOSMOS SOCIETY. “Dogs for the Ancient Greeks.” *Kosmos Society, Center for Hellenic Studies, Harvard University*. Disponível em: <https://kosmossociety.chs.harvard.edu/?p=35627>.

HIGGINS, Charlotte. “The Iliad and What It Can Still Tell Us About War.” *The Guardian*, 29 jan. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2010/jan/30/iliad-war-charlotte-higgins>.

MITCHELL, Stephen. “The Death of Argos.” *The New Yorker*, 16 set. 2013. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2013/09/23/the-death-of-argos>.

Rei Yudhithira e o cão folclórico indiano

MAHABHARATA, seção XXIII. “The Story of Yudhisthira (Dharmaraja).” Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/hin/m07/m07023.htm>.

MAHABHARATA, seção XCV. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100116130453/http://www.sacred-texts.com/hin/m01/m01096.htm> e <https://www.mahabharataonline.com/stories/mahabharata_character.php?id=59>.

Peritas

“ALEXANDER the Great and the Situation… The Great? Crash Course World History #8.” *CrashCourse*, 15 mar. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0LsrkWDCvxg>.

MARK, Joshua J. “Alexander the Great.” *Ancient History Encyclopedia*, 14 nov. 2013. Disponível em: <https://www.ancient.eu/Alexander_the_Great/>.

Pequinês

"HISTORY of the Pekingese." *Pekingese Central*. Disponível em: <https://pekingesecentral.com/history-of-the-pekingese/>.

"ORIGIN of Pekingese." *The Pekingese Club of America*. Disponível em: <http://thepekingeseclubofamerica.net/docs/origin.pdf>.

DIONNE, Mary-Jo. "The Pekingese: From the Palace to the People: The History Behind a Little Prince of a Puppy." *Modern Dog*. Disponível em: <https://moderndogmagazine.com/breeds/pekingese>.

O rei canino da Noruega

"THE DOG Who Was King of Norway." *Labrador Collectibles*, 29 abr. 2017. Disponível em: <https://www.labradorcollectibles.com/blogs/news/the-dog-who-was-king-of-norway>.

FRITZ, Robb. "History's a Bitch: A Dog Walk Through Time: This Dog Rules." *McSweeney's*, 26 out. 2011. Disponível em: <https://www.mcsweeneys.net/articles/this-dog-rules>.

LEBLANC, Tyler. "The Dog Kings of Scandinavia." *Modern Farmer*, 11 jun. 2014. Disponível em: <https://modernfarmer.com/2014/06/dog-kings-scandinavia/>.

O cão de são Roque

FILZ, Gretchen. “The Story of St. Roch, Patron Saint of Dogs and Dog Lovers.” *The Catholic Company*, 16 ago. 2017. Disponível em: <https://www.catholiccompany.com/getfed/st-roch-patron-of-dogs-6114>.

“ST. ROCCO, Patron Saint of Dogs.” Eco Hvar. Disponível em: <http://www.eco-hvar.com/en/highlights/81-st-rocco-patronsaint-of-dogs>.

Bruce, o cão de Roberto

COILE, Caroline. “Get to Know the Scottish Deerhound: Hound of the Moors.” *Dogster*, 23 nov. 2015. Disponível em: <https://www.dogster.com/lifestyle/get-to-know-thescottish-deerhound-hound-of-the-moors>.

PERRITANO, John. “10 Dogs Who Made History.” *HowStuffWorks.com*, 17 mar. 2018. Disponível em: <https://animals.howstuffworks.com/pets/10-dogs-who-made-history9.htm>.

“THE DOG Behind Braveheart—and the American Revolution!” *DogKnowledge.net*. Disponível em: <http://dogknowledge.net/dog-stories-and-facts/dog-stories/the-dog-behind-braveheart-and-theamerican-revolution.php>.

Cães dos conquistadores

"BECERRILLO (The Soldier Dog That Put the Conquistadors to Shame)." *EasyPet*MD. Disponível em: <https://www.easypetmd.com/becerrillo-soldier-dog-put-conquistadorsshame-sam-stall>.

"DOGS of the Conquistadors." *Weapons and Warfare*, 12 jan. 2019. Disponível em: <https://weaponsandwarfare.com/2019/01/12/dogs-of-the-conquistadors/>.

YUHAS, Alan. "Conquistadors Sacrificed and Eaten by Aztec-Era People, Archaeologists Say." *The Guardian*, 10 out. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/oct/10/conquistadors-sacrificed-eaten-aztecacolhuas>.

Pompey, o Pug

"BRAVE Pug of William of Orange." *Pup.com*. Disponível em: <https://www.pup.com/stories/brave-pug-of-william-of-orange/>.

O'CONNELL, Rebecca. "12 Fun Facts About Pugs." *Mental Floss*. Disponível em: <http://mentalfloss.com/article/64051/12-snuffly-facts-about-pugs>.

Urian, o Galgo

HISTORY.COM. “Henry VIII.” *History,* A&E *Television Networks,* 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.history.com/topics/british-history/henry-viii>.

JAN. “How the History of England Was Changed by a Dog.” *The Poodle (and Dog) Blog*, 26 fev. 2009. Disponível em: <https://thepoodleanddogblog.typepad.com/the_poodle_and_dog_blog/2009/02/how-the-history-of-england-waschanged-by-a-dog.html>.

Cães da Guerra Civil Inglesa

"THE DOGS of War: Prince Rupert and Sergeant Major General Boye." *EsoterX*, 1 jan. 2015. Disponível em: <https://esoterx.com/2015/01/01/the-dogs-of-war-princerupert-and-sergeant-major-general-boye/>.

GRUNDHAUSER, Eric. "375 Years Later, English Schoolchildren Still Learn About a Magic Propaganda Dog." *Atlas Obscura*, 22 mar. 2018. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/articles/princerupert-magic-dog-called-boy>.

"A SHORT History of Poodle Grooming." *Pedigree.com*. Disponível em: <https://www.pedigree.com/dog-care/dog-facts/a-short-historyof-poodle-grooming#>.

Diamond e Isaac Newton

MESSENGER, Stephen. “How Newton’s Spunky Dog Nearly Robbed Us of the Laws of Gravity.” *The Dodo*, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www.thedodo.com/isaac-newtonsdog-gravity-1236801516.html>.

“WHEN Sir Isaac Newton’s Dog Caused a Fire.” *Dog with Blog*. Disponível em: <https://dogwithblog.in/diamond-newtons-dog/>.

O cão xógun

“THE DOG Shogun, Tokugawa Tsunayoshi.” *JapanWorld*, 18 jul. 2015. Disponível em: <https://japanworld.info/blog/the-dog-shogun-tokugawa-tsunayoshi/>.

WALLIN, Lisa. “The Story of the Japanese Shogun Who Believed He Was a Dog in a Previous Life.” *Tokyo Weekender*, 1 nov. 2017. Disponível em: <https://www.tokyoweekender.com/2017/11/the-storyof-the-japanese-shogun-who-believed-hewas-a-dog-in-a-previous-life/>.

Barry, o São-Bernardo

BLUMBERG, Jess. “A Brief History of the St. Bernard Rescue Dog.” *Smithsonian.com*, Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/travel/a-brief-history-of-the-st-bernardrescue-dog-13787665/>.

“HISTORY of the Breed.” *Saint Bernard Club of America*. Disponível em: <https://saintbernardclub.org/history-and-breed-standard/history-of-the-breed/>.

KAS, Dimitri. “The St Bernard: The Making of an Alpine Legend.” *House of Switzerland*, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.houseofswitzerland.org/swissstories/history/st-bernard-making-alpine-legend>.

Cachorros da Casa Branca

LEE, Shaune. “A Dog’s Life for Laddie Boy.” *Boundary Stones, WETA*, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://blogs.weta.org/boundarystones/2018/08/20/dog%E2%80%99s-life-laddie-boy>.

PRESIDENTIAL PET MUSEUM. Disponível em: <http://www.presidentialpetmuseum.com>.

TEDESCHI, Diane. “The White House’s First Celebrity Dog.” *Smithsonian Magazine*, 22 jan. 2009. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/the-whitehouses-first-celebrity-dog-48373830/>.

Fortune, o Pug

COREN, Stanley. “The Dogs of Napoleon Bonaparte.” *Psychology Today*, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/canine-corner/201803/the-dogs-napoleon-bonaparte>.

MATHER, Ruth. “The Impact of the Napoleonic Wars in Britain.” *British Library*, 15 maio 2014. Disponível em: <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/theimpact-of-the-napoleonic-wars-in-britain>.

“THE CANINE Ups and Downs of Napoleon Bonaparte.” *National Purebred Dog Day*, 1 nov. 2017. Disponível em: <https://nationalpurebreddogday.com/the-canineups-and-downs-of-napoleon-bonaparte/>.

Seaman, Lewis e Clark

"SEAMAN." *National Park Service*, 10 abr. 2015. Disponível em: <https://www.nps.gov/jeff/learn/historyculture/seaman.htm>.

"TRAVEL the Lewis and Clark Trail: Seaman—Lewis's Newfoundland Dog." *LewisAndClarkTrail.com*. Disponível em: <http://lewisandclarktrail.com/seaman.htm>.

"WHAT Happened to Seaman After the Lewis and Clark Expedition?" *National Park Service*. Disponível em: <https://www.nps.gov/articles/what-happened-to-seaman-afterthe-lewis-and-clark-expedition.htm>.

Boatswain e Lord Byron

BOND, Geoffrey. “Byron and His Dogs—in Pictures.” *The Guardian*, 3 dez. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/gallery/2013/dec/03/byron-dogs-pictures>.

TAYLOR, Michelle M. “The Curious Case of ‘Epitaph to a Dog’: Byron and The Scourge.” *The Byron Journal*, v. 43, n. 1, 2015. Disponível em: <https://online.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/abs/10.3828/bj.2015.6?journalCode=bj&>.

WHITFIELD, David. “This Collar from Byron’s Dog Shows Its Battle Scars—from Fighting with the Poet’s Bear.” *NottinghamshireLive*, 3 nov. 2017. Disponível em: <https://www.nottinghampost.com/news/news-opinion/collar-byrons-dog-shows-battle-715429>.

Pavlov e o caso do cachorro marrom

DOSHI, Neel; MCGREGOR, Lindsay. “The Fallacy of Pavlov’s Dog.” *Psychology Today*, 5 nov. 2015. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/au/blog/primed-perform/201511/the-fallacy-pavlovs-dog>.

“THE PHYSIOLOGISTS vs. the Antivivisectionists: The Brown Dog Affair.” *The Psychological Society.* Disponível em: <http://www.physoc.org/sites/default/files/page/Info_Sheet_Brown_Dog_Affair.pdf>.

SPECTER, Michael. “Drool: Ivan Pavlov’s Real Quest.” *The New Yorker*, 17 nov. 2014. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2014/11/24/drool>.

WHITE, Emma. “The Brown Dog Affair.” *From A History of Britain in 100 Dogs*. Disponível em: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/the-brown-dog-affair/>.

Greyfriars Bobby

ALLEYNE, Richard. “The Legend of Greyfriars Bobby Really Is a Myth.” *The Telegraph*, 3 ago. 2011. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/8679341/The-legend-of-Greyfriars-Bobby-really-isa-myth.html>.

“GREYFRIARS Bobby: The Most Loyal of Little Dogs, or a Victorian Era Publicity Stunt?” *Atlas Obscura*. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/places/greyfriars-bobby>.

JOHNSON, Ben. “Greyfriars Bobby.” *Historic UK.* Disponível em: <https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofScotland/Greyfriars-Bobby/>.

Fido

"ABRAHAM Lincoln's Fido." *Presidential Pet Museum*. Disponível em: <http://www.presidentialpetmuseum.com/abraham-lincolns-fido/>.

COREN, Stanley. "Why Are Dogs So Frequently Called 'Fido'?" *Psychology Today*, 12 out. 2011. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/au/blog/canine-corner/201110/why-are-dogs-so-frequently-called-fido>.

GREENWOOD, Arin. "Abraham Lincoln Obsessed Over His Dog Just Like You Do." *Huffington Post,* 7 dez. 2017. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com.au/2015/04/14/abraham-lincoln-doganimal-lover_n_7055640.html>.

Primeiros abrigos dos Estados Unidos

BERSHADKER, Matt. “Telling the Full Story of America’s Animal Shelters.” *ASPCA blog*. Disponível em: <https://www.aspca.org/>.

CRONIN, Keri. “Her Convictions Were Positive”: The Legacy of Caroline Earle White.” *Unbound Project*, 13 out. 2016. Disponível em: <https://unboundproject.org/caroline-earle-white/>.

HECHT, Julie. “The History of Science in Animal Shelters.” *Dog Spies* (blog)*, Scientific American*, 30 abr. 2016. Disponível em: <https://blogs.scientificamerican.com/dog-spies/the-history-of-science-in-animal-shelters/>.

O cão de Alexander Graham Bell

GALLAUDET, Edward Miner. “The Milan Convention.” *American Annals of the Deaf*, n. 26, jan. 1881, pp. 1-16. Disponível em: <http://saveourdeafschools.org/edward_miner_gallaudet_the_milan_convention.pdf>.

MESSENGER, Stephen. “Before Inventing the Telephone, Alexander Graham Bell Tried to Teach His Dog to Talk.” *The Dodo*, 29 mar. 2014. Disponível em: <https://www.thedodo.com/before-inventing-thetelephone-489117573.html>.

ROSENWALD, Michael S. “Your iPhone’s Secret Past: How Cadaver Ears and a Talking Dog Led to the Telephone.” *The Washington Post*, 3 nov. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/retropolis/wp/2017/11/03/how-alexander-graham-bells-talkingdog-led-to-the-iphonex/?utm_term=.9687992cbecf>.

Bud Nelson

ADREA. “Bud Nelson Ready to Ride: First Dog to Drive Cross-Country.” *Life with Dogs*, 6 nov. 2016. Disponível em: <https://www.lifewithdogs.tv/2016/11/bud-nelson-ready-to-ride-first-dog-todrive-cross-country/>.

“BUD—the First Dog to Travel Across United States by Automobile.” *Wolfstoria*, 11 set. 2015. Disponível em: <https://www.wolfstoria.com/discover-these-doggies/bud-the-first-dog-to-travel-across-unitedstates-by-automobile/>.

“THE FIRST Dog to Drive Across America.” *National Purebred Dog Day*, 23 jul. 2016. Disponível em: <https://nationalpurebreddogday.com/first-dog-todrive-across-america/>.

Lizzie Borden

HAGEMAN, William. “Lizzie Borden, Animal Lover.” *Chicago Tribune*, 30 set. 2014. Disponível em: <https://www.chicagotribune.com/g00/lifestyles/pets/ct-pets-lizzie-0930-20141001-story.html?i10c.ua=1&i10c.encReferrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ-29vZ2xlLmNvbS8%3d&i10c.dv=2>.

“LIZZIE Borden and the Animal Rescue League of Fall River.” *The Animal Rescue League of Fall River*. Disponível em: <http://arlfr.com/lizzie-borden-and-arlfr>.

Stickeen

ENCYCLOPAEDIA BRITTANICA. “John Muir: Scottish-Born American Naturalist.” *Encyclopaedia Brittanica*, 17 abr. 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/John-Muir>.

MUIR, John. “Stickeen: The Story of a Dog by John Muir.” *EasyPetMD.* Disponível em: <http://www.easypetmd.com/doginfo/stickeen-story-dog-john-muir>.

Astros de cinema caninos

CHALAKOSKI, Martin. “Terry, the Ultraprofessional Canine Actor Who Played Toto, Earned More Than Most of The Wizard of Oz Cast.” Disponível em: <https://www.thevintagenews.com/2017/12/01/toto-the-wizard-of-oz/>.

“HOLLYWOOD Walk of Fame Honors Lassie, Rin Tin Tin, Strongheart… but Not Asta. A Travesty, We Say!” *L.A. Unleashed* (blog)*, Los Angeles Times*, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://latimesblogs.latimes.com/unleashed/2010/03/hollywood-walk-of-fame-dogs-lassie-rintin-tin-strongheart-but-no-asta.html>.

ORLEAN, Susan. “Rin Tin Tin: The Dog Who Charmed the World.” *The Telegraph*, 15 jan. 2012. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/culture/books/9010387/Rin-Tin-Tin-the-dogwho-charmed-the-world.html>.

Titanic

ARNOLD, Brandy. “Remembering the Dogs of the Titanic.” *The Dogington Post*, 12 abr. 2019. Disponível em: <https://www.dogingtonpost.com/dogs-on-the-titanic/>.

LOU, JoAnna. “Dogs of the Titanic: The Doomed Ship’s Survivors Included Three Canines.” *Bark*, jul. 2016. Disponível em: <https://thebark.com/content/dogs-titanic>.

WILSON, Andrew. “Why the Titanic Still Fascinates Us.” *Smithsonian Magazine*, mar. 2012. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/why-the-titanic-stillfascinates-us-98137822/>.

Cães terapêuticos

ALBRECHT, Brian. “Smoky of World War II Recognized by U.S. War Dogs Association.” *The Plain Dealer* (Cleveland), 13 out. 2017. Disponível em: <https://www.cleveland.com/metro/2017/10/smoky_of_world_war_ii_recogniz.html>.

“A HISTORY of Animal-Assisted Therapy.” *Alliance of Therapy Dogs*, 11 jul. 2018. Disponível em: <https://www.therapydogs.com/animal-therapy/>.

PELLEGRINI, Ann. “The Dogs of War and the Dogs at Home: Thresholds of Loss.” *American Imago*, v. 66, n. 2. 2009, p. 231-51. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26305498?seq=1#page_scan_tab_contents>.

Primeira Guerra Mundial

"CIGARETTE Dogs: Delivering Free Smokes." *Famous Dogs in History*, 19 maio 2016. Disponível em: <http://dogs-in-history.blogspot.com/2016/05/cigarette-dogs-deliveringfree-smokes.html>.

COLE, Linda. "Satan: The WWI Canine Hero Who Saved Lives at Verdun." *Canidae.com*, 10 nov. 2017. Disponível em: <https://www.canidae.com/blog/2017/11/satan-the-wwi-canine-hero-who-savedlives-at-verdun/>.

"THE GREAT War: 1914–1918." *K-9 History*. Disponível em: <https://www.k9history.com/the-greatwar-1914-1918.htm>.

Joy e os Románov

AZAR, Helen. “Romanov Family Pets.” *The Romanov Family*, 10 ago. 2015. Disponível em: <https://www.theromanovfamily.com/theromanov-family-pets/>.

BAKLITSKAYA, Kate. “Royal Dog Fled from Siberia into British Exile, Living in Shadow of Windsor Castle.” *The Siberian Times*, 21 jan. 2014. Disponível em: <http://siberiantimes.com/other/others/features/royal-dog-fled-from-siberia-into-britishexile-living-in-shadow-of-windsor-castle/>.

THORNHILL, Ted. “Great Escape of the Royal Spaniel: Remarkable Story of How the Last Tsar of Russia’s Dog Dodged Bullets as His Master Was Slaughtered by a Bolshevik Murder Squad… and Ended Up Living in Windsor.” *Daily Mail*, 27 jan. 2014. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2546612/Miracle-survival-Joyspaniel-escaped-Bolshevik-murder-squad.html>.

Guerra do Cachorro Fugido

"ROLL Over and Play Dead—The Ridiculous War of the Stray Dog." *Military History Now*, 7 set. 2012. Disponível em: <https://militaryhistorynow.com/2012/09/07/roll-over-and-play-dead-the-ridiculouswar-of-the-stray-dog/>.

"THE WAR of the Stray Dog: How Far Would You Go for Your Pet?" *Ridiculous History*, 5 mar. 2019. Disponível em: <https://www.ridiculoushistoryshow.com/podcasts/the-war-of-the-stray-dog-how-far-wouldyou-go-for-your-pet.htm>.

A corrida da misericórdia

"THE GREAT Race of Mercy." *The History of Vaccines*. Disponível em: <https://www.historyofvaccines.org/content/great-race-mercy>.

"IDITAROD: Celebrating the 'Great Race of Mercy' to Stop Diphtheria Outbreak in Alaska." *CDC 24-7, Centers for Disease Control and Prevention*. Disponível em: <https://www.cdc.gov/about/24-7/savinglives/diphtheria/index.html>.

Os Corgis reais

DOYLE, Mika. “The Queen’s Dorgis Are the Corgi Mix You Probably Never Knew Existed.” *Bustle*, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.bustle.com/p/the-queens-dorgis-are-the-corgi-mix-youprobably-never-knew-existed-13005179>.

GOLD, Michael. “8 Decades of British Royal Corgis Reportedly at an End.” *The New York Times*, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/04/18/world/europe/corgi-dogs-queen-elizabeth.html>.

NELSON, Brooke. “The Real Reason Queen Elizabeth II Has Owned So Many Corgis.” *Reader’s Digest*. Disponível em: <https://www.rd.com/culture/queen-elizabeth-corgis/>.

Buddy, o primeiro cão-guia

THE SEEING EYE. Disponível em: <https://www.seeingeye.org/>.

SHEA, Erin. “7 Things You Probably Didn’t Know About Guide Dogs.” *American Kennel Club*, 28 out. 2016. Disponível em: <https://www.akc.org/expert-advice/lifestyle/7-things-you-probably-didntknow-about-guide-dogs/>.

Reserva Hoover

ANTHONY, Mark. “Remembering Nig, the Hoover Dam Dog.” *The Vegas Tourist*, 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.thevegastourist.com/blog/remembering-nig-the-hoover-dam-dog/>.

“THE DOG Who ‘Owned’ Hoover Dam.” *RalieTravels*, 8 maio 2016. Disponível em: <https://ralietravels.wordpress.com/2016/05/08/the-dog-who-owned-hoover-dam/>.

“THE HOOVER Dam Dog: A Story.” *Vivienne’s Travel, Cultural, & Life Musings*. Disponível em: <http://www.viviennemackie.com/USAarticles/Hoover_Dam_Dog.html>.

Exército de cães falantes de Hitler

DAUGHERTY, Greg. “When Don the Talking Dog Took the Nation by Storm.” *Smithsonian Magazine*, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/when-don-talking-dog-took-nationstorm-180968867/>.

“NAZIS Tried to Train Dogs to Talk, Read and Spell to Win WW2.” *The Telegraph*, 24 maio 2011. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/newstopics/howaboutthat/8532573/Nazis-tried-to-train-dogs-to-talk-readand-spell-to-win-WW2.html>.

Robot e as pinturas rupestres de Lascaux

CHARJ, Charles. “Remembering Robot, the Dog Who Discovered a Trove of Prehistoric Art.” *Dogster*, 6 jul. 2012. Disponível em: <https://www.dogster.com/lifestyle/robot-the-dog>.

GROENEVELD, Emma. “Lascaux Cave.” *Ancient History Encyclopedia*, 6 set. 2016. Disponível em: <https://www.ancient.eu/Lascaux_Cave/>.

“THE MYTH Lascaux.” *Lascaux IV: International Centre for Cave Art.* Disponível em: <https://www.lascaux.fr/en/contenu/36-the-myth-lascaux>.

Segunda Guerra Mundial

BACKOVIC, Lazar. “Britain’s Luftwoofe: The Heroic Paradogs of World War II.” *Spiegel Online*, 17 dez. 2013. Disponível em: <https://www.spiegel.de/international/zeitgeist/the-parachuting-dogs-of-the-britisharmy-in-world-war-ii-a-939002.html>.

JOHNSON, Daniel. “‘Paradogs’ Lured with Meat Out of Aircraft Behind Enemy Lines in WWII.” *The Telegraph*, 3 maio 2019. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/history/world-war-two/10211307/Paradogs-lured-with-meat-out-of-aircraftbehind-enemy-lines-in-WWII.html>.

PALTZER, Seth. “The Dogs of War: The U.S. Army’s Use of Canines in WWII.” *National Museum of the u.s. Army*, 2 jun. 2016. Disponível em: <https://armyhistory.org/the-dogs-of-warthe-u-s-armys-use-of-canines-in-wwii/>.

Laika e cães espaciais

BEISCHER, D. E.; FREGLY, A. R. “Animals and Man in Space. A Chronology and Annotated Bibliography Through the Year 1960.” *Rubicon Foundation*, 1962. Disponível em: <http://archive.rubicon-foundation.org/xmlui/handle/123456789/9288>.

PERRITANO, John. “10 Dogs Who Made History.” *How Stuff Works*, 17 mar. 2018. Disponível em: <https://animals.howstuffworks.com/pets/10-dogs-who-made-history2.htm>.

“RUSSIAN Dogs Lost in Space.” *Space Today Online*. Disponível em: <http://www.spacetoday.org/Astronauts/Animals/Dogs.html>.

Martha e os Beatles

"PAUL McCartney's Dog Martha Is Born." *History.com, A&E Networks*. Disponível em: <https://www.history.co.uk/this-day-in-history/16-june/paul-mccartneys-dog-martha-is-born>.

"WILD Things: 11 Pets That Influenced Rock and Pop." *Rolling Stone*, 2 maio 2014. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-lists/wild-things-11-petsthat-influenced-rock-and-pop-19600/>.

Gompo

"BIOGRAPHY of Nelson Mandela." *Nelson Mandela Foundation*. Disponível em: <https://www.nelsonmandela.org/content/page/biography>.

GABLE, Dawn. "Nelson Mandela's Afro-Cuban Dog." *Havana Times*, 20 jul. 2012. Disponível em: <https://havanatimes.org/?p=74709>.

LAUNDER, Mimi. "13 Things You Should Know About Nelson Mandela." *Indy100* (blog)*, The Independent*, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://www.indy100.com/article/nelson-mandela-birthday-anniversarycentenary-apartheid-8451571>.

Resgates do Onze de Setembro

AKC. “Meet the 9/11 Dogs: Roselle, Who Helped Her Blind Partner Escape the WTC.” *American Kennel Club*, 11 set. 2015. Disponível em: <https://www.akc.org/expert-advice/news/meet-the-9-11-dogs-roselle-who-helpedher-blind-partner-escape-the-wtc/>.

EDWARDS, Anna. “The 9/11 Rescue Dogs: Portraits of the Last Surviving Animals Who Scoured Ground Zero One Decade On.” *Daily Mail*, 5 set. 2011. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2033628/Surviving-9-11-rescuedogs-scoured-Ground-Zero-bodiescommemorated-decade-difficult-mission.html>.

“REMEMBERING the Four-Legged Heroes of the 9/11 Rescue and Recovery.” *9/11 Memorial & Museum*, 24 maio 2017. Disponível em: <https://www.911memorial.org/blog/remembering-four-legged-heroes-911-rescue-and-recovery>.

Snuppy

HESS, Peter. “Scientists Make Even More Clones of Snuppy, the First Cloned Dog.” *Inverse*, 21 nov. 2017. Disponível em: <https://www.inverse.com/article/38620-snuppy-dogclone-afghan-hound-seoul-dolly>.

LATSON, Jennifer. “What Happened to the First Cloned Puppy.” *Time*, 24 abr. 2015. Disponível em: <http://time.com/3822573/snuppy/>.

OSBORNE, Hannah. “World’s First Cloned Dog Used to Make More Cloned Dogs so Scientists Can See What Happens.” *Newsweek*, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://www.newsweek.com/dogs-clonedsnuppy-worlds-first-cloned-dog-720725>.

Rupee

GROSSMAN, Samantha. “Meet the First Dog to Climb Mt. Everest (Spoiler: He’s Adorable).” *TimeNewsfeed* (blog), *Time*, 12 nov. 2013. Disponível em: <http://newsfeed.time.com/2013/11/12/meet-the-first-dog-toclimb-mt-everest-hint-hes-adorable/>.

SCHMITZ, Ashleigh. “Meet Rupee, the First Dog to Ever Climb Mt. Everest.” *Parade*, 13 nov. 2013. Disponível em: <https://parade.com/228971/ashleighschmitz/meet-rupee-the-first-dog-to-ever-climbmt-everest/>.

Cães extintos

CARLSON, Tom. “These 21 Old Dog Breeds No Longer Exist Today… But You’ll Wish They Were Still Around.” *Honest to Paws*. Disponível em: <http://honesttopaws.com/extinctdogs-breeds/2/?as=
538Steam&pas=113>.

CLARK, Mike. “What Are Bully Dog Breeds?” *DogTime*. Disponível em: <https://dogtime.com/reference/60537-bully-dogbreeds>.

“HAWAIIAN Poi Dog.” *Dog Breed Info*. Disponível em: <https://www.dogbreedinfo.com/hawaiianpoidog.htm>.

“ST. JOHN’S Water Dog.” *EasyPetMD*. Disponível em: <http://www.easypetmd.com/doginfo/st-johns-water-dog>.

SHRUMM, Regan. “Salish Woolly Dog.” *The Canadian Encyclopedia*, 11 fev. 2019. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/salish-woolly-dog>.

MACKENZI LEE é bacharel em história e autora de ficção e não ficção. Além de *A história do mundo em cinquenta cachorros*, ela escreveu *O guia do cavalheiro para o vício e a virtude*, *The Lady's Guide to Petticoats and Piracy* e *Bygone Badass Broads: 52 Forgotten Women Who Changed the World*.

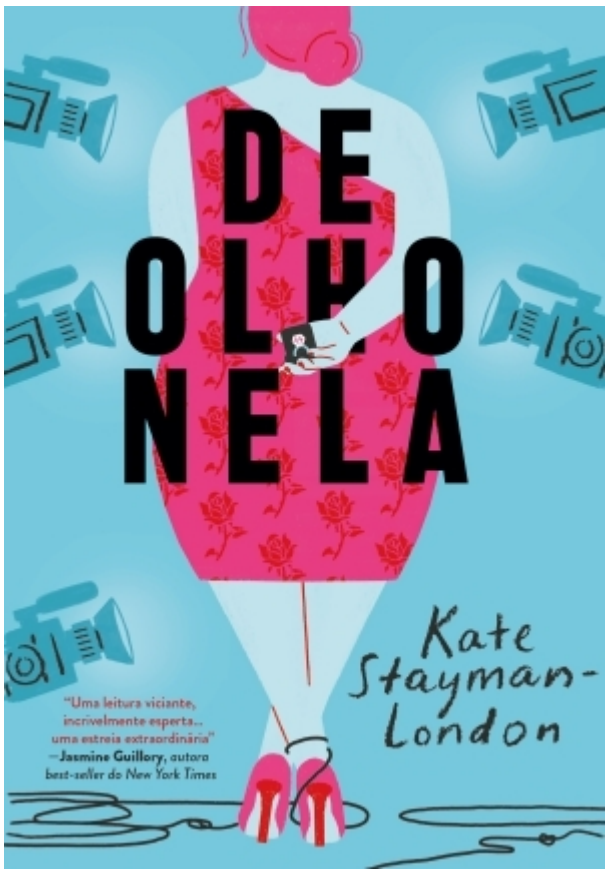
Copyright © 2019 by Mackenzi Lee
Copyright das ilustrações © 2019 by Petra Eriksson
Publicado mediante acordo com Abrams Image, um selo de Harry N. Abrams, Inc.
Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The History of the World in Fifty Dogs
CAPA Danielle Youngsmith
ILUSTRAÇÕES Petra Eriksson
PREPARAÇÃO Andréa Bruno
REVISÃO Marcia Moura e Renata Lopes Del Nero
VERSÃO DIGITAL Rafael Alt
ISBN 978-65-5782-163-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela


DE OLHO NELA
Kate Stayman-London
"Uma leitura viciante, incrivelmente esperta... uma estreia extraordinária"
—Jasmine Guillory, autora best-seller do New York Times

De olho nela

Stayman-London, Kate
9786557821978
384 páginas

Compre agora e leia

Um dos melhores livros do ano segundo *Time, Marie Claire, NPR* e *Mashable*.

"Uma leitura viciante, incrivelmente esperta… uma estreia extraordinária" — Jasmine Guillory, autora best-seller do *New York Times*

Bea Schumacher é uma blogueira de moda plus size que tem amigos maravilhosos, uma família dedicada, uma legião de seguidores… e um coração partido. Para se distrair, toda semana ela acompanha o viciante reality show É Pra Casar, em que uma pessoa busca o amor verdadeiro entre vinte belos pretendentes. Justo quando Bea desiste de vez de procurar pelo amor, ela recebe uma proposta intrigante: É Pra Casar quer que ela seja a próxima estrela do programa. Bea concorda, mas com uma condição: ela não vai se apaixonar de jeito nenhum. O que ela quer é dar mais visibilidade para sua carreira e para outras mulheres plus size, inspirando pessoas no país inteiro a se aceitarem.
Mas, quando as câmeras começam a rodar, ela percebe que as coisas serão mais complicadas do que ela esperava… Em uma narrativa montada a partir de tweets, roteiros e blogs de fofocas, Kate Stayman-London nos convida a mergulhar no mundo incrivelmente real de Bea.

Compre agora e leia

NINA BROCHMANN E
ELLEN STØKKEN DAHL
VIVA A VAGINA
TUDO QUE VOCÊ
SEMPRE QUIS
SABER
TRECHO GRATUITO
pa ra le la

Viva a vagina - Trecho gratuito

Brochmann, Nina 9788554510497
48 páginas Compre agora e leia

Um convite para conhecer seu corpo melhor: neste **trecho exclusivo** em e-book do livro *Viva a vagina*, você irá começar a entender um pouco melhor o aparelho sexual feminino. Descubra a linguagem divertida e informativa de Nina Brochmann e Ellen Støkken Dahl, duas estudantes de medicina que se uniram para desmistificar e esclarecer todos os mistérios e mal entendidos que afetam a saúde e bem estar das mulheres. Se gostar, continue a leitura em *Viva a vagina*.

Compre agora e leia

"Talia Hibbert é uma estrela! Sua escrita é inteligente, engraçada e sexy, mas, acima de tudo, ela vai fazer você se apaixonar por seus personagens maravilhosamente imperfeitos, que são tão reais que você vai querer abraçá-los."
MEG CABOT, autora best-seller de O diário da Princesa
ACORDA PRA
VIDA,
CHLOE
BROWN
TALIA HIBBERT

Acorda pra vida, Chloe Brown

Hibbert, Talia
9786557821732
296 páginas

Compre agora e leia

Uma deliciosa comédia romântica que mostra que coisas incríveis podem acontecer se você se abrir à descoberta — de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Depois de quase ser atingida por um carro em alta velocidade, Chloe Brown se deu conta de que seu obituário seria um tanto entediante. Para reverter essa situação, ela decide montar uma lista de atividades necessárias para finalmente "acordar para a vida". Mudar assim não é nada fácil, mas, para sua sorte, Chloe encontra alguém que — mesmo a contragosto — pode ajudá-la nessa missão. Seu vizinho Red Morgan é um motoqueiro misterioso, que tem várias tatuagens e mais sex appeal que uma estrela de Hollywood.
No entanto, um acordo leva Chloe e Red a se aproximarem e perceberem que suas primeiras impressões um do outro estavam erradas. E que, mesmo com traumas do passado e receios quanto ao futuro, o amor nunca perde a chance de surpreender.

"Talia Hibbert é uma estrela! Sua escrita é inteligente, engraçada e sexy, mas, acima de tudo, ela vai fazer você se apaixonar por seus personagens maravilhosamente imperfeitos, que são tão reais que você vai querer abraçá-los." — Meg Cabot, autora best-seller de *O diário da Princesa*

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia

CORAÇÃO-
GRANADA
JOÃO
DOEDERLEIN
@akapoeta
AUTOR DO BEST-SELLER
o livro dos ressignificados

Coração-granada

Akapoeta
9788554512071
216 páginas

Compre agora e leia

Combinando novos ressignificados e poemas, @akapoeta volta a encantar o leitor com seus textos cheios de sensibilidade e poesia.

O amor (correspondido ou não) mexe com nossa alma e nosso corpo. A ansiedade, quando nos toma de assalto, também. Outro ponto em comum: os dois fizeram e continuam fazendo artistas de todos os tipos produzirem criações capazes de gerar reflexão e também de dar sentido ao que, muitas vezes, parecia já não ter. É o caso de @akapoeta, pseudônimo de João Doederlein, neste seu segundo livro. Nele o jovem escritor fala de paixões e crises de ansiedade e da relação entre ambas, com a mesma delicadeza que transformou a sua obra de estreia, *O livro dos ressignificados*, em um best-seller com mais de 60 mil exemplares vendidos. Nesse novo livro, ele combina novos ressignificados com poemas curtos e longos, voltando a encantar o leitor com sua escrita acessível e, ao mesmo tempo, impactante.

Compre agora e leia

o livro
dos
ressignificados
@akapoeta
João Doederlein

O livro dos ressignificados

Akapoeta
9788543810324
216 páginas

Compre agora e leia

Releituras poéticas em que experiências pessoais com substantivos, adjetivos e verbos pesam mais do que a objetividade dos dicionários.

Antes aprisionadas na formalidade dos dicionários, palavras como "girassol", "Deus", "sonho", "tatuagem", "cafuné" e muitas outras são libertadas por João Doederlein — que assina com o pseudônimo Akapoeta — neste seu primeiro livro. Elas são repensadas a partir das experiências pessoais do autor, de vinte anos, e de sua geração, mesclando romantismo bem resolvido, paixão, isolamento e um dia a dia que respira tecnologia e cultura pop.
Combinando textos que se tornaram sucesso nas redes sociais com material inédito, o autor acha novos significados para os signos do zodíaco, para clichês indispensáveis como "paixão" e "saudade" e para as atualíssimas "match" e "crush". Uma história de amor correspondido entre um jovem e sua musa — a escrita.

Compre agora e leia